REVISTA DA SEMANA

Nº 3 21-1-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil

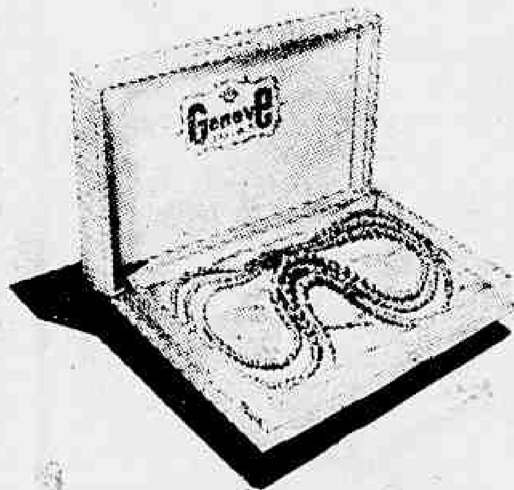


NO TEXTO:

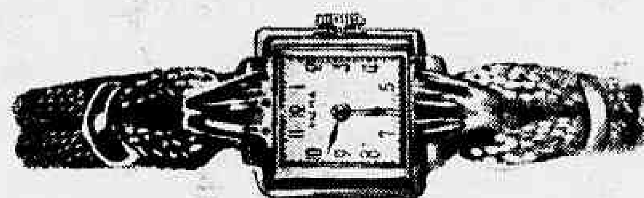
A U D N POR FÓRA E POR DENTRO

GENEVE JOIAS

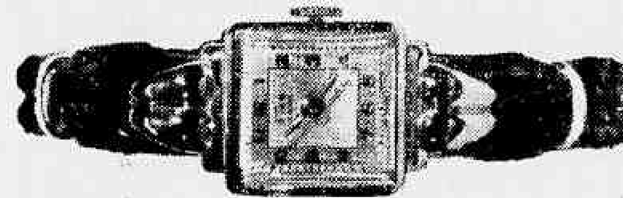
OFERECE PELO REEMBOLSO POSTAL ★ PARA TODO O BRASIL ★ SEM DESPESAS DE PORTE PARA O COMPRADOR



Colares de pérolas de fabricação francesa, com lindos fechos cravejados de pedras, última moda. Uma volta, **Cr$ 50,00; 2 voltas, Cr$ 95,00; 3 voltas, Cr$ 140,00. Cada colar é** acompanhado de um belíssimo estojo forrado de sêda.



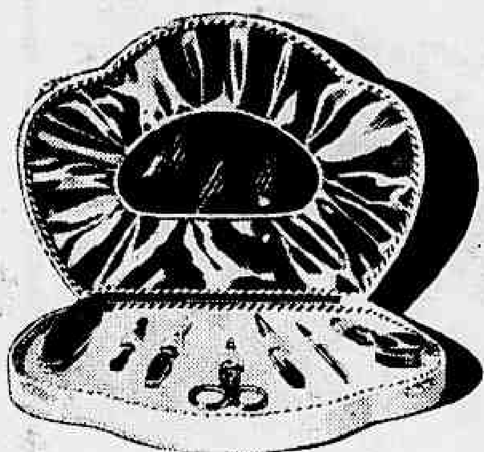
NÚMERO 2/180/10
Relógio cromado para senhora, suíço, com rubis, fundo de aço inoxidável, cordonet de sêda, vidro côncavo, modêlo de luxo. **Preço Cr$ 295,00**



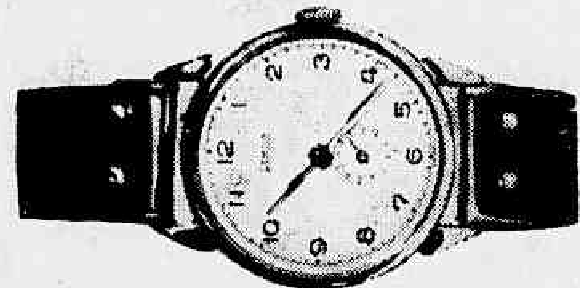
NÚMERO 63/500
Relógio suíço p/senhora, FISO, âncora 15 rubis, folheado a ouro, fundo de aço inoxidável, vidro côncavo, co.donet de sêda, anti-magnético de rara beleza. **Preço Cr$ 340,00**



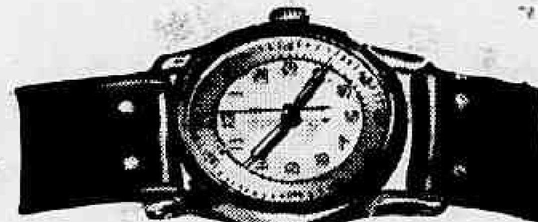
NÚMERO 934/25
Talheres próprios para criança em lindo estojo de madeira colorida, com motivos infantis, contendo uma faca, um garfo e uma colher de alpaca prateada. Um presente de utilidade. **Preço Cr$ 78,00**



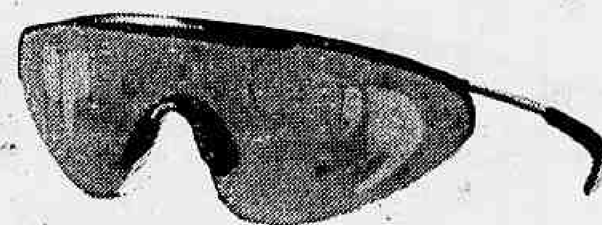
NÚMERO 34/210
Estojo para unhas, com espêlho forrado de veludo e sêda, maravilhoso conjunto de 8 peças, de metal cromado. Inclusive duas tesouras para unhas e cutículas. **Preço: Cr$ 330,00**



NÚMERO 85/290
Relógio suíço de pulso para homem, Sorna, 15 rubis, cromado, fundo de aço inoxidável, anti-magnético, ótima qualidade. **Preço Cr$ 275,00**



NÚMERO 160/169
Relógio suíço, de precisão, de pulso, para homem, marca Cimier, mostrador cronométrico, luminoso, com ponteiro central de segundo. **Preço Cr$ 110,00**

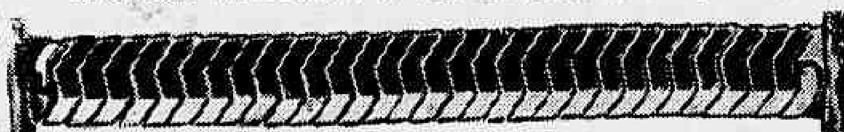


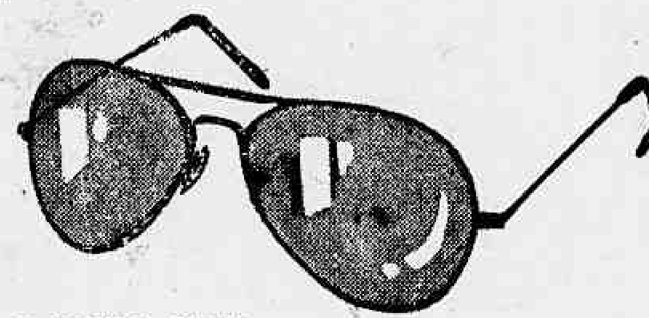
NÚMERO 625/50
Óculos para sol, tipo "Polaroid", folheados a ouro. Vidros verdes, inquebráveis. Com estojo de couro. **Preço: Cr$ 110,00**



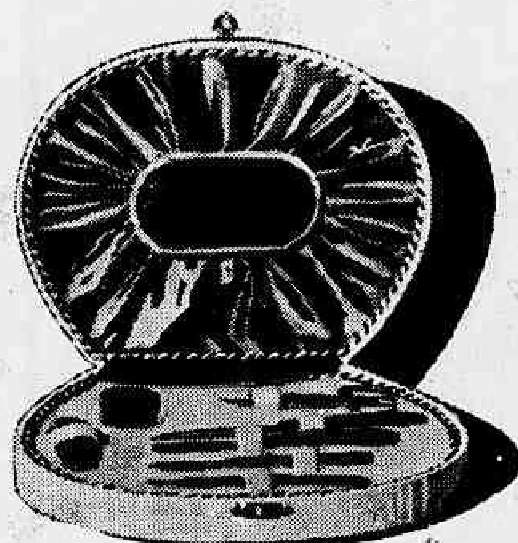
NÚMERO 200/65
Pulseira elástica para homem, chapeada a ouro, fundo de aço inoxidável. **Preço: Cr$ 110,00**
Cromada, com fundo de aço inoxidável. **Preço Cr$ 95,00**

NÚMERO 236/39
Pulseira elástica para homem, chapeada a ouro e cromada, fundo de aço inoxidável, marca "North".
Preço:
Chapeada a ouro Cr$ 120,00
Cromada Cr$ 100,00

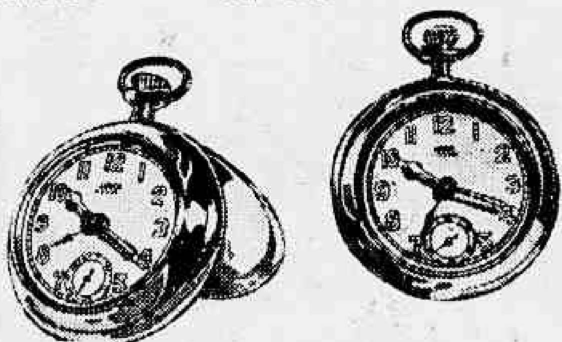




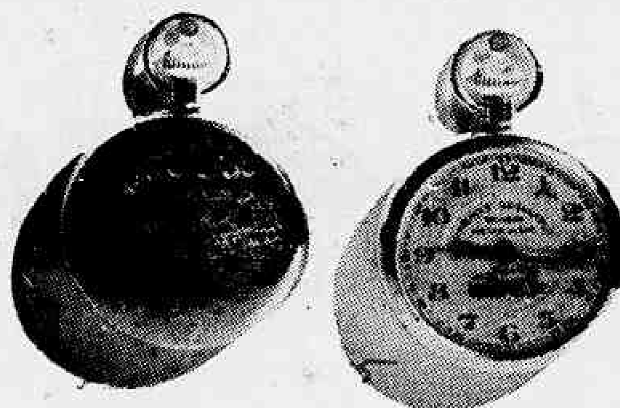
NÚMERO 656/25
Óculos para sol, tipo Ray-ban, folheado a ouro, vidros verdes. **Preço: Cr$ 65,00**



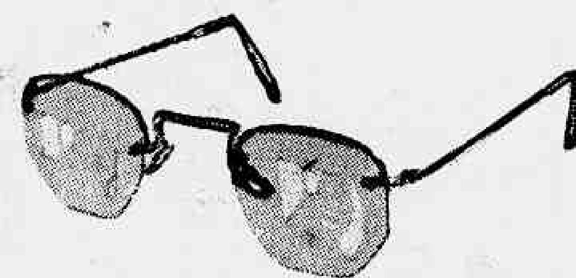
NÚMERO 32/180
Estojo para unhas, forrado de sêda, com espêlho, 8 peças, de cabo de galalite. Inclusive tesoura. De finíssimo acabamento. **Preço: Cr$ 160,00**



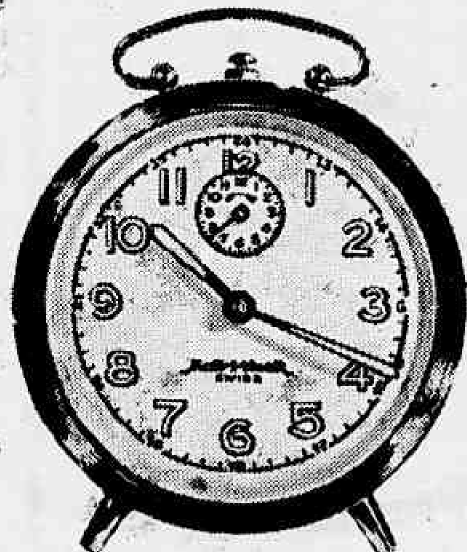
NÚMERO 301/5 — Relógio despertador de bolso, suíço, marca ACORDA, com 4 rubis, cromado, mostrador luminoso. Este relógio, além de possuir um dispositivo para despertar, possui também tôdas as características dos mais modernos relógios de bolso. Abrindo-se a tampa pode ser usado como relógio de cabeceira. **Preço: Cr$ 200,00**



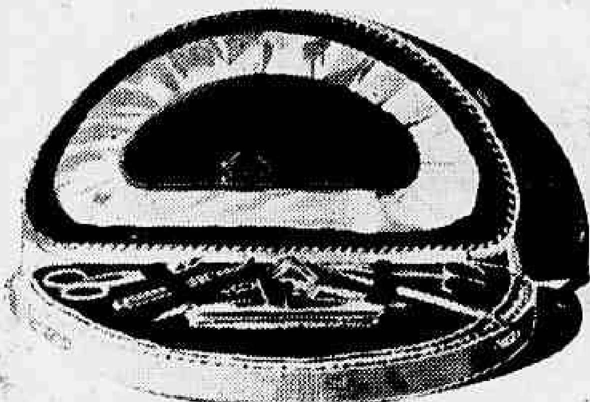
NÚMERO 235/18
Relógio suíço de bolso, cromado, com gravura Estrada de Ferro. **Preço: Cr$ 118,00**



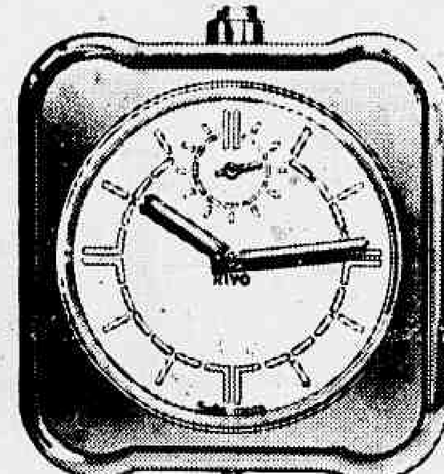
NÚMERO 676/25
Óculos para sol, sem aro. Vidros verdes, hastes folheadas a ouro. **Preço: Cr$ 90,00**



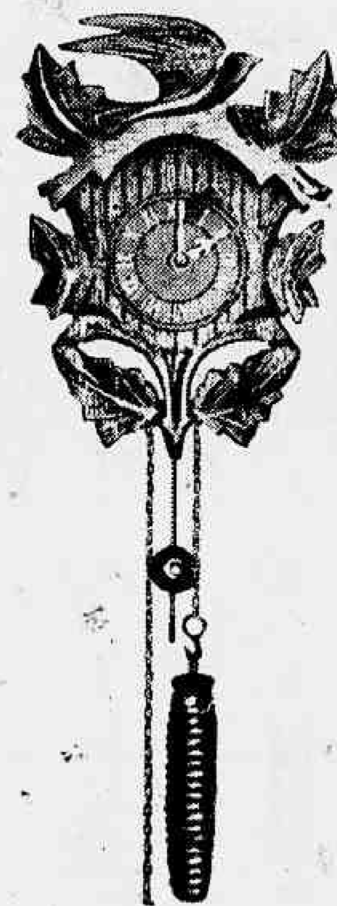
NÚMERO 1.???
Despertador suíço com mostrador luminoso, marca SWITO.
Preço: Cr$ 110,00



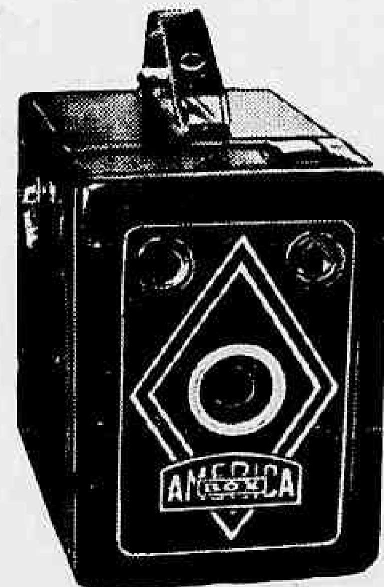
NÚMERO 33/200
Estojo para unhas, forrado de sêda, com espêlho, 8 peças de galalite. Inclusive tesoura. De finíssimo acabamento. **Preço: Cr$ 190,00**



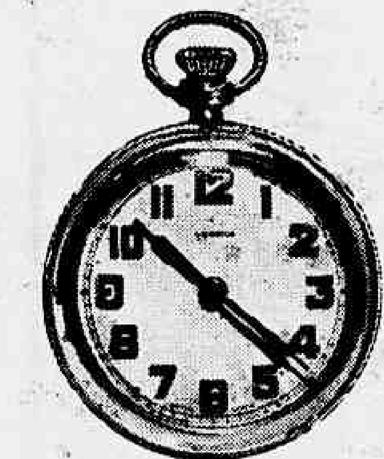
NÚMERO 16/214
Despertador suíço da afamada marca RIVO, em quatro belíssimas côres: azul, rosa, dourado e verde, com o mostrador luminoso. Último palavra em técnica e beleza. **Preço: Cr$ 200,00**



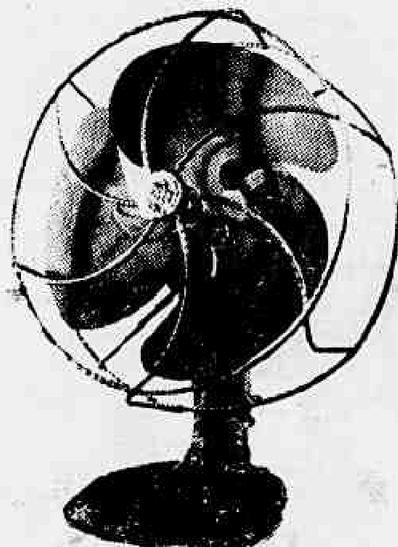
NÚMERO 5.110/30
Relógio estilístico de parede, todo de madeira envernizada, tipo cuco, verdadeira obra de arte e perfeição de acabamento. 29 cm. de altura por 18 cm. de largura. **Preço: Cr$ 210,00**



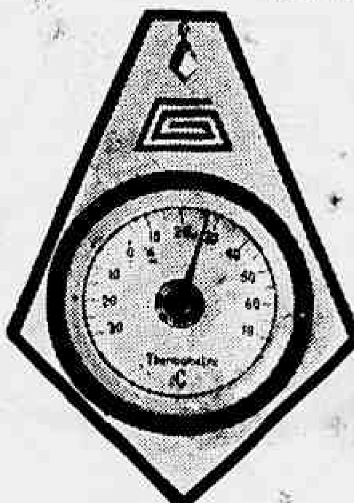
NÚMERO 3.200/12
Máquina fotográfica, marca América Box, dois visores, tirando fotografias de 6x9. Pose ou instantâneo. Filtro para paisagem, embutido automático. Filme 120. **Preço: Cr$ 180,00**



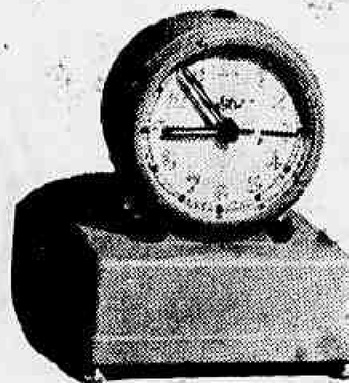
NÚMERO 260/44
Relógio suíço de bolso, marca Gencia, todo folheado a ouro, mostrador branco, com os números e ponteiros dourados, modêlo muito original. **Preço: Cr$ 130,00**



NÚMERO 370/11
Ventiladores silenciosos todo de metal, motor com tampa cromada. Correntes de 220 e 120. Altura: 30 cm.: **Cr$ 3?0,00.** Altura: 25 cm.: **Cr$ 280,00.**



NÚMERO 476/25
Termômetro de parede, fabricação francesa, de grande utilidade para medir a temperatura do ambiente. **Preço: Cr$ 75,00**



NÚMERO 940/6
Despertador com caixa de música, suíço, mostrador luminoso, despertador tocando linda melodia, ótimo funcionamento. **Preço: Cr$ 360,00**



NÚMERO 240/20
Relógio estilístico de parede, todo de madeira envernizada, tipo cuco, uma verdadeira obra de arte e perfeição de acabamento. Dimensões 22 cm. de altura e 16 cm. de largura. **Preço: Cr$ 220,00**

GENEVE JOIAS — RUA TUPINAMBÁS, 351 - 9.º Andar - Sala 921, Edifício I.A.P.I. - Belo Horizonte - Minas Gerais

PASTORIL DE 1900

— Vai-se ou não ao Pastoril, hoje?

— E eu perco um sábado! Estarei rente lá, daqui a pouco. Vou mudar a roupa que o dia foi puxado no balcão.

— Neste tempo de festa não se chega para as encomendas. Mas, a que Pastoril você se bota? Ao da Volta da Tôrre?

— Não. Prefiro o da Encruzilhada.

— Eu não suporto aquêle Herotildes...

— Que importa êsse tipo. Sou apaixonado é da "Mestra", a Xanduzinha.

— Ora mestra!... Cordão encarnado logo vi! Por isto é que dou preferência à Tôrre... Lá, a "Contra" é a Argentina... E que Contra!... Uma morena que faz a gente se derreter de entusiasmo...

— Pois que seja muito feliz com o seu Azul... "A côr celestial"... lirismos... Não me seduz o convívio com os anjos... Atrai-me é a côr de sangue, da vida...

— Não vá brigar, antes de chegar ao Pastoril, por favor!...

E, como tantos outros enfeitiçados pelo Pastoril, aquêles moços de 1900 e pouco, tomam, após a luta do trabalho dêsse sábado das proximidades de Natal o seu bondezinho de burros ou a sua maxambomba de Olinda, a caminho do arrabalde de seu interêsse. O Pastoril dessa época mostrava ainda o encanto de sua transição do "presepe", de cunho religioso, para um divertimento profano, maldoso mesmo, mas ainda guardando um quê da ingenuidade de origem nas toadas de suas jornadas, na vestimenta de suas pastoras, umas de saiotas azuis, outras de vermelho, a tangerem seus pandeiros enfeitados.

— Duas entradas, por favor seu Joca!

— Uma outra para mim.

— Tenha paciência! Eu sou um só!

— Oh! Já por aqui também?

— E então?!

— Não me lembrava que é caído pela "Diana"...

— Quanto você pela segunda do encarnado... Aquela de narizinho arrebitado.

— Vamos entrando. Já começou.

Boa noite, meus senhores
Viemos cumprimentar
Que já é chegada a hora
Nós queremos vadiar.

— Bravos da Mestra!

— Via a Diana!

— A Contra sempre na ponta!

— E' o azul!

— E' o encarnado.

— Bravos...

Eu sou como sou a Diana
Dos bosques venho saindo
Venho saindo
A procura de uma rosa
Que anda me seduzindo
Me seduzindo.

Eu vou chamar
As minhas companheiras
Com elas é que eu formo
As minhas brincadeiras...

— O Azul no seu jardim... O encarnado comendo capim!...

— O Encarnado no seu palacete... O Azul levando cacete...

— Começam as provocações... Não sabem se divertir sem barulho.

— E' a cachaça esquentando na cabeça.

— E vejam só quem está puxando barulho!... Aquêle filho do major...

— Aquilo é aluado. Como o pai é rico, abusa em tôda parte. Faz sangangus e rouba até as pastoras no cabriolé do pai.

— Inda outro dia quebrou lonca das barracas, deu na cara de um rapaz e o subdelegado em vez de prender êle ainda o levou garantido para a casa porque queriam tirar uma desforra.

— Acaba mal. Quem com muitas pedras bole...

— Os valentões encontram sempre outro mais destemido...

—Mas, menino, a danadinha da "Borboleta", hoje, está de machucar a gente. Bonita de cara e de corpo.

— E com uma voz!...

Ao romper da aurora
Ao romper do dia
Vamos tôdas, companheiras,
Passear com alegria.

Quá... quá... quá... quá...
Vamos tôdas abanar...
Tirem os leques da cintura

— Lá vem o Velho!

Alerta! Alerta!

Rapaziada!
Olha a cacimba
Lava o rosto na calçada.
A noite de ontem
Foi muito boa
E a de hoje
Não vale nada!

— Bravos da Mestra!

— Viva a Contra-Mestra!

— Bote em leilão a flôr da Contra-Mestra.

— Eu quero o laço de fita da cintura da Terceira Azul. Dou 20 bagarotes.

— "Carma", minha gente... Primeiro o cravo da Mestra... Cheiroso que nem ela.

— Muito bem...

Primeiro a Mestra
E' a Rainha.

— Quanto dão pelo cravo cheiroso da Mestra?

— Dou 5$000.

— Eu subo para 6$.

— Para mim. 8$.

— Arredondo para 10$.

— Rapaz, abra o ôlho... Não é fiado, não!... Você tem mesmo 10?

— História dele... O papai só deu 5 tostões para êle comprar cocadas...

— Eu tenho dinheiro até para comprar você, seu...

— Chi! O galinho garnizé está querendo meter o esporão, hein?

— Deixem de brabeza... Olhe o cravo da Mestra. Quem dá mais?

— Dou 50$.

— E' o filho do Major...

— Aquêle vive de bolso cheio.

— Pudera não! O pai vende tudo caro aos pobres! Tira das nossas costas as doidices do rapaz.

Tome o cravo, seu moço. Me dê os cem...

As pastoras vão cantar outra jornada.

Bate asas canta o galo
Dizendo Cristo nasceu.
Cantam os Anjos nas alturas
Gloria in excelsis Deo.

Vamos correndo vamos
Correndo vamos para Belém.
Vamos ver se é nascido
Jesus nosso Bem.

As horas da noite muito estreladas vão decorrendo numa animação a crescer no Pastoril. Vão entrando novos espectadores. Famílias assistem à função, participando do "partido" do azul ou do encarnado, pôsto meio receiosos das das brigas. O interêsse geral é permanente e

— A Libertina em cena para cantar!

— A Libertina!

— Ela tem uma voz de rouxinol!

— Você já ouviu rouxinol? Besteira! Ela canta é que nem sabiá!

— Bravos!...

Perto do céu com os passarinhos
Habito um quarto, alegremente,
Pela manhã, com mil carinhos,
Vem dar-me o sol um beijo ardente.
Vejo dois olhos frente a mim
Que brilham mais do que uma estrêla,
O paraíso eu vejo, enfim, (bis)
Pela janela.

E a linda cançoneta, tão em voga, decorre entre vivíssimos aplausos.

Agora uma outra conhecida melodia se faz ouvir:

Oh! que festa!
Oh! que festa!
Oh que festa com amor!
Quem agora vai sair
E' o nosso Bom Pastor

E logo ao aparecer o Pastor êle entoa:

Sou pastor, sou fazendeiro,
Pras bandas do Giquiá
Vim saber, aqui, ligeiro,
A Encruzilhada como está.

Outras cançonetas se seguem, entremeando as jornadas. E' o teatro a querer empolgar o pastoril. Cançonetas e monólogos como o

Meu bem estou cortado aí?

Mas as jornadas retomam seu tom gracioso:

Venham todos
Moços e velhos,
Venham todos
Apreciar.

Como isto é bom!
Como é gostoso!
Como isto é bom
Como é apetitoso.

Olhai, olhai.
Examinai
Como isto é bom
E' bom de mais...

O Velho continua a lançar suas graçolas com mais ou menos chiste. E oferece novas flores a leilão em benefício de outras pastoras. Os partidários arregimentam-se e crescem suas ofertas, querendo suplantar os anteriores lances. Tôda a multidão vibra aquecida pelo entusiasmo e pelas libações.

Mas, o que é bom dura pouco... diziam os fans do pastoril. A madrugada pronuncia-se. Na barra do dia há uns começos de claridade. Famílias já se retiram com sono ou receio das cenas nem sempre castas do fim... Redobram os viras:

— E' sempre o Azul!

— Ninguém mata o Encarnado!

A noite finda. As pastoras entoam a jornada final:

Às 5 horas da manhã
Quando vem rompendo a aurora
Os anjos cantam no céu
E as pastorinhas vão embora...

Adeus rapaziada,
Que eu não vim para ficar...
As moças são deliciosas
As faces côr de rosa
E lindas para... casar.

Misto de fadiga, de sensualidade, de pena... Uma saudade a mais. Contudo uma viva esperança.

—Sábado que vem vai ser ainda melhor!

— Vamos botar a Contra-Mestra num trono.

— Que importa? A Mestra estará é nas nuvens.

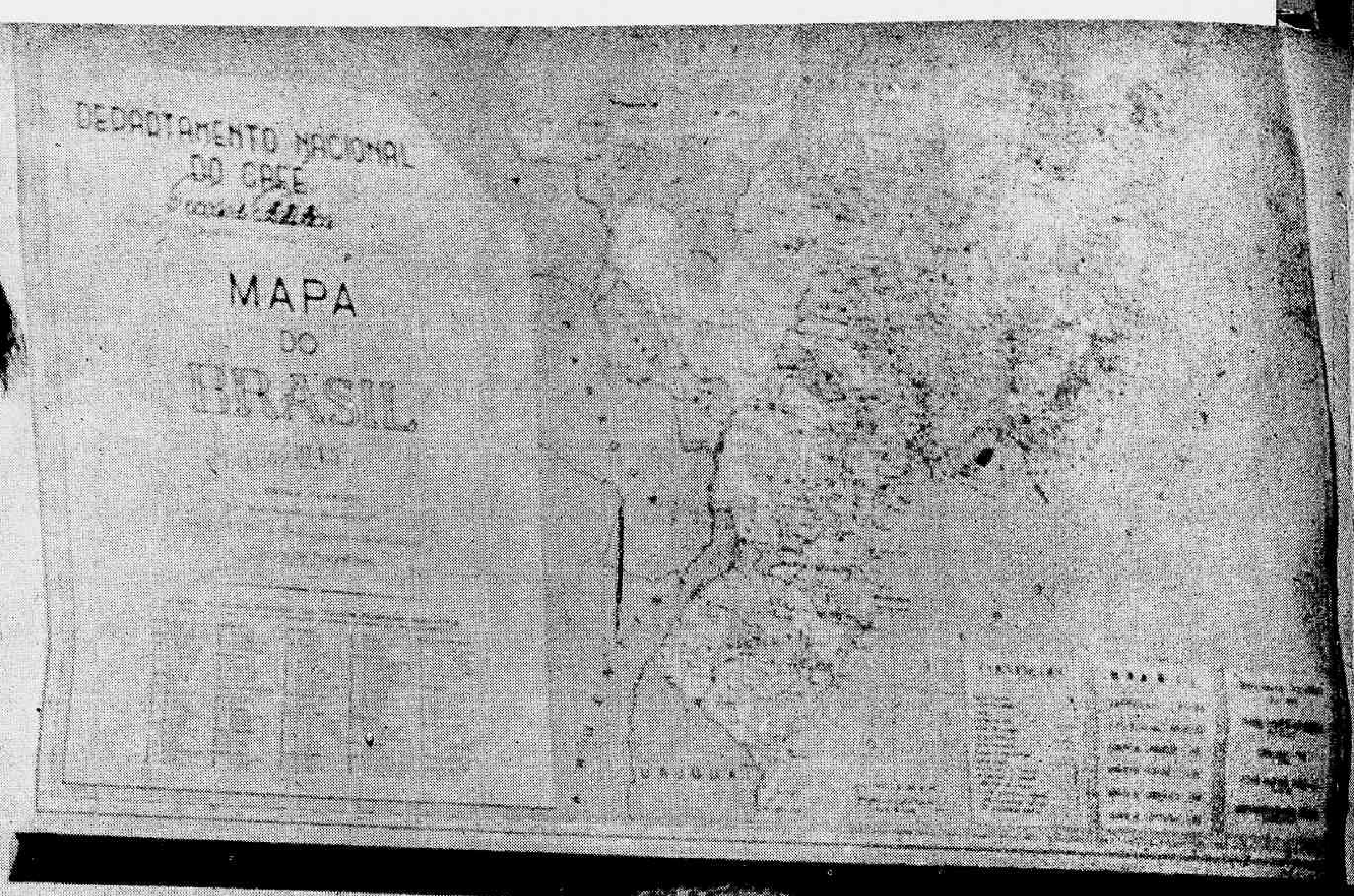
— A Libertina é que vai meter tôdas as duas num chinelo... Aquela morena côr de jambo canta que só um querubim...

Os partidários do Pastoril vão saindo para retomar seus caminhos de casa. Apagam-se as luzes de carbureto do barracão e já a claridade da manhã inunda tudo. No domingo a acordar, sinos chamam para a missa. E aos pregões reinantes durante a função se substitui um outro, matinal, convidativo e familiar ao arrabalde: o de uma preta ainda moça e robusta, de chale franjado, cabeção alto e saia de chita rodada:

Mungunzá quentinho!
Mungunzá gostoso, Iaiá!

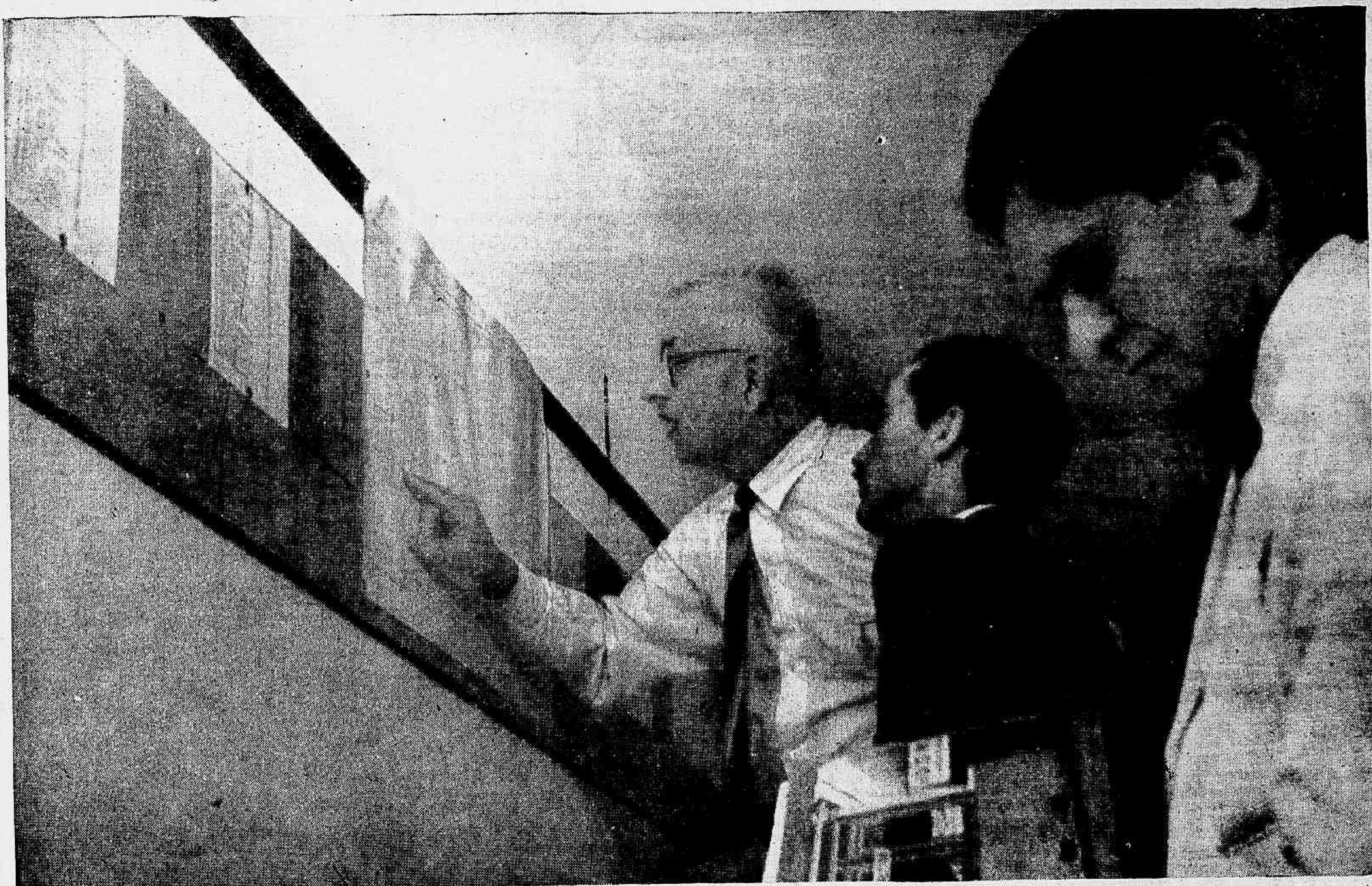
MARIO SETTE





DEPARTAMENTO NACIONAL
DO CAFÉ
MAPA
DO
BRASIL





CR$ 500,00 MENSAIS

Cada deputado e senador do partido contribui com a quantia de Cr$ 500,00 mensais para os cofres do Diretório Nacional, bem como os dirigentes. Essa verba é aplicada nas despesas da secretaria e pagamento da sede própria do partido. Na gravura, funcionários mostram ao repórter como funcionam os serviços internos. À esquerda, Prado Kelly, presidente

A U.D.N. POR DENTRO E POR FORA

O Partido do Brigadeiro nasceu para acabar com tudo que lembrava o Estado Novo, mas perdeu a eleição ★ Entre o sonho regenerador dos tenentistas de 22 e 24 e a realidade de hoje ★ Um comunista de escol, Astrogildo Pereira, vários dirigentes socialistas, Raul Pila e Ademar de Barros foram fundadores do partido ★ Três mulheres também assinaram a ata da fundação ★ 17 senadores, 75 deputados, 6 governadores, 241 deputados estaduais, 390 prefeitos e 4.086 vereadores fêz o partido em todo o Brasil ★ Há união dentro da União Democrática Nacional? ★ A vida financeira do partido ★ Entre o princípio e o fim

Texto de CARLOS DUARTE

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Brigadeiro! Brigadeiro! Brigadeiro! — eis a UDN. E' a corrente política que representa o liberalismo brasileiro, um liberalismo um tanto falho, embora. A União Democrática Nacional, em 1945, com a volta do Brasil às liberdades que o Estado Novo nos roubara, reune a maior parte dos políticos brasileiros que, sem propugnarem por um amplo programa de reformas sociais, se propõem garantir ao nosso povo os direitos inerentes a tôdas as nações livres: liberdade de palavra, liberdade de reunião, liberdade de culto, liberdade de associação política. Surgiu para um belo destino, que o seu candi-



RAUL PILA

hoje chefe do Partido Libertador, foi um dos que assinaram a ata de fundação da UDN, em 7-4-1945. Depois saiu



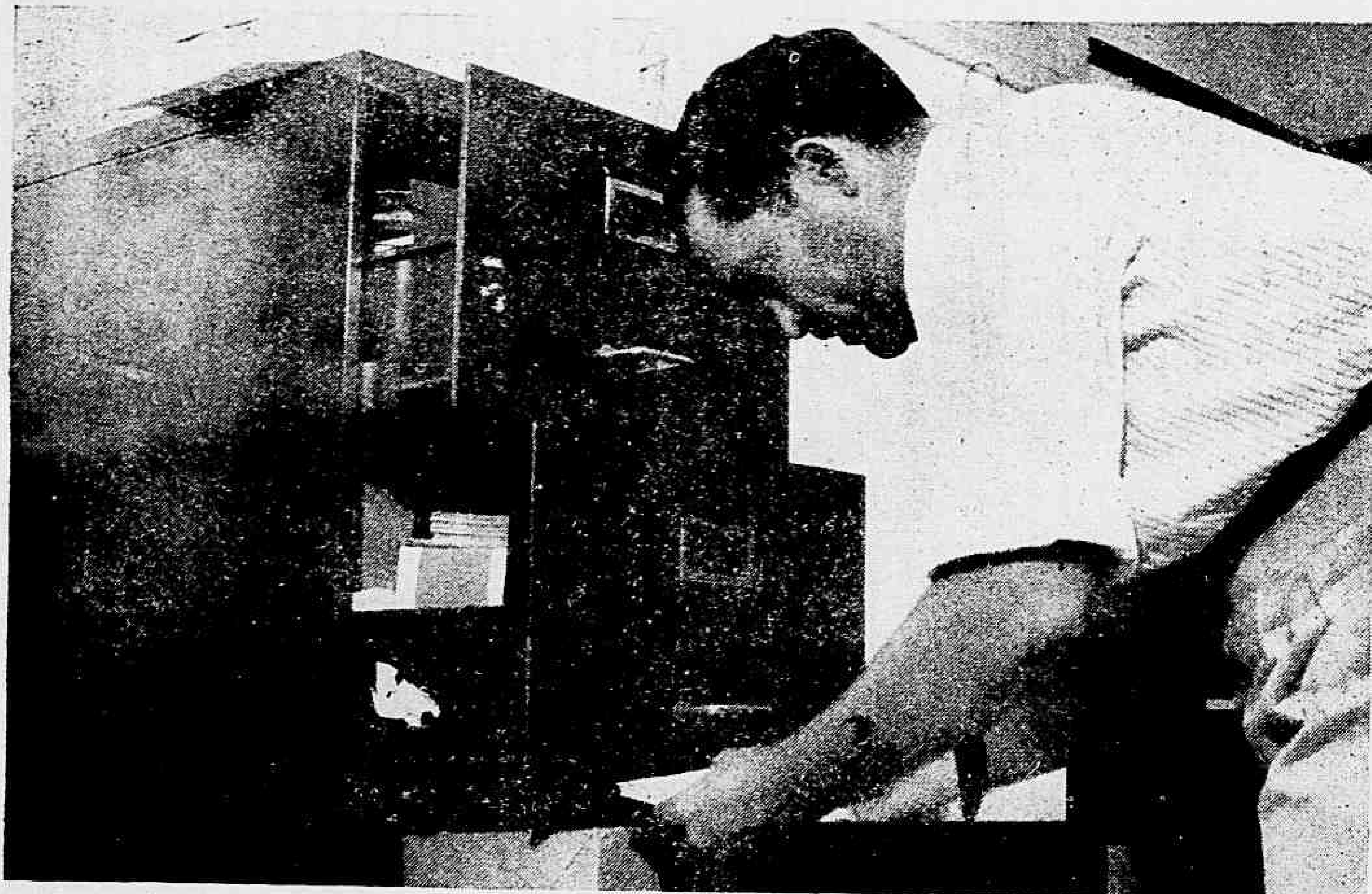
ADEMAR

Pouca gente se lembra que outro dos fundadores do partido foi Ademar de Barros. Também assinou a ata

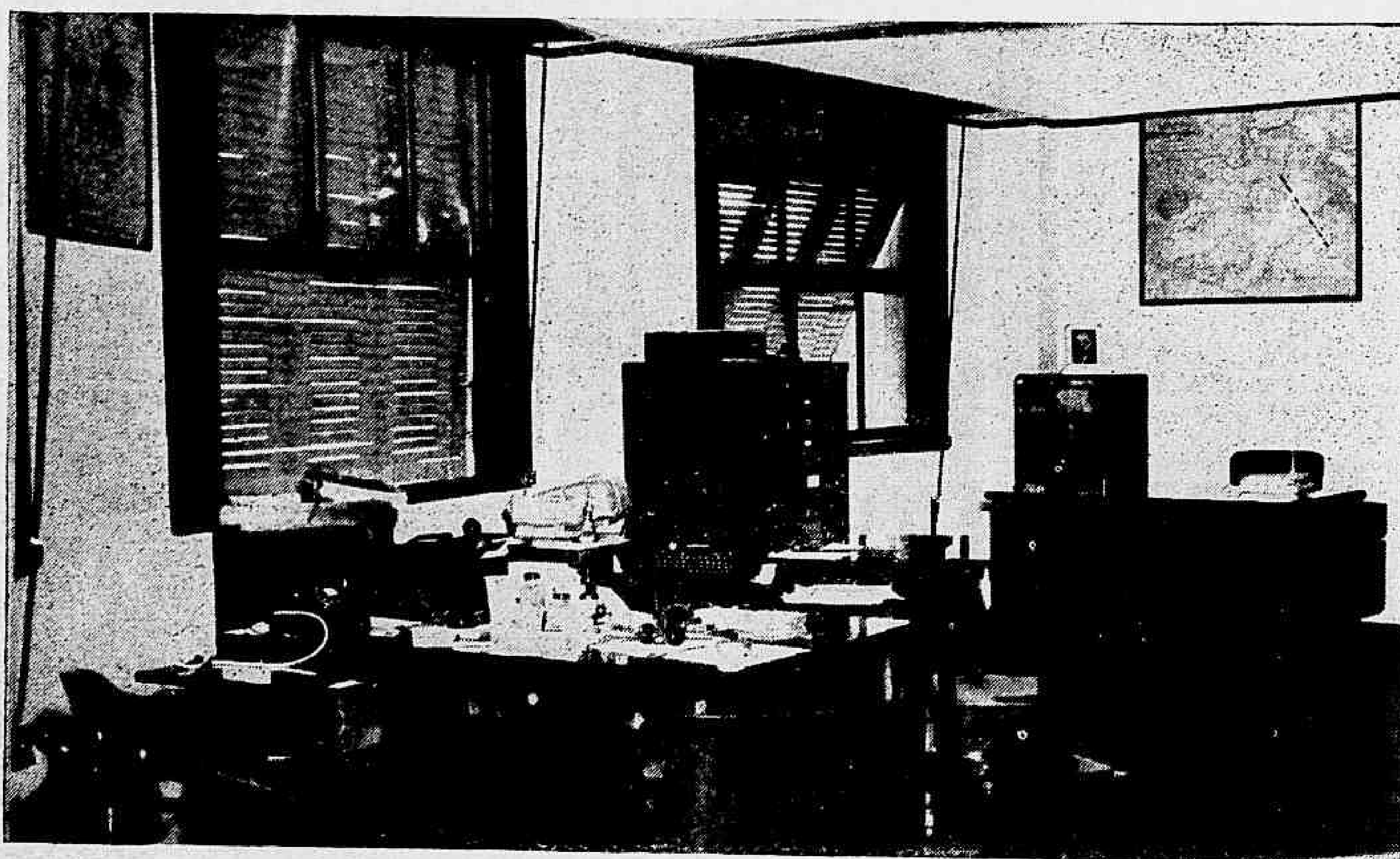


OSÓRIO BORBA

Hoje está no Partido Socialista Brasileiro, mas, como os demais, também ajudou a fundar o partido do Brigadeiro



ARQUIVOS...
Fichários em que são anotados os nomes dos partidários no Rio e nos Estados. A vida íntima de um partido político da importância da UDN, está praticamente sintetisada nesses arquivos. Tudo devidamente em ordem e sempre em dia



NA SECRETARIA
A sede da UDN, no 4.º andar do edifício da rua México n. 3, tem a aparência de um escritório comum, como se vê neste flagrante tomado na secretaria. Mas o partido se divide, no D. Federal, em 34 paróquias com 14.000 aderentes



DEPUTADO JONES ROCHA
Quando a nossa reportagem visitou a sede do partido, o movimento era escasso por motivos das férias de Ano Novo, mas lá encontramos o deputado Jones Rocha, um dos primeiros udenistas, atendendo o expediente e às consultas

dato à presidência da República, Eduardo Gomes, selou repetindo aquela frase célebre que diz: "O preço da liberdade é a eterna vigilância!"

Como não podia deixar de ser, pois, o impulso inicial udenista foi de varrer da administração nacional tudo quanto cheirasse a Getúlio Vargas e Estado Novo. Com o brigadeiro Eduardo Gomes na tôrre de comando, o partido chegou a impressionar na campanha presidencial, fazendo muitos pensarem que com êle era o sonho regenerador dos movimentos tenentistas de 1922 e 24 que voltava à arena política do país, para nos dar govêrnos mais capazes e livrar-nos do ônus das administrações passadas, em que sempre predominaram a politicagem, os negócios excusos, o filhotismo na nomeação do funcionalismo.

O Brigadeiro de hoje, tenente de ontem, veio aureolado pelo seu passado de lutas pela regeneração política do país; ressurgindo sôbre as cinzas do Estado Novo com o mesmo ideal, se vencesse, ao que se esperava, o Brasil tomaria novos rumos e se fixaria por largo tempo na comunidade das nações realmente democráticas. Nesse sentido, foi feita tôda a campanha presidencial do partido. Mas, a UDN perdeu. A máquina estadonovista, mal desmontada, azeitou-se para o pleito aglutinada no PSD e levou o General Dutra à suprema magistratura do país; e com Dutra recobrava nova vida, uma boa, senão a maior parcela dos antigos interventores e membros da "entourage" da ditadura.

Antes mesmo das eleições, temendo que o antigo ditador tramasse a sua perpetuação no poder após a pausa de democracia que voltava ao país nos meados do ano, em consequência da derrota das fôrças liberais no cenário internacional, do regresso da FEB, do grito de José Américo e da volta do Partido Comunista à legalidade, a UDN representada pelo Brigadeiro e seus próceres mais ilustres, de mãos dadas com o General Dutra, Góis Monteiro e outros generais, deu o golpe que exilou o ditador na sua estância do Sul, enquanto o Brasil marchava para as urnas de 2 de dezembro de 1945. Uma certa corrente da opinião pública brasileira, no entanto, julgou desnecessário o golpe vibrado em Getúlio, quando êste já caminhava de bem com a democracia. Mas, de qualquer forma, os udenistas se vangloriam de terem sido, em grande parte, os feitores do baque dado repentinamente no ditador.

★

Qual a base eleitoral do partido?

A UDN é, por excelência, o partido da classe média citadina e profissões liberais. Tem nas classes estudantis, herdeira do sonho tenentista, um dos seus baluartes. Haja vista o atual movimento que um grupo universitário iniciou no Rio e já se estende a todo o país, pela candidatura do Brigadeiro.

Da ata da fundação do partido, datada de 7 de abril de 1945, fato curioso, ao lado da assinatura de algumas de suas figuras mais proeminentes de hoje, como Prado Kelly, José Augusto, Matias Olímpio, Waldemar Ferreira e o recentemente falecido Virgílio de Melo Franco, constam os nomes de Ademar de Barros, o chefe pê-essepista que se lança de S. Paulo, do velho batalhador democrata Raul Pila, chefe do Partido Libertador, Lino Machado e o vibrante político do Partido Republicano do Maranhão, Osório Borba, João Mangabeira e Domingos Velasco — altos dignitários do Partido Socialista Brasileiro e de Astrogildo Pereira, um dos membros do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, partido que hoje, como se sabe, está na ilegalidade. Essa junção de expoentes políticos de tão diferentes matizes se justificava então na luta que as fôrças democráticas até à véspera, sustentavam, na sombra, contra a ditadura, forjando, assim, uma união que só poderia ser aparente e dos primeiros momentos de liberdade para cada um. A UDN proliferou rapidamente, juntando-se logo à sua legenda os nomes de Otávio Mangabeira, que punha fim ao seu exílio nos Estados Unidos para vir ocupar parte das mais salientes no cenário político do Brasil de democracia convalescente, e ainda todo um contingente democrático de norte a sul do país.

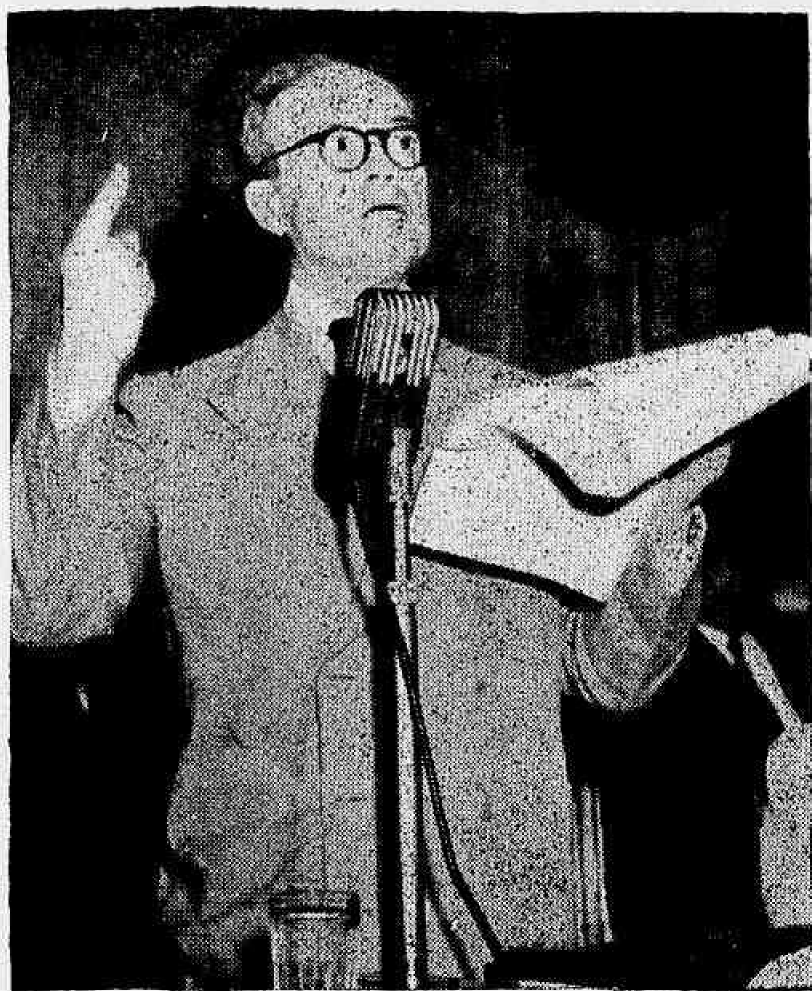
José Américo, que é indiscutivelmente, destacada figura nacional, com o seu nome carregou para o partido uma grande parcela de eleitorado e de princípios que o partido se propõe defender.

Os fundadores da UDN, precedendo-se ao rigor da sua ata de fundação, foram 73. Além dos já citados, figuram entre êles, os srs. Osvaldo Trigueiro, atual governador da Paraíba, deputados Carlos de Lima Cavalcanti, João Cleofas, Rafael Cincura de Andrade, Alde Sampaio, Jurandir Pires Ferreira, Romão Júnior, Ernâni Sátiro, Tristão da Cunha e outros, os vereadores Pais Leme e Tito Lívio de Santana, o senador José Ferreira de Sousa, políticos velhos como Heitor Beltrão, o jornalista Costa Rêgo, editorialista do "Correio da Manhã", e as figuras simpáticas de Dona Maria Luísa Bittencourt, Dona Maria Rita Soares de Andrade e Dona Carmen Portinho, às quais depois se juntou o da batalhadora democrata dona Nuta Bartlet James.

★

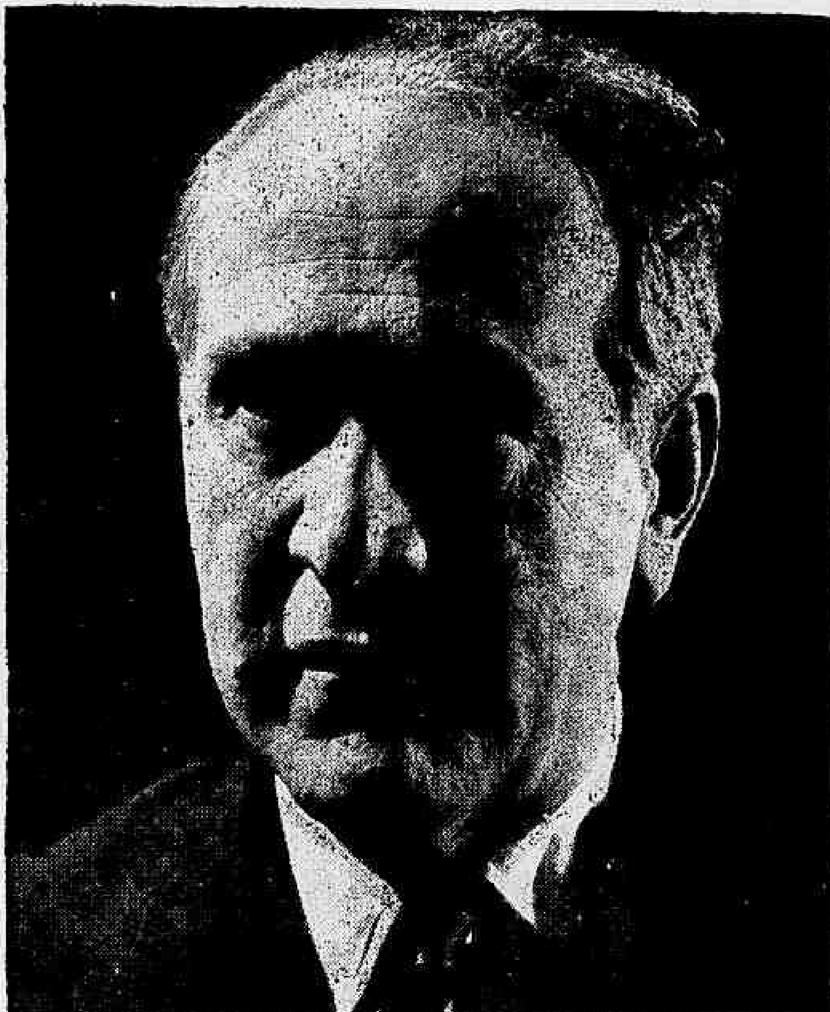
Como atua o partido?

Difícil precisar-se a atuação da bancada do partido tanto na Câmara como no Senado, pois apesar de apresentar mais vivacidade que o próprio PSD do govêrno, a UDN ainda é uma grande colcha de retalhos políticos; muitos dos seus deputados e senadores se esqueceram dos sagrados princípios que juraram defender. A maioria absoluta do PSD nas duas Casas do Congresso também arrefeceu um pouco o ânimo e a combatividade dos udenistas. Mais ainda o tão falado "Acôrdo Interpartidário", que José Américo assinou com Nereu Ramos, do PSD, e Artur Bernardes, do Partido Republicano, acôrdo



JOSE' AMÉRICO

Indiscutivelmente destacada figura nacional, o senador José Américo carregou para o partido uma parcela de eleitorado e princípios que a UDN se propôs defender



OSVALDO ARANHA

Outra figura ilustre do cenário político, cujo nome se inclui entre os da vanguarda udenista. Seus prestígio e personalidade são reconhecidos mesmo pelos adversários



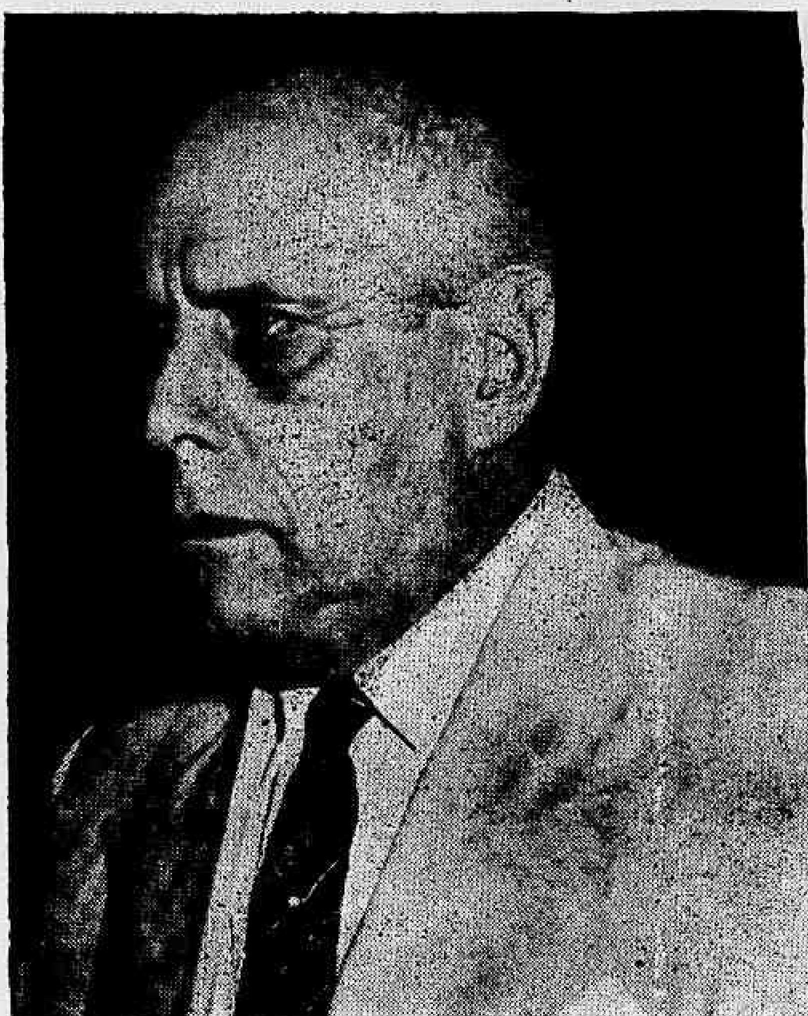
LÍGIA LESSA BASTOS

Dentre os representantes eleitos pela legenda udenista consta o da vereadora carioca Lígia Lessa Bastos, professora municipal, e cuja atuação tem sido destacada



BRENO SILVEIRA

Outro combativo representante da UDN na Câmara do Distrito Federal. Tem se revelado um democrata dos melhores e dos mais jovens com que conta o partido



EUCLIDES FIGUEIREDO

E' o General Euclides Figueiredo outro participante das hostes da UDN, nome de autêntico prestígio e de reconhecidas tradições na política do país, como real expoente



ARI BARROSO

O rádio forneceu à Câmara dos Vereadores, na bandeira udenista, um elemento popular: o compositor Ari Barroso, que ali permanece fiel aos princípios do seu partido



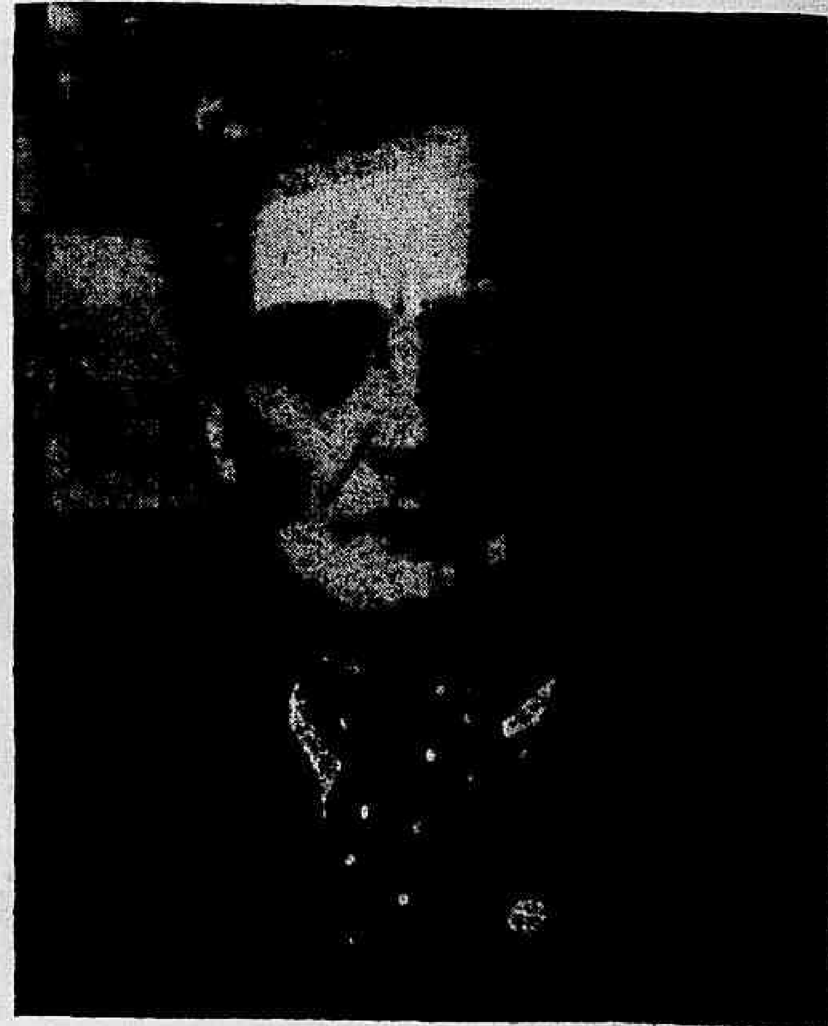
ARTUR SANTOS

O senador paranaense Artur Santos, outro filiado ao partido do Brigadeiro, como ficou sendo conhecida a UDN. Elemento de fibra, bom orador e lutador permanente



MATIAS OLÍMPIO

Também o Piauí forneceu um senador respeitável eleito na corrente do partido — o Senador Matias Olímpio. Fiel à sua bandeira, ao seu partido, às suas idéias



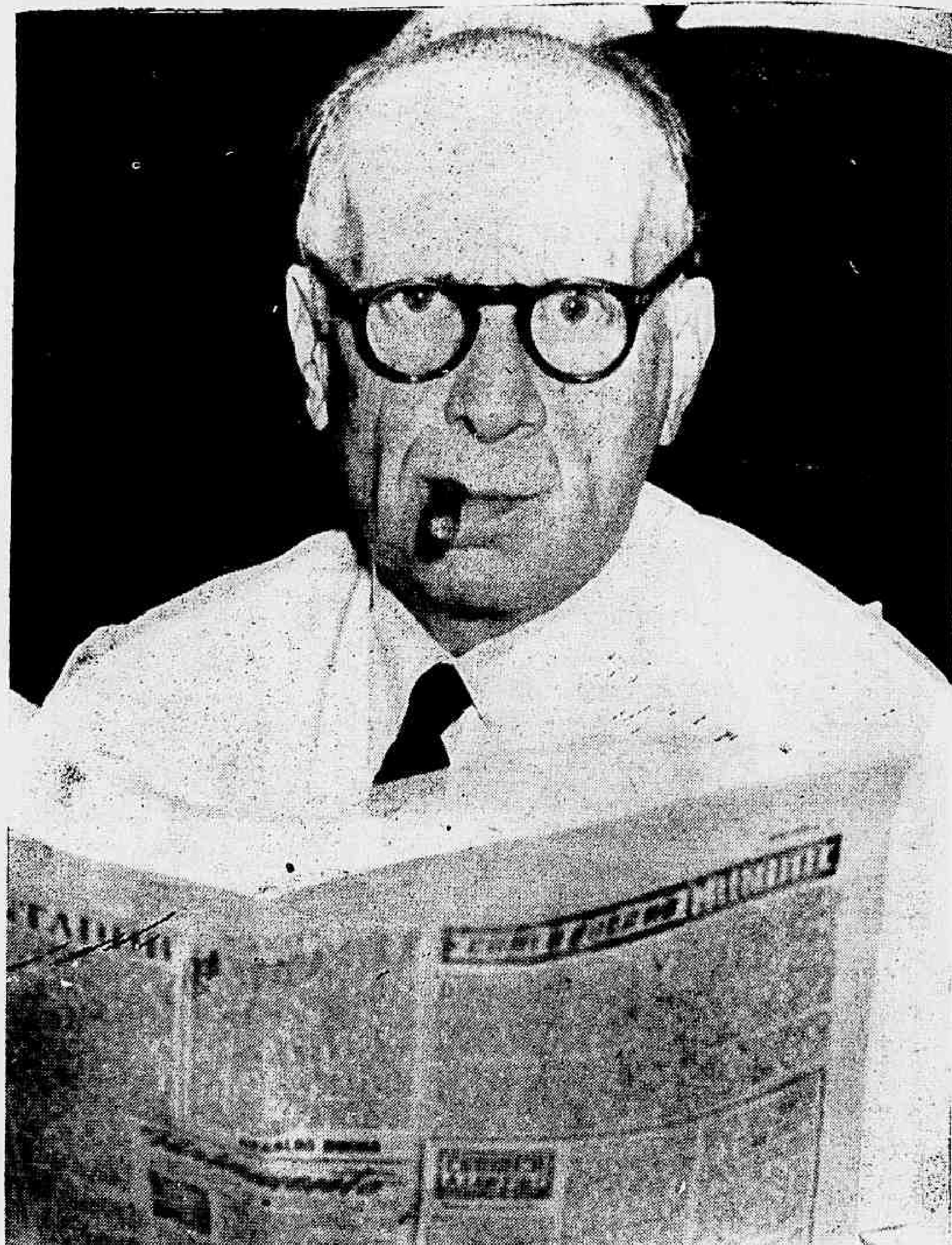
D. NUTA BARTLET JAMES

Batalhadora democrata, de real valor, D. Nuta Bartlet James também se junto aos fundadores da UDN, sendo um dos seus bons elementos, incansável e respeitada



OSVALDO TRIGUEIRO

O atual governador da Paraíba foi um dos 73 signatários da ata de fundação da UDN, em 7-4-1945, ao lado de Prado Kelly, José Augusto, Virgílio de Melo Franco e outros



FLÔRES DA CUNHA

Antigo militante político, o senador gaúcho é outro baluarte do partido que desfraldou a bandeira do liberalismo, ao qual se deve a volta do país ao regime constitucional



OTÁVIO MANGABEIRA

Também assinou a ata de fundação da UDN e foi, depois, eleito governador da Bahia. Veio do exílio para ocupar um pôsto dos mais salientes do cenário político nacional



O BRIGADEIRO

Êle deu nome ao partido e foi sua grande razão de ser. Entretanto, não contribui para os seus cofres, como fazem os demais, com Cr$ 500,00. Está sempre em ordem do dia

BATISMO DE FOGO
DA DEMOCRACIA RENASCENTE

Quem, sendo alistável, não se fizer eleitor; quem, sendo eleitor, não fôr às urnas; quem, exercendo autoridade pública, dela se servir, de qualquer modo, para corromper, oprimir, degradar ou fraudar o voto, estará faltando gravemente, mais do que possa supor, ao dever para com a Pátria.

(Do manifesto da U D N à Nação em 4 de Outubro de 1946)

DO MANIFESTO
Palavras do manifesto da UDN, de 4 de outubro de 1946, que se vêem reproduzidas em um quadro na sua sede

sugerido pelo Presidente Dutra, que, em troca de dois Ministérios para a UDN (M. da Educação e o das Relações Exteriores), alegando os altos interêsses do país, conseguiu silenciar grande parte da oposição que a UDN devia oferecer ao govêrno. Dessa forma, a UDN fêz-se notar mais pela atuação pessoal de alguns dos seus representantes do que como partido. José Américo, no Senado, vem tendo e por mais de uma vez, atuação de especial destaque, com seus famosos discursos; Prado Kelly, o presidente do partido, depois da renúncia do senador paraibano ao cargo de presidente, conduziu-se com equilíbrio, prensado de uma lado pelo "Acôrdo Interpartidário" e do outro pela composição do partido, que não é uma massa inteiramente dócil obediente ao comando. As flutuações da política regional e os pendores ideológicos de cada um dos seus representantes têm tirado ao partido a necessária unidade de ação parlamentar. Os deputados General Euclides Figueiredo, Flôres da Cunha, Coelho Rodrigues, além de outros, assim como os senadores Vilas Boas, Artur Santos e Matias Olímpio têm sido bons representantes do partido. Apesar dos pontos fracos, considerando-se o meio em que vivemos e a esmagadora maioria pessedista tanto na Câmara como no Senado, dando quorum ao que ao govêrno interessa, a conduta da UDN apresenta um bom saldo democrático.

★

Como o PSD, que é o partido do govêrno, a UDN também não apresenta uma unidade de programa na sua (Cont. na pág. 47)

LUÍS JARDIM
E' o escritor Luís Jardim um dos elementos da secretaria da UDN, onde nos forneceu uma parte destas informações





A BANDEIRA DO PARTIDO
O pavilhão da UDN desfraldado por um funcionário da sede, na rua México, na gravura superior; e em baixo, apreciada por outros elementos que ali empregam suas atividades. A legenda do Brigadeiro Eduardo Gomes — "O preço da liberdade é a eterna vigilância", mantem-se em ordem do dia em todos os trabalhos do partido



REVISTA DA SEMANA

N.º 3 ★ 21—1—50

A SEMANA EM Revista

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1744, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

LADRÕES DE AUTOMÓVEIS



Os Estados Unidos são o país onde há maior número de automóveis. Só em Nova York há perto de um milhão dêsses veículos. Dizem que se fôr preciso mudar tôda a população americana utilizando-se o automóvel, o povo norte-americano poderá fazer essa viagem nesses veículos cada um com quatro ou cinco pessoas.

Isso é prova de grande progresso e bem-estar; mas, por outro lado, aumenta a arte de roubar... Durante o mês de dezembro do ano recém-findo, a polícia norte-americana, especialmente a de Nova York, trabalhou redobradamente para deitar mão numa terrível quadrilha de gatunos de carros que agia amplamente.

De diligência em diligência, pôde a polícia deter seis pessoas contra as quais havia fortes suspeitas de chefiarem o bando.

A guerra durou vinte dias. E valeu a pena. Aquelas seis personagens eram a coluna vertebral da quadrilha para roubar automóveis em Nova York.

E tudo se esclareceu. Êsses gatunos faziam parte da quadrilha do grupo novayorkino, ramo da organização internacional que agia há alguns anos, já tendo furtado, só em Nova York, cêrca de 400 carros.

Todos os autos eram novos, orçando o valor total em cêrca de 500 mil dólares!

A polícia, porém, julga que o chefe da organização se acha no estrangeiro, mas sob vigilância de agentes norte-americanos. Os carros eram vendidos para a Venezuela, México e países europeus.

Cuidado, grã-finos!

C O P A C A B A N A



Não há, no Brasil, quem venha ao Rio e não deseje tomar uns banhos de mar na luxuriante Copacabana.

Parece mesmo que, ao vir-se ao Rio e não mergulhar nas águas da linda praia, não se completou o passeio. Copacabana tem seu nome espalhado pelo mundo inteiro e inspira os poetas e os homens de negócios. Seu fascínio é hoje universal.

Mas Copacabana tem as traições das mulheres lindas. O mar é seu amante, e amante ciumento. Diante das montanhas e das florestas, a praia idílica já não é hoje aquela selvagem de pés descalços e cocar multicor dos aimorés, debruada de pitangueiras e cagueiros. E' uma praia super-civilizada, com palácios e arranha-céus.

Os banhos na velha Sacopenapã aumentam as alegrias de viver, e o sol, nos dias de verão, se queima a pele desprotegida, contribui para as mais belas horas numa manhã quente, à beira-mar, à areia macia da praia famosa.

Infelizmente Copacabana, traiçoeira, insidiosa e cruel, costuma vingar-se dos que não lhe respeitam os mistérios de beldade ciumenta e vingativa.

Os banhistas que se atrevem a ultrapassar a linha da arrebentação, podem arrepender-se ou morrer com a violência das ondas e o rigor das correntes marítimas.

E foi assim que morreu, a 1.º de janeiro de 1950, uma linda banhista, vinda de S. Paulo para passar Natal e Ano Bom com pessoas de sua família. Regina Sabato dos Santos, com dezenove primaveras, morreu no mar, debateu-se inùtilmente, e o nosso serviço de salvamento não a socorreu...

E I S E N H O W E R



O valoroso cabo de guerra Dwight Eisenhower alcançou enorme popularidade de dentro e fora dos Estados Unidos, depois da última grande guerra.

Foi êle o comandante das tropas de invasão do continente europeu, o artífice geral da estratégia aliada na Europa contra os exércitos alemães.

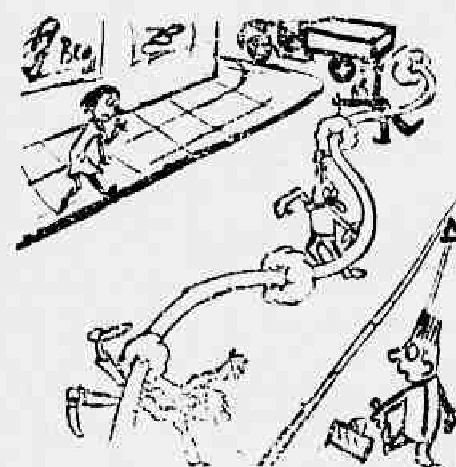
Eisenhower é um homem simples, sempre de bom humor e olha as coisas dos tempos atuais com muita perspicácia e objetivismo. Não gosta de exorbitar de seus naturais conhecimentos e detesta o cabotinismo. Logo que êle chegou a essa culminância de popularidade no país os políticos começaram a procurar envolvê-lo nas malhas da traiçoeira política. Inventaram que Eisenhower seria candidato à Presidência da República na próxima sucessão do presidente Truman. Imediatamente se agitaram os meios jornalísticos e não deixou de surgir um grupo endinheirado disposto a gastar **na fôlha**, para a colheita futura.

Mas o velho general percebeu a manobra estratégica de seus "amigos" e lhes barrou o passo.

Desmentiu os boatos e desautorizou os estimuladores de tão grande invenção.

Contudo, como é natural, os "amigos da onça" continuam a espalhar pelos quatro cantos do país que êle é candidato à Presidência da República. Para acabar de uma vez com essa história, declarou Eisenhower em Santo Antonio, no Texas, que não será candidato, e que o deixem em paz na Universidade de Columbia...

5 0 9 M O R T O S



Publica o "Diário de Notícias", todos os dias, uma coluna com a estatística das vítimas do tráfego no Distrito Federal. Das vítimas, não; dos mortos.

Segundo aquêle jornal, morreram em dezembro exatamente 509 pessoas sob as rodas de nossos veículos, especialmente de autos e caminhões.

O fato merece as atenções das autoridades responsáveis pela segurança do pedestre. O Rio de Janeiro, com dois milhões de habitantes e uns sessenta mil veículos, mata na razão de uma pessoa para 132 carros, enquanto em Nova York, com oito milhões de habitantes e quase um milhão de automóveis, há uma morte para 10.800 veículos.

Estamos, pois, como em mortalidade infantil, tuberculose, sífilis, etc., na dianteira das cidades menos protegidas do planeta.

Hão de dizer, com referência a mortes causadas por veículos, que assim é aqui porque o carioca não tem cuidado no atravessar das ruas, é displicente, com a famosa negligência que Deus nos deu; mas essa razão não sofre o menor raciocínio.

Em Nova York, como no Rio, há os descuidados e os atentos; os que atravessam as ruas movimentadas a olhar para a direita e para a esquerda, e aquêles que não ligam muito êsses preceitos indispensáveis à vida numa grande cidade.

A diferença é que lá, como noutras cidades grandes do continente, os motoristas não abusam como aqui. E quanto aos caminhões, nem é bom falar.

As "Semanas do Trânsito" já se foram e, com elas, a disciplina para quem mata e quem é matável...

A PERSONAGEM DA SEMANA



Governador
Macedo Soares

Aconteceu no Estado do Rio o que se verificou em outros Estados: o governador foi eleito mediante prévio entendimento entre os diversos partidos políticos.

O Sr. Edmundo de Macedo Soares e Silva, membro de destacada família patrícia, é oficial do Exército dos mais renomados, antigo revolucionário ainda quando tenente, sendo de notar que aproveitou o exílio para, no estrangeiro, estudar siderurgia e problemas correlatos. Com o correr dos tempos voltou ao Exército onde conquistou sucessivamente postos em sua arma — a Engenharia. Em virtude dos seus conhecimentos especializados, recebeu o encargo de erguer e fazer funcionar a Usina de Volta Redonda. Homem de cultura geral desenvolvida, foi depois chamado a exercer as altas funções de Ministro da Viação e Obras Públicas. Dali saiu para ser eleito Governador do Estado do Rio, de vez que os partidos, desejosos de um ambiente pacífico, não encontraram nos quadros políticos militantes um elemento que realizasse a pretendida pacificação.

Realmente, a terra fluminense, tantíssimas vezes agitada na sua política interna, tem desfrutado ultimamente um período de tranquilidade. Embora de certo modo vinculado ao PSD, o Sr. Macedo Soares vinha equilibrando a situação política e realizando uma boa obra de govêrno. Verdade é que S. Excelência não pôde meter mãos em obras grandiosas, êle que vinha de Volta Redonda, empreendimento de grandes proporções. Era má a situação financeira do Estado, tem dito S. Excelência, e, assim, cumpria ao Govêrno, antes de tudo, pagar as enormes dívidas do Estado, obra que não dá cartaz, porém dá mérito real a quem a realiza.

Mas, na semana que passou, o Estado do Rio se transformou no centro de tôda a curiosidade pública: o Governador Macedo Soares reuniu um grupo de elementos do PSD, e, desobrigando-os de compromissos para com êle, desobrigou-se, por sua vez, de compromissos para com o PSD fluminense, do qual é figura central o Deputado Amaral Peixoto, genro do Senador Getúlio Vargas, principal elemento do PTB.

A decisão do Sr. Macedo Soares foi clara, tudo indicando que S. Excelência agiu depois de refletir muito, o que parece tornar difícil uma contra-marcha de sua parte. O fato repercutiu no ambiente nacional, não obstante a grande reserva em que se deixaram ficar os elementos pessedistas, inclusive o Sr. Amaral Peixoto. Terá o fato relação com a possibilidade, muito comentada, da candidatura Amaral Peixoto ao Govêrno da terra de Nilo Peçanha? Decorreu êle da visita que o Sr. Amaral Peixoto fêz ao Sr. Getúlio Vargas com o objetivo duma aproximação PSD-PTB em face da sucessão presidencial?

O Sr. Macedo Soares reiterou francamente sua solidariedade ao General Dutra; mas, por outro lado, tudo deixa antever uma aproximação da UDN fluminense com o Sr. Macedo Soares, máxime após o almôço de Petrópolis oferecido pelo Governador do Estado ao General Dutra, presentes o Sr. Prado Kelly e outros elementos.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 A QUE PAIS PERTENCEM AS ILHAS DAS CANÁRIAS:
— Espanha?
— Portugal?
— França?

2 DE QUE ESTADO ERA O POETA BELMIRO BRAGA:
— Espírito Santo?
— Minas Gerais?
— Ou era português?

3 QUE NOME TINHA O CONDENADO QUE, EM PARIS, ESTREOU A GUILHOTINA:
— Madame Roland?
— Dr. Luiz Guilhotin?
— Peletier?

4 COMO SE CHAMAVA O RAPAZ QUE TENTOU ASSASSINAR D. PEDRO II, NO RIO, A TIROS DE REVÓLVER:
—Antônio Vilar?
— Adriano do Vale?
— Adolfo Vieira?

5 QUE NÚMERO TEM O TELEFONE DO PAPA NA LISTA DA CIDADE DO VATICANO:
— 33?
— 904?
— 101?

6 HÁ QUANTOS ANOS NÃO HÁ PAPA QUE NÃO SEJA ITALIANO:
— 305?
— 500?
— 428 ?

7 QUAL O SUCESSOR DE FLORIANO PEIXOTO NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA:
— Prudente de Morais?
— Deodoro da Fonseca?
— Campos Sales?

8 QUE SIGNIFICA A PALAVRA *OSBRIANO*:
— Adepto de uma seita do Peru?
— Sistema ortográfico?
— Nome de uma constelação?

9 QUAL O MONARCA QUE PRONUNCIOU ESTA FRASE: "SEM HONRA NÃO QUERO SER IMPERADOR":
— Napoleão Bonaparte?
— Guilherme II da Alemanha?
— D. Pedro II, do Brasil?

10 QUAL FOI O ADVOGADO QUE CEDEU SEU ESCRITÓRIO PARA NÊLE FUNCIONAR A ACADEMIA DE LETRAS:
— Ruy Barbosa?
— Clóvis Bevilacqua?
— Rodrigo Otávio?

11 QUE QUER DIZER CADUCEU:
— Chapéu dos cardeais?
— Símbolo do Comércio?
— Viga mestra de um edifício?

12 COMO SE CHAMOU A CIDADE FUNDADA POR CAIM DEPOIS DE MATAR ABEL:
— Henóquia?
— Babilônia?
— Tebas?

13 ANTES DE HAVER NO CIMO DO MONTE CASSINO, NA ITÁLIA, O MOSTEIRO CATÓLICO DESTRUÍDO NA ÚLTIMA GUERRA, QUE TEMPLO ROMANO HAVIA ALI:
— Do deus Apolo?
— Da deusa Vênus?
— De Diana?

14 QUAL O PRINCIPAL RIO DO CEARÁ:
— O Capibaribe?
— O Beberibe?
— O Jaguaribe?

15 QUAL A SANTA DO CATOLICISMO QUE E' PADROEIRA DA MÚSICA:
— Santa Luzia?
— Santa Cecília?
— Santa Teresinha do Menino Jesus?

16 QUAL O CEDRO MAIS FAMOSO DO MUNDO:
— O do Líbano?
— O do Himalaia?
— O do Brasil?

17 EM QUE DATA FOI INSTITUÍDO O REGISTRO CIVIL NO BRASIL:
— 4/12/1891?
— 7/ 3/1888?
— 12/ 9/1880?

18 QUE SIGNIFICA A PALAVRA SEMANA:
— Sete mãos?
— Sete manhãs?
— Sem mão?

19 DE ONDE SE ORIGINOU O NOME DE IPANEMA DA PRAIA CARIOCA:
— Por ser terra dos índios Ipanema?
— Por causa do Barão de Ipanema?
— Por ser nome de uma pedra?

20 EM QUE GOVÊRNO VISITOU O BRASIL O REI DOS BELGAS:
— No de Wenceslau Braz?
— No de Bernardes?
— No de Epitácio Pessoa?

(*Respostas na página 58*)

Os Sofrimentos das Mulheres



Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Êsses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

CONTOS PARA A "REVISTA DA SEMANA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

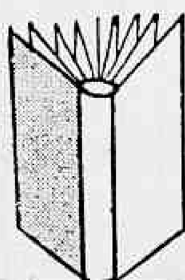
4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

BOAS FESTAS

Agradecemos e retribuímos mais as seguintes mensagens de **Boas Festas: De Honório Monteiro — Banco Nacional de Descontos S. A. — Grêmio Recreativo e Cultural São Cristóvão — Linhas Aéreas Paulistas S. A. — Luís Assunção Paranhos Veloso — Eugênio Morato — Lorenzo Adolpho Puntschar Ins. e Paulo Fábio.**



SEMANA Literária

EDMUNDO LYS

DUAS PALAVRAS

É cada vez mais difícil para o leitor de livros orientar-se a respeito do que se publica aqui e no mundo. Esta seção da REVISTA DA SEMANA visa contribuir modestamente no sentido de que o leitor de livros não se perca na Babel de papel e tinta que sobe dos prelos para as estantes das livrarias.

Há inicialmente dois fenômenos que vieram agravar a confusão: o primeiro é a descentralização literária e, o segundo, a ausência quase completa da crítica efetiva nas publicações diárias, semanais ou mensais entre nós.

Antigamente, o Rio monopolizava nossa produção literária. O que se escrevia na província aqui é que se editava. Todos os livros, assim, eram encontrados no Rio. Depois, São Paulo passou também a grande centro editorial, cremos que desde que Monteiro Lobato instalou ali a sua casa editora. Ainda era fácil encontrar qualquer obra, pois os livros de São Paulo vinham também para aqui e corriam todo o Brasil.

Hoje em dia verifica-se que há grandes editores por êsses Brasis fora, o que veio complicar muito essa tarefa simples que é a aquisição de um livro, entre nós. E' preciso, por isso, que o bibliófilo ou o simples leitor tenha amplas fontes de informações a respeito.

Não é por outra coisa que existem agora tantas publicações especializadas, vivendo mais ou menos no favor público. E, também devido ao mesmo fato, surgem, todos os dias, seções de informações em jornais e revistas. Como esta, cuja finalidade é trazer em dia nossos leitores com a "coisa literária".

As colunas e rodapés de crítica efetiva pereceram inexplicàvelmente, na imprensa diária e periódica. Antes, era fácil acompanhar cada um, pelo seu jornal e pela sua revista, o movimento editorial do país e do estrangeiro. Além disso, fiando-se na crítica de alguns bibliografistas eminentes que opinavam sôbre a quase totalidade das obras publicadas. Hoje há mais críticos, sem dúvida, e qualquer suplemento dominical mostra-nos isso. Mas falam, êsses críticos, de um ou outro livro, de um ou outro autor, por questão de simpatia. E é cada vez mais raro aparecer, na crítica, qualquer opinião menos imparcial sôbre qualquer autor. Desapareceu quase completamente essa crítica que poderemos chamar profissional. Fala-se de um grande livro, discute-se um autor, novo ou antigo, por imposição da amizade, das afinidades, do "igrejismo". Mas uma tal crítica, longe de informar ou esclarecer o leitor, sôbre o movimento literário, confunde-o mais ainda, leva-o a aceitar como lebre, muito gato guisado com tanto môlho.

Os agrupamentos literários, a organização publicitária dos editores, as cooperativas de gênios e outros males menores, como a regionalice por exemplo, contribuem para êsse estado de coisas. Assim, é de louvar que se acentue, na imprensa, para uso dos leitores — e não dos círculos literários, de autores e editores — a proliferação de seções especializadas, informando com abundância e opinando com objetividade e isenção sôbre os livros que aparecem, no Rio e nos Estados, bem como no estrangeiro.

E' o que pretendemos fazer nesta página, destinada ao registro e ao comentário dos livros e dos acontecimentos literários da semana.



Zita Szeleczky

Uma intérprete da poesia húngara

ESTA' no Brasil, desde há alguns dias, a atriz húngara Zita Szeleczky, do teatro e do cinema europeus. Zita que interpretou Shakespeare e Pirandelo nos palcos europeus e que tomou parte em algumas dezenas de películas européias, foi premiada no Festival de Veneza, em 1941.

Expatriando-se depois que o comunismo se instalou na Hungria, passando à Itália e dali à Argentina, com sua família, Zita Szeleczky vem agora ao Brasil, trazendo à coletividade húngara a mensagem de beleza dos poetas de sua pátria. Deu alguns recitais no Rio, um dos quais na Rádio Ministério da Educação, cujo programa incluía, além dos húngaros, poetas franceses, argentinos e brasileiros. Daqui seguiu para São Paulo, onde — como noticiaram os jornais — foi vítima, em um de seus recitais, de provocações comunistas. A polícia paulista, agindo com energia, conseguiu restabelecer a ordem, identificando o grupo de provocadores que tentou perturbar o recital de poesia, realizado na Biblioteca Pública de São Paulo.

Em seguida, a artista húngara foi chamada à delegacia e ali teve oportunidade de verificar que, os mesmos elementos de que saíra o grupo perturbador de seu recital, haviam formulado contra ela uma série de acusações considerando-a comunista (!), nazista, colaboracionista e espiã!

A polícia de S. Paulo apurou que não procediam essas acusações e se louvou na ampla documentação exibida pela artista.

A campanha contra Zita Szeleczky foi inexplicável e lamentavelmente esposada por órgãos da imprensa bandeirante que, de hábito acolhedora, desta vez se deixou envolver nas malhas da intriga confundindo a artista húngara com uma simples aventureira, pelo crime de não prestar ela obediência ao govêrno atual de sua pátria.



Guido da Verona

GUIDO DA VERONA EDITADO NO BRASIL

Estão sendo lançadas no Brasil, traduções das obras principais de Guido da Verona, o que muito tem contribuído para o prestígio, entre os leitores, do original romancista de "Yvelise" e de "A Vida Começa Amanhã". Até agora os livros em português de Guido da Verona nos vinham de Portugal. Assim, limitava-se muito o seu público no Brasil, pois é sabido que as edições portuguêsas vêm ao Rio em pequenas quantidades.

Essa iniciativa é digna de louvores. Guido da Verona é um dos romancistas mais representativos do período de transição da literatura italiana, um original criador de tipos e de histórias em que se somam qualidades de escritor e de estilista, de psicólogo e de poeta.

Um romance de Jouhandeau, "La faute plutôt que le scandalle" está sendo aclamado, em Paris, como um dos melhores livros publicados em 1949, na França.

★

A versão inglêsa do romance de José Lins do Rêgo, "Pureza", teve uma boa acolhida por parte do público e da crítica da Inglaterra.

★

Os poemas de Edith Sitwell, do período de 1917 a 1949, foram editados num só volume sob o título de "The canticle of the rose".

★

O Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, cujo órgão de divulgação é a revista Sul, iniciou suas atividades editoriais com a publicação do livro de poemas "Idade 21", de Walmor Cardoso da Silva. O volume inaugura a coleção "Cadernos Sul", na qual deverão aparecer "Pinocchio", teatro de Ody Fraga, e "Ilha", poemas de Sálvio de Oliveira.

★

Vasconcelos Maia, integrante do grupo de "Caderno da Bahia", e cuja estréia foi acolhida com simpatia pela crítica, tem no prelo um novo volume de contos, intitulado "Largo da Palma".

★

Marco Aurélio Matos, que é filho do ensaísta e contista Mário Matos, escreveu e vai publicar um longo ensaio sôbre a poesia de Carlos Drumond de Andrade.

"Mundos Mortos", de Otávio de Faria, em nova edição revista pelo autor, aparece agora nas livrarias. Trata-se do primeiro romance do ciclo "Tragédia Burguesa", que o autor empreendeu e que constitui a mais ampla tentativa no domínio da ficção brasileira.

★

Mário Filho acaba de lançar mais um livro de palpitante interêsse no mundo esportivo: "Romance do Futebol". Êste ano, Mário Filho publicará um romance. Não se trata, porém, de obra sôbre o esporte, como seus livros anteriores.

★

180 autores são estudados na "Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira", que Otto Maria Carpeaux vem de concluir e que será editada pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação.

★

Os romances de José Geraldo Vieira vão aparecer em tradução castelhana editados por uma casa argentina. Ao mesmo tempo, informa-se que será filmado por uma produtora de Buenos Aires o seu livro "A Mulher que fugiu de Sodoma". Duas obras brasileiras foram transpostas ao celulóide, na Argentina, constituindo belas realizações: "Olhai os lírios do Campo", de Érico Verissimo, e "Deus lhe Pague", de Joraci Camargo.

★

Neiva Moreira, jornalista e escritor com vivo interêsse pelo mundo objetivo, acaba de lançar seu livro "Fronteiras do Mundo Livre" — em que consubstancia suas observações sôbre a atualidade européia, depois de ter visitado o Velho Mundo, sôbre o qual escreveu brilhantes reportagens.

★

OLAVO BILAC

Está circulando mais um número de "Jornal de Letras", mensário de literatura e arte, dirigido por José Condé.

Neste número, destaca-se um inquérito de primeira página sôbre "O que resta de Olavo Bilac".

De acôrdo com os depoimentos e as investigações, conclúi-se que o que resta — é que Bilac foi um artífice do verso.

ESCRAVA ISAURA

O nome de Bernardo Guimarães esteve nestes últimos dias em evidência, graças à sua obra-prima "A Escrava Isaura", sem dúvida, o melhor romance e o mais conhecido, do escritor mineiro.

Nesse livro, aborda êle o tema da escravidão que, embora tão fecundo, pouco seduziu nossos romancistas. O autor expôs com grande emoção o caráter odioso da escravidão, seu pêso nefando sôbre a sociedade e as criaturas. Ainda hoje "A Escrava Isaura" é um livro que se lê com interêsse.

O filme que saiu do livro é bem feito e honesto, pecando pela falta de intensidade dramática e pela incipiência de seus principais intérpretes: Fada Santoro e Cyl Farney, ambos estreantes.



Bernardo Guimarães

AUTO-RETRATO DE "LUDWIG"

Retrato de Emil Ludwig por Emil Ludwig. O escritor diante do espêlho? Confissões? Algumas notas, alguns breves traços, um "sketch" de autor para ilustrar uma página sua, numa revista.

Eis o que diz o escritor a respeito de si mesmo:

Marca profissional — os dedos de minha mão direita, que se tornaram extraordinàriamente desenvolvidos com quarenta anos de profissão de escritor.

Principal fobia — horror a ser emparedado pelos grandes edifícios a tal ponto que em sessenta anos dos sessenta e um que tenho jamais vivi em uma casa cujas janelas dêem para outro edifício.

O maior homem que já vi — Thomas A. Edison.

Leitura preferida — o rosto dos meus semelhantes — porque o estudo da fisionomia é uma estrada real para o conhecimento dos caracteres.

Técnica para escritores — facilidade em versejar leva à mestria na prosa; não há melhor meio de aprender ritmo e melodia do que através da acurada produção da poesia.

Lugar favorito no Velho Mundo — meu jardim na Suíça, onde por um período de mais de trinta anos nasceram meus filhos e meus melhores livros.

Lugar favorito no Novo Mundo — Califórnia, por causa de seu clima, seus jardins, sua hospitalidade. Perigoso? Onde existe um canto do mundo, sem perigo, hoje em dia?

Tolices prediletas — a teoria de que peixe é um alimento para o cérebro e que escovar cabelos estimula as idéias pela fricção do couro cabeludo; ainda como peixe, mas a aplicação da segunda teoria está começando a ficar difícil.

Conselho grátis — aprenda como fazer o próximo falar e verá que não há homem desinteressante; se algum parecer demasiado tolo, peça-lhe que recorde sua infância e êle terá prontamente coisas maravilhosas a dizer.



Emil Ludwig

"GOOD TIME"

por Somerset Maugham

— A idéia que faço de um "good time" não é a de um cocktail no qual sou abundantemente elogiado por um livro que nunca escrevi... nem receber pessoas portadoras de cartas de recomendação de indivíduos que não conheço... nem sofrer a perseguição de uma mulher, por mais bonita que seja... nem ouvir coisas que já sei... nem tomar parte em certames de salão com testes de inteligência, nem manicurar-me, nem fazer hoje o mesmo que fiz ontem... Excluindo essas penosas preocupações, quase tudo o mais que faço é capaz de me divertir — sobretudo um pequeno grupo de pessoas com afinidades comigo, as quais não apenas têm coisas interessantes e espirituosas para contar, mas também são corteses bastante para ouvir o que tenho a dizer...



Um pouco de... JEAN-LOUIS CURTIS

E' o autor que venceu, em 1947, o "Prêmio Goncourt". Trata-se de um jovem professor de inglês do liceu Jacques Decourt, de Paris. Por coincidência, notavam já professôres de inglês foram também Renê Lalou, Marcel Pagnol e Roger Ferdinand.

O prêmio foi conferido a Jean-Louis Curtis pelo seu romance "Las Forets de la Nuit", obra inspirada na ocupação e em que o autor quis — como o disse — "extrair do cáos dos acontecimentos, a aventura de uma geração de vinte anos, cujo créscimento se operou no meio de um mundo transtornado. Para certas pessoas, essa geração poderá parecer cínica, pois o heroismo nela apenas aparece. Porém, eu não me propus escrever uma epopéia, nem tampouco expressar opiniões pessoais, mas obter uma espécie de afresco, fazendo com êle um romance capaz de manter a atenção".

Jean-Louis Curtis já recebeu prêmios em outra ocasião. Foi o que ocorreu quando da publicação de seu primeiro livro, "Les Jeunes Hommes", detentor do prêmio Cazes. Depois, lançou "Siegfried", história sôbre o último conflito mundial, de que o autor foi "maquisard" e, mais tarde, sargento do 1º exército francês na Alemanha.

Seus autores prediletos são Henri de Motherland e Aldous Huxley, tendo descoberto êste último quando preparava sua tese de inglês na Universidade. De um e de outro, recebeu influências, estas no sentido técnico, no gôsto pela frase direta, pela liberdade formal animada por certa consciência artística.

Sempre gostou de literatura e sempre desejou ser escritor. E' uma vocação literária precoce. Conta Curtis que aos seis ou sete anos de idade, escreveu a sua primeira novela, tendo tido o cuidado de ilustrá-la, para que o livro fôsse mais atraente, tivesse o seu público. Ao titulo, acrescentou um subtitulo, pelo qual advertia tratar-se de "novela muito grande e muito bela".

Evidentemente, o escritor ainda não existia. Mas aí se encontra a origem de sua vocação. O primeiro passo de sua iniciação na literatura. Já tinha o "virus", naquele tempo, como diz o próprio Curtis.

WILDE E A "TRAGÉDIA FLORENTINA"

A recente edição das obras completas de Oscar Wilde em Buenos Aires, não apenas nos proporciona uma visão panorâmica, embora em tradução, do famoso escritor irlandês. Graças às anotações e prefácios dessa grande edição em três volumes, o leitor pode encontrar algumas surprêsas e revelações sôbre fatos até agora desconhecidos ou pouco divulgados entre nós.

O texto de "Uma Tragédia Florentina", uma das mais belas obras dramáticas de Wilde, é um dêsses casos. Não conhecemos tudo, mas temos lido muito do que sôbre o autor e seus livros se tem escrito, tanto na Europa como na América. Entretanto, desconheciamos totalmente o detalhe agora esclarecido sôbre o texto de "Uma tragédia florentina". E' que êsse texto, na sua quarta parte não pertence a Wilde e sim a Surge Moore. A nota, apensa à edição que nos chega de Buenos Aires, esclarece: "A menção das personagens, a cena, etc., não se encontram no manuscrito de Wilde. Como já se indicou oportunamente na Nota Preliminar, tudo isso assim como a primeira cena do drama, é obra de Mr. Surge Moore. O texto de Wilde começa com a entrada de "Simão".

Essa a nota do tradutor, Ricardo Baeza, a quem os devotos de Wilde nunca poderão agradecer bastante o trabalho ingente que realizou nesta edição primorosa.

A propósito de "Uma Tragédia Florentina", que agora sabemos ter sido deixada em simples fragmento, e da qual grande parte foi escrita por Surge Moore, é ainda curioso observar que há dela uma edição brasileira, tradução de Elísio de Carvalho e prefácio de Jorge Jobim, edição ornada de finas ilustrações de Di Cavalcanti. Mesmo nessa edição, nem em nota do tradutor, que foi um dos maiores wildistas do Brasil, nem no amplo e bem informado prefácio de Jorge Jobim, encontramos mencionada a preciosa colaboração de que Ricardo Baeza agora nos informa. E, diante disso, não sabemos que mais admirar, se a obra dramática de Wilde, se a notável colaboração em que Surge Moore soube manter uma fidelidade tão estrita ao drama que sua presença nço afeta, antes engrandece, a criação daquele dramaturgo tão raro e tão difícil que foi Oscar Wilde.



Oscar Wilde



MORGAN

Charles Morgan é um nome hoje popular e querido pelos leitores brasileiros, graças às boas traduções que têm aparecido de suas obras principais — "Sparkenbroke", "A Viagem", "A Fonte". Aqui está o mestre do romance psicológico moderno, no seu retrato com a esposa, óleo de Sir William Rothenstein

UMA ANEDOTA DE FANNIE HURST

Pouco tempo depois que publicou seu primeiro romance, a escritora **Fannie Hurst**, autora dessa obra-prima universalmente famosa que é "Esquina do Pecado", resolveu verificar o sucesso de venda originado pelo seu romance de estréia.

Assim, — conta-nos **E. E. Edgard** — passando pela Quinta Avenida, entrou em uma livraria. Procurou por tôda parte, nas vitrinas e nas estantes, mas não viu nem um exemplar de sua obra. Dirigiu-se a um empregado da casa e pediu o livro:

— Não temos, minha senhora — respondeu o rapaz.

— Mas daqui a uma ou duas semanas, voltou à livraria da Quinta Avenida. Como antes, passou uma revista minuciosa, nas vitrinas e pelas estantes. Não foi mais feliz do que da primeira vez, pois não encontrou nem um volume para amostra do seu livro.

Já teriam vendido tôda a remessa?

A autora procurou de novo o empregado da casa, e sem se apresentar, naturalmente indagou dele e recebeu resposta quase idêntica à anterior.

— Não temos, no momento, mas estamos esperando, por êstes dias.

Miss Hurst, um tanto desengraçada, observou:

— Parece que não há grande procura dêsse livro, não é verdade?

— Oh! — voltou o livreiro — não poderei dizer isso... Há uns quinze dias uma senhora veio aqui procurar êsse livro... Como vê, está interessando...

A MÃE DE THOMAS MANN

Ernesto Feder informa-nos sôbre a origem brasileira de Thomas Mann. A mãe do romancista, Júlia da Silva Bruhn, era filha de um plantador alemão no Brasil, de nome Bruhn, que se casara com uma senhorita Silva, filha de um luso-brasileiro e de uma índia, oriunda dos nossos sertões. Júlia, brasileira nata, deixou o Rio de Janeiro, onde nascera, aos seis anos, indo fazer seus estudos em Luebeck. Ali casou com o senador Mann, prefeito dessa cidade livre, e do consórcio nasceu o romancista de "A Montanha Mágica".



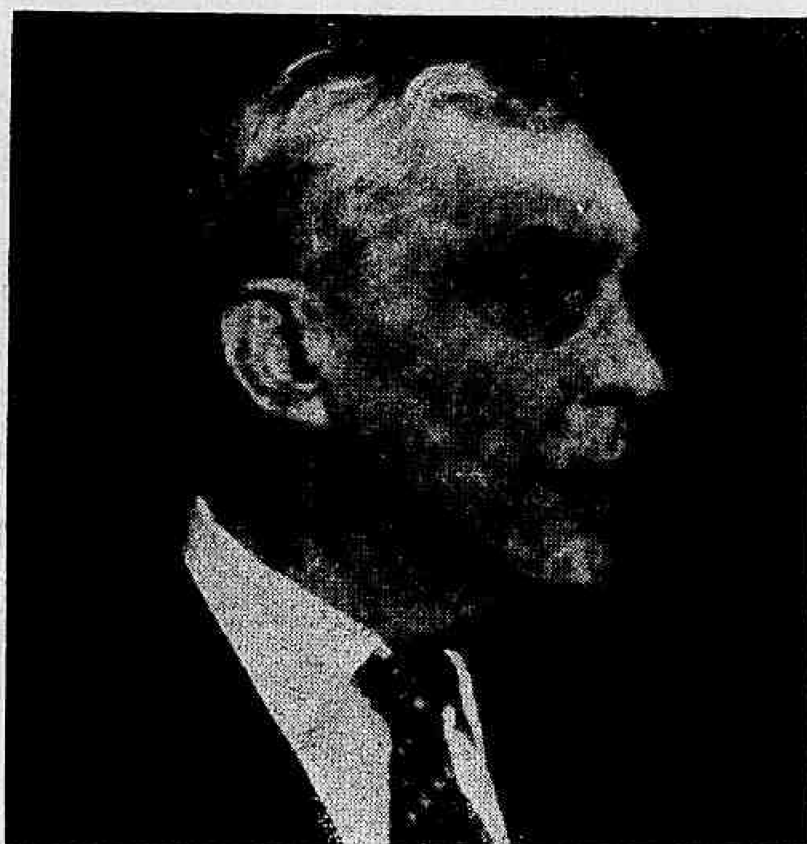
No velório, na Academia de Letras, a esposa de João Luso chora o companheiro morto



No cemitério de S. João Batista, pelo Pen Club, fala o Dr. Carlos da Silva Araújo

A MORTE DE JOÃO LUSO

Traços de sua vida ★ Nasceu para as letras ★ O adeus de seus amigos na Academia e no Cemitério ★ A REVISTA DA SEMANA se alia às homenagens



O escritor e jornalista Armando Erse de Figueiredo, conhecido pelo pseudônimo de João Luso.

AS duas horas da manhã do dia 6 dêste mês de janeiro, expirava o nosso colega Armando Erse de Figueiredo, ou melhor, João Luso, como era conhecido. Embora português de nascimento, ainda muito jovem veio tentar a vida no Brasil, arranjando emprêgo em estabelecimento comercial de Santos. Mas João Luso nascera para as letras e, por vocação incoercível, passou a escrever em jornais de S. Paulo.

Mudando-se para o Rio, aqui passou a fazer parte de órgãos da imprensa carioca da estirpe do "Jornal do Comércio", onde atuou até morrer. Manteve durante anos diversas seções literárias nesta REVISTA, fazendo a crítica de livros, sempre muito honesto em suas apreciações e de alma sempre aberta aos novos que surgiam. Quando se fazia necessária uma restrição ao valor literário dos criticados, jamais João Luso os tratava com aspereza; dava sua opinião e conselhos para melhor progresso nos caminhos difíceis das letras.

Morreu o nosso companheiro com 75 anos de idade. Casado com Dona Lídia de Figueiredo, não deixa filhos. Logo que se espalhou a infausta notícia de seu passamento, amigos, admiradores, colegas de imprensa, membros da Academia Brasileira de Letras, da qual fazia parte João Luso na qualidade de sócio correspondente, afluíram à sua residência para apresentar à viúva os seus pêsames.

Pela manhã foi o corpo transportado para a Academia Brasileira de Letras, cujo salão nobre se converteu em câmara ardente, velando-lhe o corpo grande número de pessoas das mais elevadas camadas sociais, das letras e das artes.

A REVISTA DA SEMANA fêz-se representar por seu Diretor, que esteve presente às cerimônias do funeral e acompanhou o féretro até ao túmulo do saudoso morto.

O cortêjo fúnebre destacou-se pela maior imponência, vendo-se grande número de coroas e os sinais da mais sincera consternação estampados no rosto de quantos acompanharam João Luso à sua última morada em São João Batista.

Diversos oradores se fizeram ouvir. O primeiro, o acadêmico Peregrino Júnior, à saída do cortêjo da Casa de Machado de Assis, em nome da Academia Brasileira de Letras; por último, ao baixar o corpo ao túmulo, orou o sr. Carlos da Silva Araújo em nome de todos os sócios do Pen Clube, dando o último adeus ao escritor e jornalista.

Esta REVISTA, em cujas páginas o aplaudido intelectual tanto escrevera, dando-lhes o brilho de sua inteligência e a beleza de seu caráter de homem probo, honesto e construtor, aliou-se de coração às manifestações de saudade ao seu amigo e redator, unindo-se a todos os que tiveram em João Luso uma das mais belas expressões de dignidade humana, pela cultura e pelo amor ao trabalho.

Renovando à sua companheira de tantos anos, a sra. Lídia de Figueiredo, os nossos sentidos pêsames, registramos com o coração em luto o triste acontecimento, expressão de grande consternação de todos os que trabalham nesta casa.



A saída do féretro, vendo-se dentre outras figuras de nossas letras, Osório de Almeida, Ataulfo de Paiva, Pedro Calmon, Adelmar Tavares, Afonso Pena Jr., Deputado Luz Pinto, Clementino Fraga, Celso Kelly, Cláudio de Sousa, Gratuliano Britto, Martinho Nobre de Melo, antigo embaixador português. Discursando no momento, o Sr. Peregrino Junior



1 No território norte-americano, durante a guerra, o povo prestou auxílio de tôda maneira, na retaguarda, ao esfôrço do govêrno em prol da vitória. Uma das modalidades dêsse auxílio consistia em pôr à venda em quermesses, por intermédio de belas senhoritas, beijos ao preço de um ou mais dólares, para arrecadar fundos para obras de beneficência. Êste foi o motivo que provocou o rompimento das relações entre duas famílias vizinhas, numa cidade norte-americana, pois os Archers, sabendo que sua filha Corliss assim havia procedido, pensaram que o tivesse feito por influência da amiga Mildred, filha da vizinha. Corliss (Bibi Ferreira), apesar de proibida, recebe a visita de Mildred (Marcia Real) e da irmã desta (Sônia Maria), enquanto Dexter (Luis Cataldo), namorado de Corliss, achando ruim, ameaça atirar um repôlho em Mildred.

BEIJA-ME E VERÁS!

(KISS AND TELL)

3 ATOS DE F. HUGH HERBERT (TRADUÇÃO DE R. MAGALHAES JUNIOR) PELA COMPANHIA BIBI FERREIRA NO TEATRO REGINA



2 Com a chegada dos pais de Corliss, Mildred e a irmã Totinha saem pelos fundos da casa para não serem surpreendidas. Harry Archer (Delorges Caminha) e sua espôsa Janet (Cirene Tostes) trazem como visita o cabo do exército Earhart (Fernando Vilar), para jantar na casa. Isso fazia parte dos deveres sociais dos civis para com os militares, durante a guerra. Corliss, apesar de seus quinze anos, dá-se ares de moça e tenta namorar o cabo. Os pais, por meio de indiretas, fazem-lhe compreender a situação absurda e ridícula em que está se metendo. O cabo Earhart leva tudo na brincadeira, pois também tem uma irmã com a mesma idade e os mesmos caprichos. Nisso chega Dexter que vem buscar Corliss para ir ao cinema conforme o combinado. Corliss recusa-se, mas a uma sugestão do pai saem todos juntos para ir ao cinema.



3 A menina Totinha procura Corliss, não a encontrando, quando, com grande surprêsa, vê chegar o irmão dela, o tenente Leny Archer (Jardel Jercolis Filho), que vem de licença. Ninguém o esperava pois havia avisado que chegaria no dia seguinte. Perguntou logo a Totinha por Mildred, e a menina, com evasivas, deu a entender que alguma coisa de estranho existia entre as duas famílias. Não podendo ir à casa dela, onde não seria recebido, pensa numa maneira de poder com ela se encontrar e é a própria Totinha que sugere o encontro ali mesmo, aproveitando a ausência de tôda a família. Aprovado o plano, telefona à irmã dizendo-lhe que Corliss precisava falar-lhe e que viesse sem susto à casa da amiga. Sem suspeitar da presença de Leny, Mildred chega correndo e cai nos braços do querido aviador, pelo qual está apaixonada.





4 Discretamente deixados a sós por Totinha, os dois namorados passam os primeiros momentos a matar as saudades, num enlêvo cheio de trocas de juras de amor. Mildred faz planos para os quinze dias de licença, mas Leny desilude-a dizendo-lhe que a visita é rápida e extraordinária, será de apenas 72 horas, depois do que deverá partir para a frente de batalha. Chora Mildred e não quer deixá-lo partir. Leny pede-lhe para casar logo com êle. A moça titubeia, devido à delicada situação das duas famílias, mas Leny, que está a par do acontecido, propõe casar em segrêdo e só contar às famílias quando estiverem apaziguadas. Após alguns instantes de indecisão, Mildred aceita. Beijam-se os dois mais uma vez, no que são surpreendidos por Totinha, a travêssa menina que não compreende qual a graça que a irmã acha no namorado.

★

5 Na tarde do dia seguinte está Corliss tratando do cachorrinho. Surge o irmão, ao mesmo tempo satisfeito e preocupado. Pergunta-lhe Corliss a razão e Leny, fazendo-a jurar que será capaz de guardar um segrêdo, revela que de manhã havia casado com Mildred. Para isso tornou-se necessário atravessar a fronteira do Estado, que estava perto, e já do outro lado foi só procurar um juiz de paz ao qual Mildred declarou uma falsa idade, já que por alguns meses apenas ainda era de menoridade, o que poderia trazer complicações. Interrompem a conversa com a chegada dos pais e, em seguida, da vizinha Mary Franklin (Belmira de Almeida), mãe de Dexter, o namorado de Corliss. Vem, como sempre, para conversar um pouco com Janet Archer, mas na realidade para bisbilhotar e contar o que soube em outras fontes.



★

6 A conversa vai animada e de repente surge Dorothy Pringle (Laís Dias) empurrando a filha Totinha. Vem ela para pedir satisfações à dona da casa, Janet Archer, pois sua filha Totinha referiu-lhe coisas desagradáveis e quer que as repita agora na frente de todos. Totinha escusa-se e então a própria Dorothy declara que Janet havia dito que Mildred, ainda pelo acontecido na quermesse onde em companhia de Corliss haviam vendido beijos, era uma pequena ordinária. Isto revolta os presentes por se tratar de mais um caso de veneno por parte da terrível Totinha. Leny, especialmente, procura por todos os meios apaziguar as duas famílias que por tanto tempo foram amigas. Não o consegue porém e, enquanto Dorothy retira-se enraivecida, Mary faz o mesmo, mas para contar à vizinhança o acontecido na casa dos Archer.



7 Harry Archer, que havia saído para dar um giro, volta pouco depois gritando, despenteado, sujo, com as roupas esfarrapadas e com o rosto ensanguentado. Aos familiares que o acodem e que querem saber o que houve, nervosamente pede para que tratem dêle, enquanto aos berros diz que vai matar o agressor e que o processará, o enviará para a cadeia. Os parentes, que ficam sem saber o que houve de fato, procuram acalmá-lo, sentam-no numa cadeira, põem gêlo no rosto entumecido e aos poucos êle vai contando como foi a briga. Explica que ia passando em frente à casa dos Pringle, na porta da qual estava o dono. Chamado por êste, aproximou-se amável e foi inesperadamente agredido a sôcos. Reagiu, e o resultado era aquêle, enquanto o outro estava com a dentadura partida. A consequência foi vedar a Corliss qualquer encontro com Mildred.



★

8 Passaram-se dois meses. Mildred está esperando uma criança. Foi um médico ginecologista quem lhe deu a certeza, quando, em companhia de Corliss, foram visitá-lo com tôdas as precauções possíveis. Isto porque ainda mais ninguém sabe do seu casamento com Leny. Na manhã de um sábado, enquanto Janet media um vestido em Corliss, chega Dorothy, tôda sorrisos. A sua presença causa estranheza nos Archers, e quando ela diz que veio falar de Corliss, Janet obriga esta a se retirar para o quarto. Dorothy conta-lhes que Corliss foi vista saindo do consultório de um ginecologista e várias vêzes em companhia do cabo Earhart. Corliss, chamada pelo pai para confirmar, permanece calada, pois havia jurado nada dizer sôbre o casamento do irmão, e o seu silêncio é interpretado como confirmação, o que surpreende e enfurece os pais.



★

9 Harry Archer promete vingar-se do cabo sedutor e imediatamente telefona para o quartel em que êle serve, querendo expor o fato ao comandante. Corliss, para salvar o cabo de uma acusação injusta e ao mesmo tempo nada revelar, diz que não é êle o pai da criança; enquanto o pai de Corliss lhe pede para dizer quem foi, ouve-se a voz de Dexter, o bobo e ciumento namorado de Corliss, que a vem procurar. Corliss não perde a ocasião e diz que foi êle. Harry e Janet Archer quase não acreditam, pois Dexter sempre agiu corretamente, e quando êste se apresenta serve de alvo para a ira de Harry que quer agredí-lo, até que Janet consegue acalmá-lo, levando-o para dentro de casa. Uma vez sòzinhos, Corliss explica a Dexter o desenrolar dos acontecimentos e fá-lo jurar que nada dirá por enquanto, arcando com as consequências de pseudo-pai.



10 Os ânimos serenaram-se um pouco e todos estão encarando os fatos com mais benevolência, inclusive a mãe de Dexter, após a natural explosão de ódio incontido contra o filho, sedutor de uma menor. Harry procura localizar o médico ginecologista que atendeu a filha, mas não o consegue por ser sábado de tarde e estar aquêle ausente do consultório. Janet, apesar de muito sentida, quer amenizar a situação da filha, que o pai fechou no quarto, e, num momento em que êle se ausenta, conversam as duas, acusando-se a mãe de boa parte da culpa, pois continuara acreditando a filha uma criança e não a alertara contra os perigos da vida. Em todo caso sempre existia um meio de remediar o mal: casar Dexter com Corliss, o que seria feito quanto antes, apesar de serem ainda muito jovens e de dependerem ainda dos pais.

★



11 Inesperadamente surge o tio George, irmão do dono da casa. E' êle comandante da Marinha de Guerra; vem em licença especial e deseja falar a Corliss, já que ela é o objetivo de sua vinda. Os Archer não o põem a par da situação, de modo que se criam alguns malentendidos que deixam o tio George confuso. Afinal aparece Corliss, que é afetuosa e calorosamente abraçada pelo tio que a levanta do chão girando-a no ar. Corliss leva tudo na brincadeira, mas os pais temem pela sua saúde, sempre pensando que ela vai ser mãe. O tio George explica o motivo de sua viagem. Será lançado ao mar um novo "destroyer" de que êle será o comandante e recebeu permissão da Marinha para dar-lhe o nome que quisesse. Pensou em Corliss, a sobrinha de quem mais gosta e veio convidá-la para ser a madrinha. Corliss entusiasmada aceita.

★

12 Mary Franklin, que estava presente, pois viera conversar sôbre o futuro de seu filho Dexter e de Corliss, percebe que o lugar não é próprio, devido à presença do tio George, e por isso convida os Archer a irem até sua casa; lá ficariam mais à vontade. Saem, deixando Corliss e Dexter sozinhos; o tio fôra até o quarto refrescar-se um pouco da viagem. Dexter conta as suas proezas, quando chega, após dois meses de campanha na Itália, Leny, cujo primeiro cuidado é esclarecer todos a respeito do seu casamento com Mildred, que é a que está esperando criança, desobrigando a irmã e Dexter do segrêdo e da culpa que assumiram e que tão bem souberam guardar. Todos ficam satisfeitos, as duas famílias reconciliam-se e, enquanto Dorothy aproveita para pedir desculpas a Corliss por havê-la acusado injustamente, Mary zanga-se com o filho Dexter por não ter sido capaz nem de ser pai.



ONDE NÃO SE FAZ AGRICULTURA



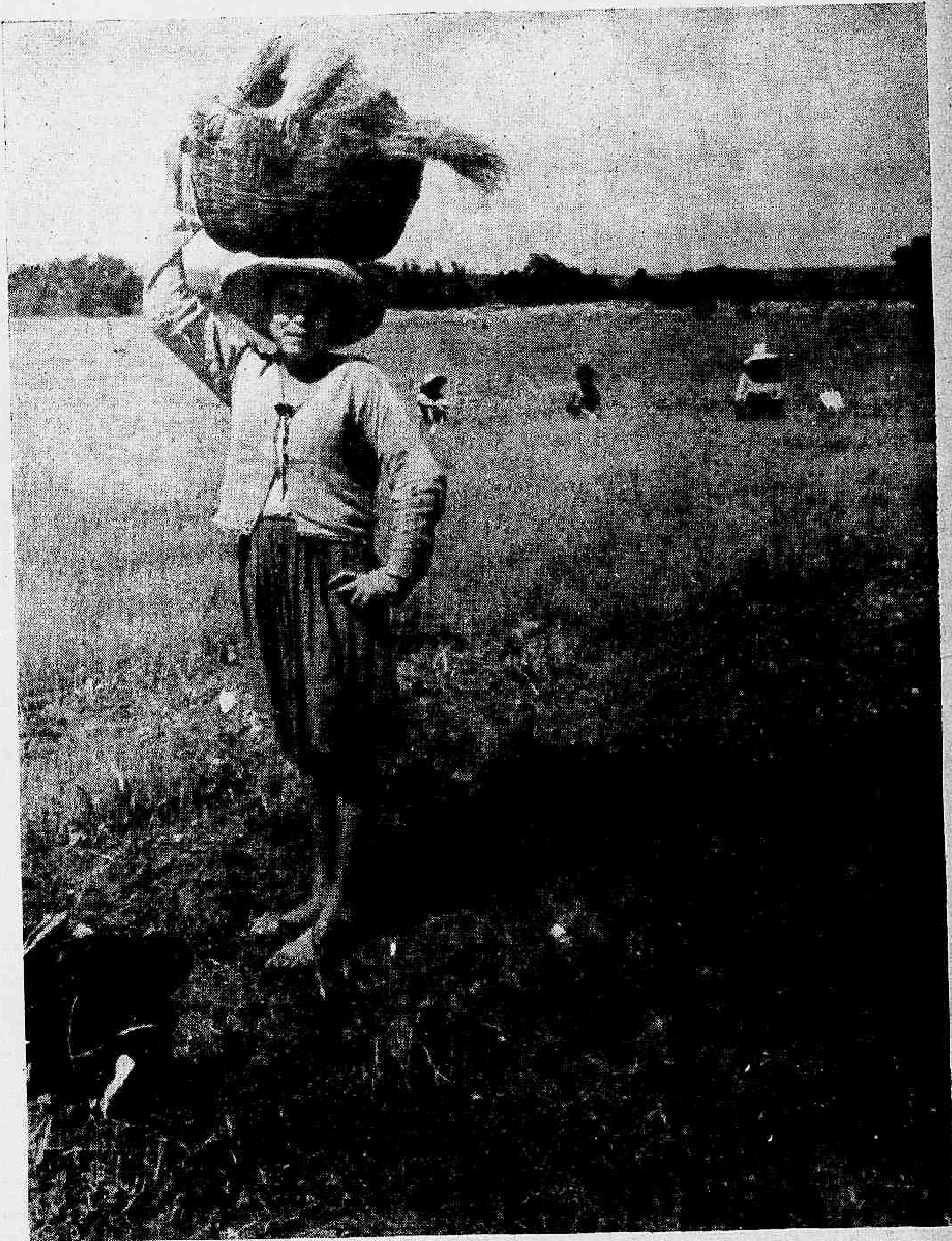
LINGADA de cachos de banana antes de içados para bordo, em Santos e destinados aos portos platinos. Mas a exportação do "fruto nacional por excelência", caiu muito

Situação atual da agricultura no Brasil ★ A vida do homem no campo ★ A necessidade da fundação de um Banco Agrícola ★ Brasil, país agrícola ou industrial?

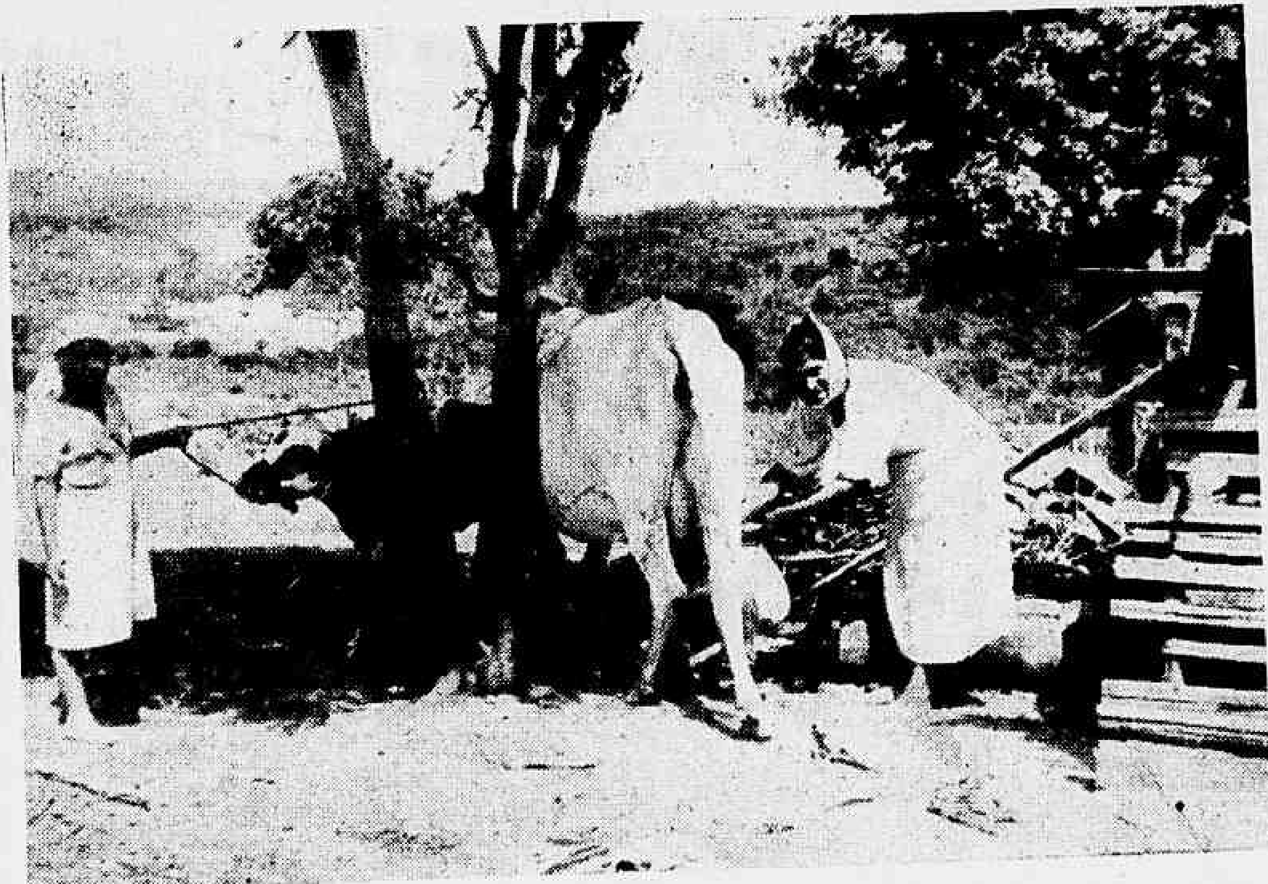
Reportagem de M. MERCEDES SANTOS

NÃO seria, em absoluto, incoerente, afirmarmos de início que é profundamente lastimável a situação da nossa agricultura. Todos nós sempre ouvimos dizer que o Brasil é um país "essencialmente agrícola", não sòmente pela sua extensão fabulosa, mas, também pela qualidade de suas terras. Entretanto, que importância tem tudo isso, se tão poucos se animam a fazer agricultura neste país? Constrangedor é o panorama que oferece o pequeno agricultor em todos os recantos do Brasil, pela sua inércia e falta de confiança no seu próprio esfôrço.

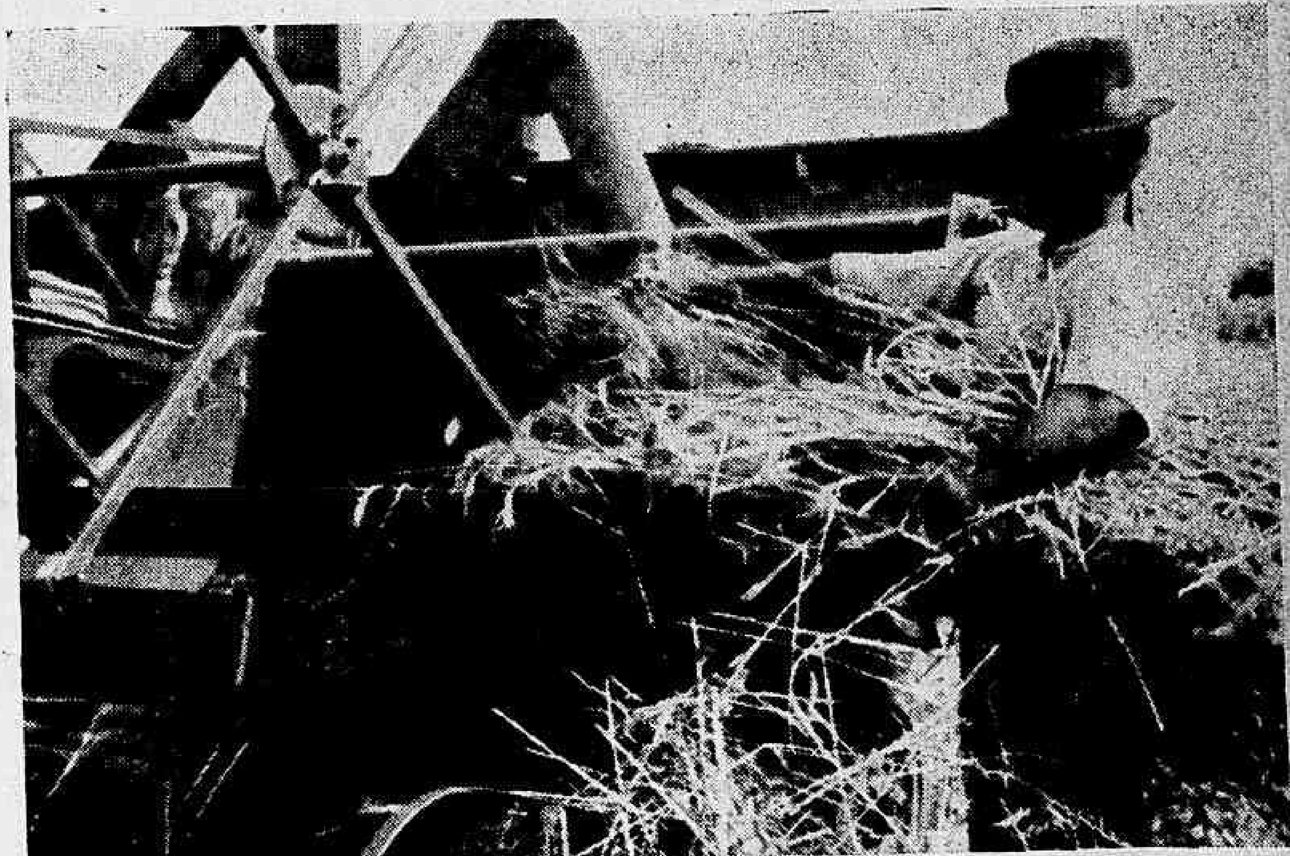
A carência de braços é a "válvula de escape" dos que insistem em mergulhar no cáos ou estacionar a agricultura do nosso país. Entretanto, o problema da falta de braços foi criado por êsses mesmos, porque teimam em não valorizar o trabalho do homem do campo, entregue às incertezas de tôda ordem, desde à falta de planificação e de estímulo dos responsáveis pela economia nacional, até a carência de transportes e a interferência gananciosa dos "intermediários" que, afinal, sem qualquer esfôrço ou diligência é que desfrutam dos poucos lucros que caberiam a quem lavra a terra ainda por processos tão deficientes. São complexos, pois, os motivos da si-



ARROZ não exige muitos cuidados na sua cultura. Impõ tratamento cuidadoso no período de crescimento mas êsse mesmo é fácil. Aqui, uma jovem camponesa do sul, carregando mudas de arroz para outros campos. Ao fundo, agricultores da colheita de mudas em ponto, trabalho que não encontra o número suficiente de braços, no Brasil



ÍNDIOS civilizados entregam-se à ordenha do leite, em Queimados. Por que não vai mais gente das cidades para o interior fazer o mesmo serviço? Respondam as autoridades!



"COMBINADA" da Seção de Fomento do Paraná, em atividade numa cultura de trigo Como se vê, a mecanização já existe, por iniciativa particular e em pequena escala



QUANTO MAIS nos afastamos do Rio, mais encontramos o homem em contacto com a terra. Êste é um aspecto colhido durante a vaquejada no município de Surubim, zona agreste do Estado de Pernambuco. E o mais importante os vaqueiros são nossos, genuinamente nacionais, porque dificilmente o imigrante adere a êsse feitio de atividade



MAIS ARROZ! Um lindo tipo de camponesa, entregue à colheita e muda do arroz, trabalho que ela executa sorrindo, sem preocupações, feliz porque afinal pode ser útil!



ALGODÃO NA PARAÍBA, o que muita gente ignora na Capital da República: Flagrante da colheita do Campo de Cooperação, no Município de Ingá — Paraíba. Ouro branco da melhor qualidade, obtido com o trabalho fecundo daqueles nossos patrícios. Com amparo maior do Govêrno estoques maiores poderão ser arrecadados em breve tempo

tuação geral de quase calamidade a que chegamos, e ninguém ignora, cabe ao govêrno, estamos certos, a responsabilidade maior pelo que acontece a despeito das frequentes mensagens, dos reiterados relatórios e de outros meios de pura argumentação (que os fatos desmentem a tôda hora), procurando provar que caminhamos num mar de rosas e que a vida do campo é a garantia segura de prosperidade com lucros compensadores.

SITUAÇÃO ATUAL DA AGRICULTURA NO BRASIL

Muito recentemente, ainda, foi divulgado um documento do Ministério da Agricultura procurando contestar afirmações feitas à guiza de balanço do ano que findou, documento que alinhou muitas cifras, estudadamente preparadas para armar efeito, mas que, de fato, não lograram desfazer, na opinião pública, o que fôra anteriormente divulgado. No que se refere, por exemplo à produção animal, diz o aludido documento: "...Se em 1945 foram abatidos 4.202.782 cabeças de bovinos, 5.219.931 de suínos, 1.350.464 de ovinos, 1.134.138 caprinos, somado 11.907.315 cabeças e, em 1948 foram abatidos 5.828.518 bovinos, 5.093.951 de suinos, 1.292.573 de ovinos e .... 1.257.604 de caprinos, perfazendo um total de 13.472.646 é aumento que se verifica e não decréscimo". Dito isto, parecerá ao observador menos atento que a situação da pecuária é a melhor possivel. Se assim é, por que nos primeiros dias dêste ano o Executivo sancionou a lei do Congresso que tanto alarde causou perdoando as dívidas dos pecuaristas? Por que continuam por tôda parte, neste país, as dificuldades de abastecimento de carne?

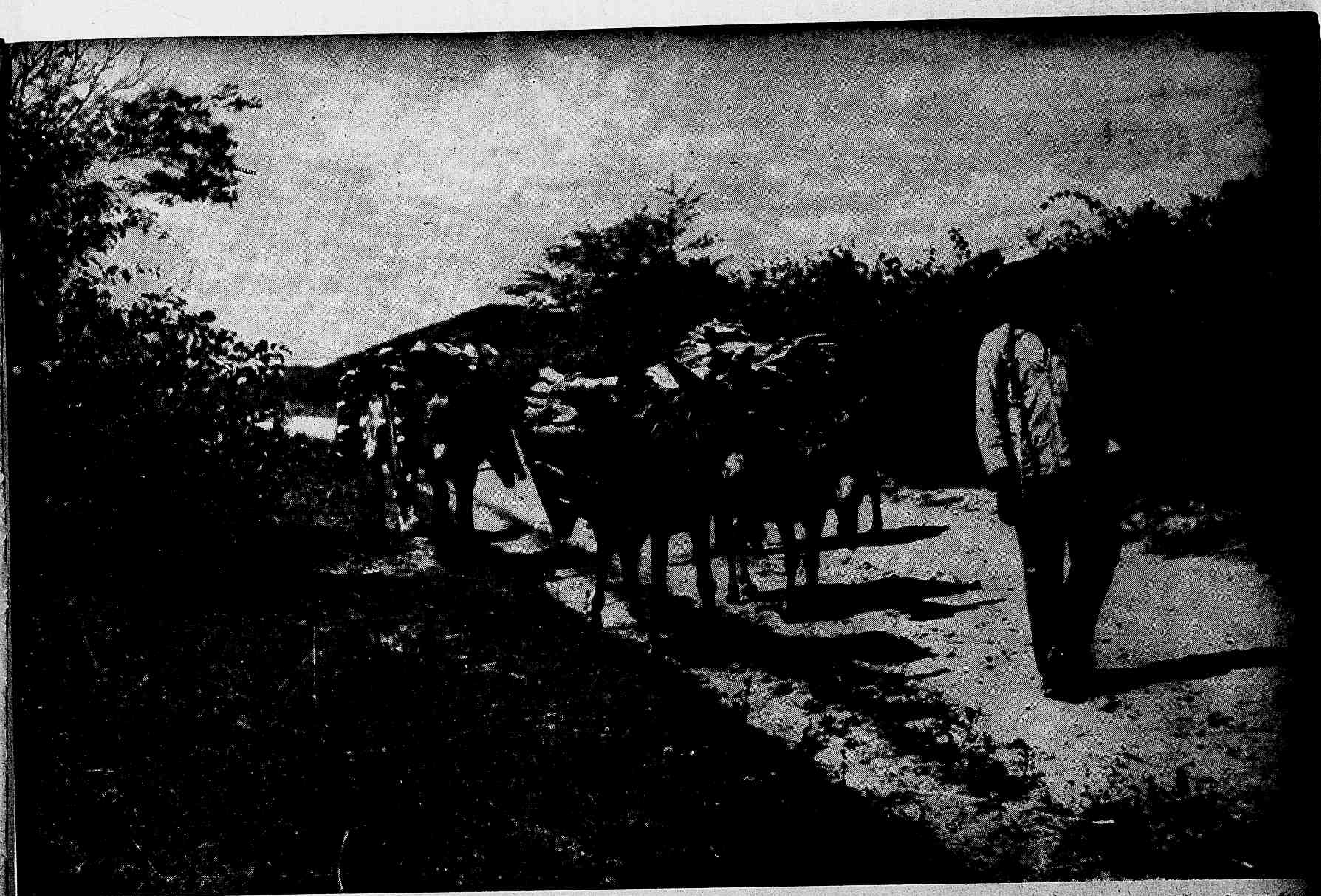
Porque, respondendo a verdade é que se matamos mais agora do que anteriormente, estamos, evidentemente, sacrificando a situação de amanhã que se tende a agravar, pois estamos reduzindo ano após ano os nossos rebanhos



FEIRA DE PROPRIÁ, em Sergipe. — As feiras do interior ão a válvula de escape para o fornecedor em pequena escala e o consumidor. Ali se adquire tudo quanto de útil e necessário para o campo e para a residência do trabalhador. Em Propriá, Estado de Sergipe, a feira está integrada nos costumes da gente. E desde criança se vive para ela



HORTAS EM ALAGOAS — Rega de uma horta familiar, tarefa para as crianças. O sertanejo não é, como se diz à distância, um pária, nem um inútil. Trabalha e bastante



CENAS TÍPICAS DO NORDESTE — Ao alto, a jornada pela estrada agreste. A tropa que nesse passo lento vence horas e léguas. Em baixo, colheita de algodão no Campo de Cooperação Santa Lúcia, Município de Guarabira, Paraíba. Duas cenas típicas do nordeste brasileiro, atestado eloquente do labor e da perseverança do caboclo incompreendido.





NÃO SÓ DA TERRA vive o homem — também das águas. O peixe fresco ou salgado, abastece imensas regiões do país onde faltam outros alimentos. A corrida às feiras, como se vê nestes dois aspectos batidos em Propriá, Sergipe, é uma derivante dessa escassez de gêneros alimentícios. Em muitos lugares a feira é permanente e mesmo diária



FEIRA EM PATI — Aqui mesmo, nas vizinhanças do Distrito Federal, em Pati do Alferes, a feira assume proporções respeitáveis em certa época do ano. E ali são embarcados alguns produtos da região fluminense, com destino ao suprimento do Rio e de outras cidades vizinhas. O Brasil não deve ser apenas, exclusivamente agrícola



e comprometendo cada vez mais a produção futura. Nem os pecuaristas iriam chegar à vexatória posição de se confessarem insolváveis, tanto que recorreram ao decreto aludido tão duramente comentado por tôda nação se não estivessem realmente em crise.

Assim, portanto, quando se diz que a situação atual da agricultura no Brasil é boa, deve-se ler (ao contrário e como todos o sentimos), que ela é, de fato, má.

A VIDA DO HOMEM DO CAMPO

Ao homem do campo nada se deu, ainda, no Brasil. Heròicamente, tudo êle tem improvisado. Resistiu, durante muito tempo, ao meio adverso. Venceu a terra, por vêzes. Em muitas outras, superou tôdas as fôrças contrárias. E assim foi e assim lutou até que a inevitável elevação do nível de vida em seu derredor não mais lhe permitiu, sòmente usando a enxada — que ainda é, vergonhosamente, o símbolo do nosso meio de trabalho no campo — ganhar o próprio sustento com o suor de seu rosto. Por tôda parte, em outras terras, o homem do campo já se libertou da maldição bíblica, recorrendo aos tratores e aos mais modernos métodos que lhe proporciona a mecanização da lavoura, desde o preparo do terreno, o plantio, o replantio e a luta contra as pragas e outros fatores de enfraquecimento da próxima colheita, até as mais requintadas máquinas para realizar a própria colheita, sem falar nos meios próprios de transporte e garantias de colocação segura da produção. Há ainda muitos outros sintomas do abandono em que se encontra o nosso homem do campo, entregue ao empirismo, às doenças, sem qualquer possibilidade de recorrer à ciência, vivendo, como vive, quase sempre, a muitas léguas — ainda só se fala em légua como medida de maior distância em nosso "hinterland" — dos poucos postos médicos que existem para atendê-los. Das escolas, para seus filhos, nem é bom falar...

Isso pôsto, não precisamos escrever mais para mostrar o que é o penoso mister de trabalhar a terra para dela viver e alimentar uns e enriquecer outros — os "intermediários".

DA NECESSIDADE DA FUNDAÇÃO DE UM BANCO AGRÍCOLA

Exposta a situação real da vida do campo e conhecidos os meios precários de vida dos homens que dêle tratam, o que já ficou dito acima, não se torna necessário argumentar a falta que lhes faz um Banco Agrícola, apoiado, é claro, pelo govêrno, por isso que não seria justo criassem particulares estabelecimentos dêsse gênero, visto como, os riscos são por demais certos e poucas as esperanças de boa colocação de capitais. E isso é evidente. Mostramos como, à base do trabalho com a enxada, não pode haver progresso nem lucro. Como emprestar, pois, na previsão certa da produção deficitária? Só o govêrno, responsável que é pelo problema e pelo progresso do país, pode e deve fazê-lo, orientando a sua política no sentido da mecanização e, mesmo, emprestando capitais, sobretudo, para êsse fim.

Há, é certo, no Banco do Brasil, uma Carteira que se destina a isto. Mas essa não atende aos pequenos lavradores e quando o faz com os grandes é para ter a experiência que lhes deu os pecuaristas, para não falar em outras ainda de pior memória...

BRASIL AGRÍCOLA OU INDUSTRIAL?

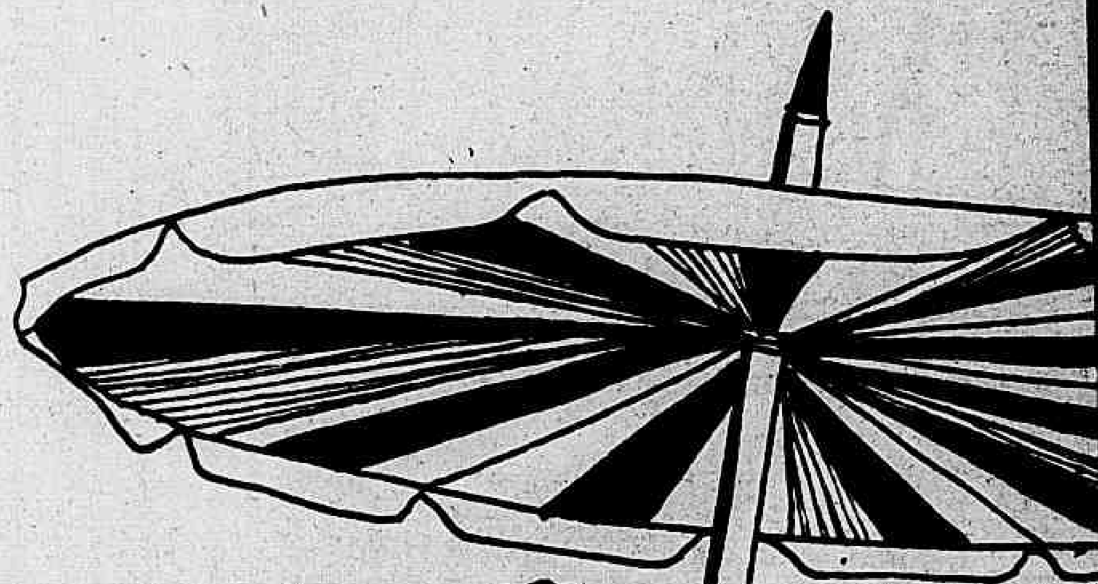
Não faz muito, andava então por aqui a Missão Abbink, voltou-se a fazer a indagação acima. Pergunta, aliás, muito velha, já. Foi na Bahia, onde teria um dos membros daquela missão ianque respondido que deveríamos permanecer apenas na posição de trabalhadores da terra, deixando aos outros os lucros de beneficiar e industrializar a nossa matéria prima. Essa é outra questão em que, por vêzes, as cifras ou os argumentos adrede preparados podem levar a conclusões errôneas. Certamente, os trabalhadores agrícolas têm sido, por vêzes, altamente prejudicados pela proximidade de grandes núcleos industriais, seja pela imediata elevação do nível de vida na respectiva zona, seja — o que é nossa conseqüência — pelo êxodo do homem do campo, atraído às oficinas que lhe dão maior paga. O exato, porém, é que fiquemos no meio têrmo. Essa mesma foi a resposta que alta autoridade da nossa indústria deu, também, na Bahia, ao aludido membro da referida missão estrangeira. Efetivamente, não seria admissível que voltássemos ao velho chavão de "país essencialmente agrícola", nem seria louvável que permanecêssemos apenas onde estamos no rumo industrial. No campo, como nas usinas, muito há o que fazer, podendo estas contribuir enormemente para que se ajuste a nossa situação agrícola, pela produção em massa e a preços reduzidos de máquinas simples para o amanho da terra. Quando aludimos a máquinas simples é porque sabemos estar tão enraizado nos hábitos do nosso homem do campo o uso primário da enxada e da fôice, que devemos começar aos poucos a conquistar a sua simpatia pelas máquinas. Só pela experiência das facilidades que as menos complicadas lhe trariam êle se capacitaria no futuro do emprêgo das mais aperfeiçoadas. Também pela própria razão do custo seria preferível não levar o pequeno agricultor das regiões mais afastadas — e portanto os mais recalcitrantes aos métodos modernos e onde faltariam, em muitos casos, os elementos indispensáveis ao funcionamento e aos reparos dos instrumentos aperfeiçoados — a uma mudança tão brusca nos seus processos de trabalho. Depois, com o tempo, os lucros já maiores e a experiência, se convenceria êle da necessidade de maior progresso e estaria vencida para o homem do campo no Brasil a sua grande batalha.

(Cont. na pág. 48)

Nicodemus SEM TER MAIS O QUE FAZER DÁ O VALÔR REAL DE ALGUNS

proverbios...

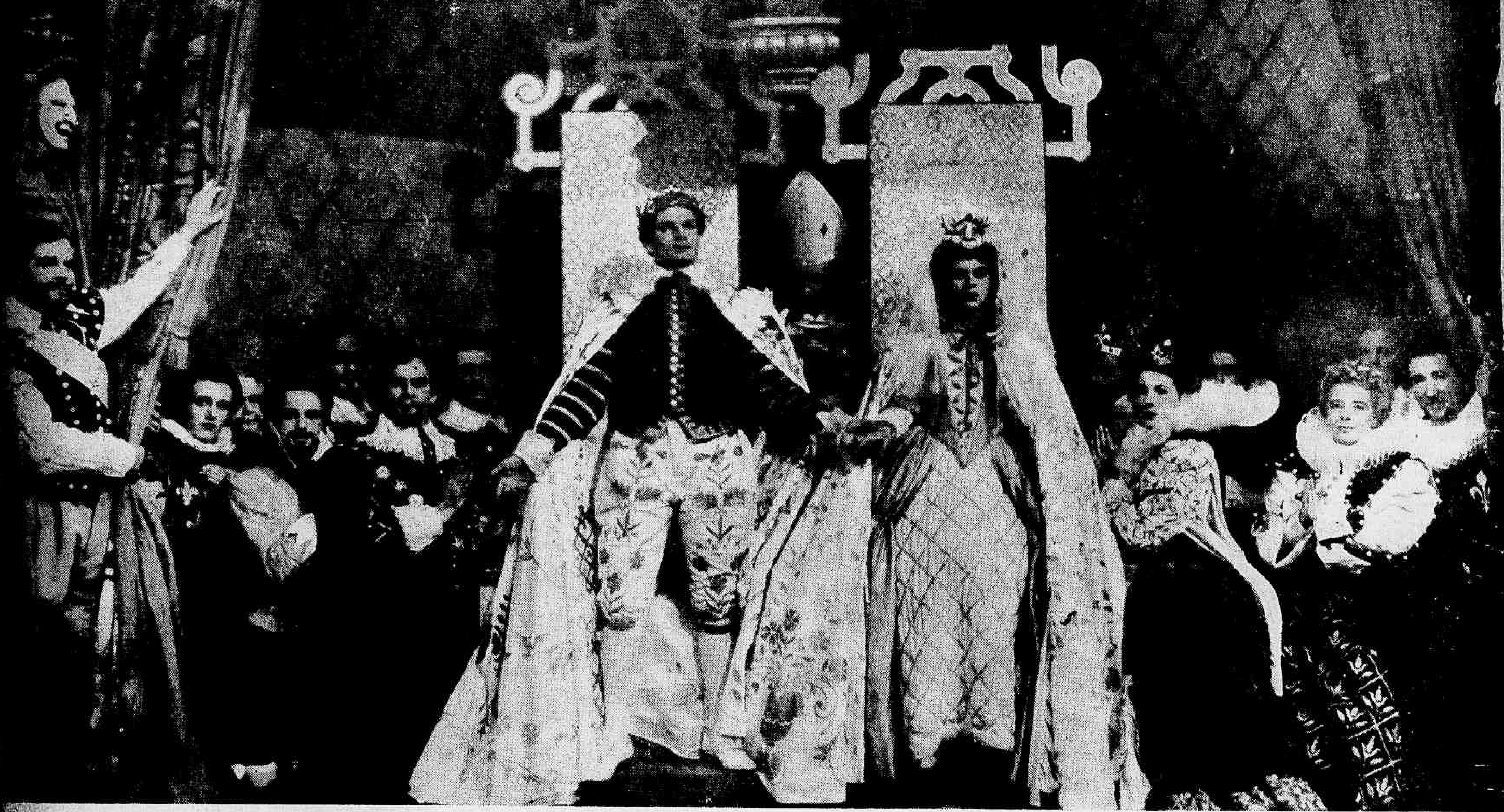












A COROAÇÃO

A cena da coroação de Henrique V, da Inglaterra, foi realizada com tôda a pompa; afirmam os críticos europeus que poucas vezes o tecnicolor encontrou tão boa aplicação como nesse filme. A gravura mostra Laurence Olivier no papel do soberano inglês, Renée Asberson no de Catalina, princesa da França, e Felix Aylmer no de arcebispo de Canterbury

OLIVIER-SHAKESPEARE

As restrições impostas pela guerra obrigaram Laurence Olivier a transferir-se da Inglaterra para a Irlanda ★ "Henrique V" foi filmada antes de "Hamlet" mas correu mundo depois ★ Shakespeare discutido no cinema, onde o seu êxito ainda é duvidoso

LONDRES, janeiro — (Por Mack Tewis, especial para a REVISTA DA SEMANA) — Para fazer jus à idoneidade de "Henrique V" como espetáculo cinematográfico, dizem os críticos, será bastante citar a batalha de Azincourt, a qual só poderia ter sido reproduzida na tela em tôda sua grandiosidade e realismo, dentro das possibilidades sem limites da técnica do cinema moderno. Aconteceu, porém, que as restrições impostas pela guerra tornaram impossível essa filmagem — principalmente a da batalha — em território da Grã-Bretanha, motivo porque Laurence Olivier, com a valiosa cooperação do govêrno da Irlanda, para lá se transportou em companhia de Dalles Bower e depois de percorridas inúmeras localidades, escolhendo por fim a pitoresca aldeia irlandesa Powerscourt. Ela serviu de cenário à filmagem das cenas históricas.

E' fácil imaginar o tempo, os planos e a organização que foram necessários para preparar a excursão de uma companhia cinematográfica com todo equipamento, sem falar nas maquinárias, para as grandes filmagens ao ar livre, reproduzindo cenas de batalhas sangrentas. Tornou-se necessária a construção de um vasto acampamento onde



A RIGOR

Tudo quanto Shakespeare ideou para sua famosa peça, estreada em 1599, foi agora transportado para o cinema. Na gravura, Renée Asberson e uma aia, em trajes da época



ROMANCE

Depois de sua interpretação de Hamlet, veremos Laurence Olivier em outra personagem shakespeareana, agora dirigido por Muir Mathieson. Mas "Henrique V" foi filmado antes



CATALINA

A Princesa de França, heroína dos amores do soberano britânico, na interpretação da atriz Renée Asherson



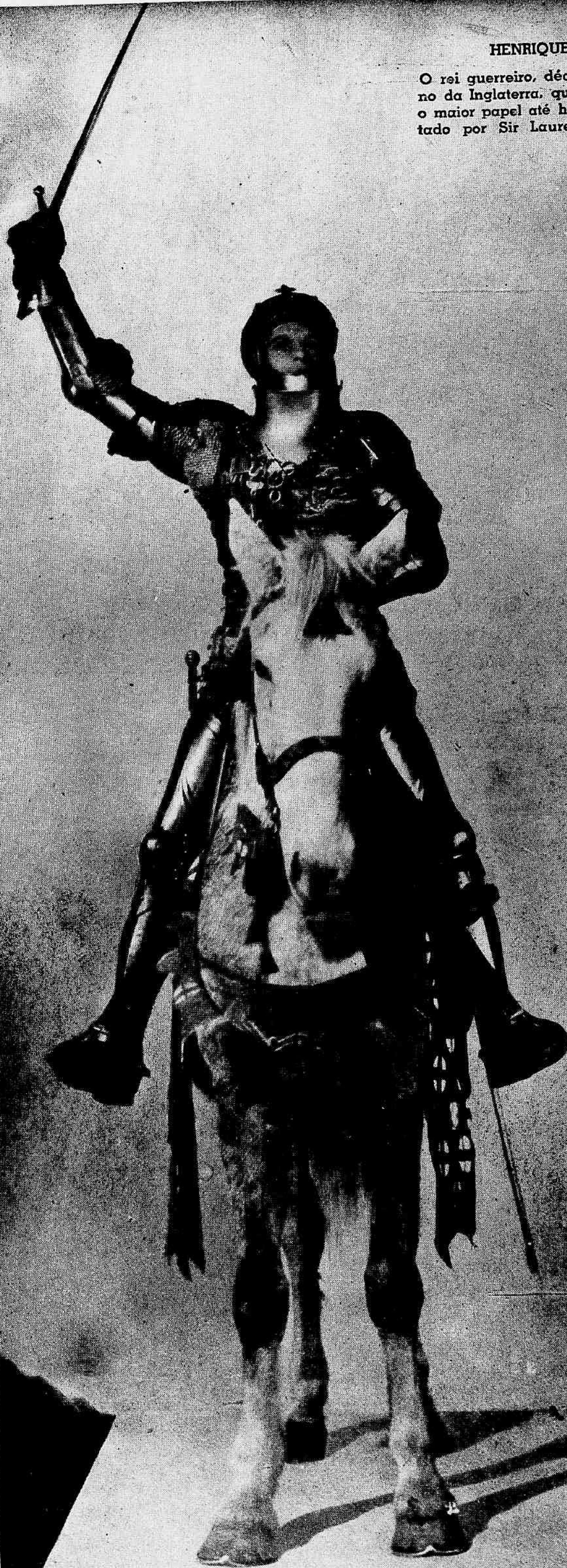
CARLOS VI

O rei da França, Carlos VI, encontrou no filme inglês um intérprete a caráter, no ator Harcourt Williams



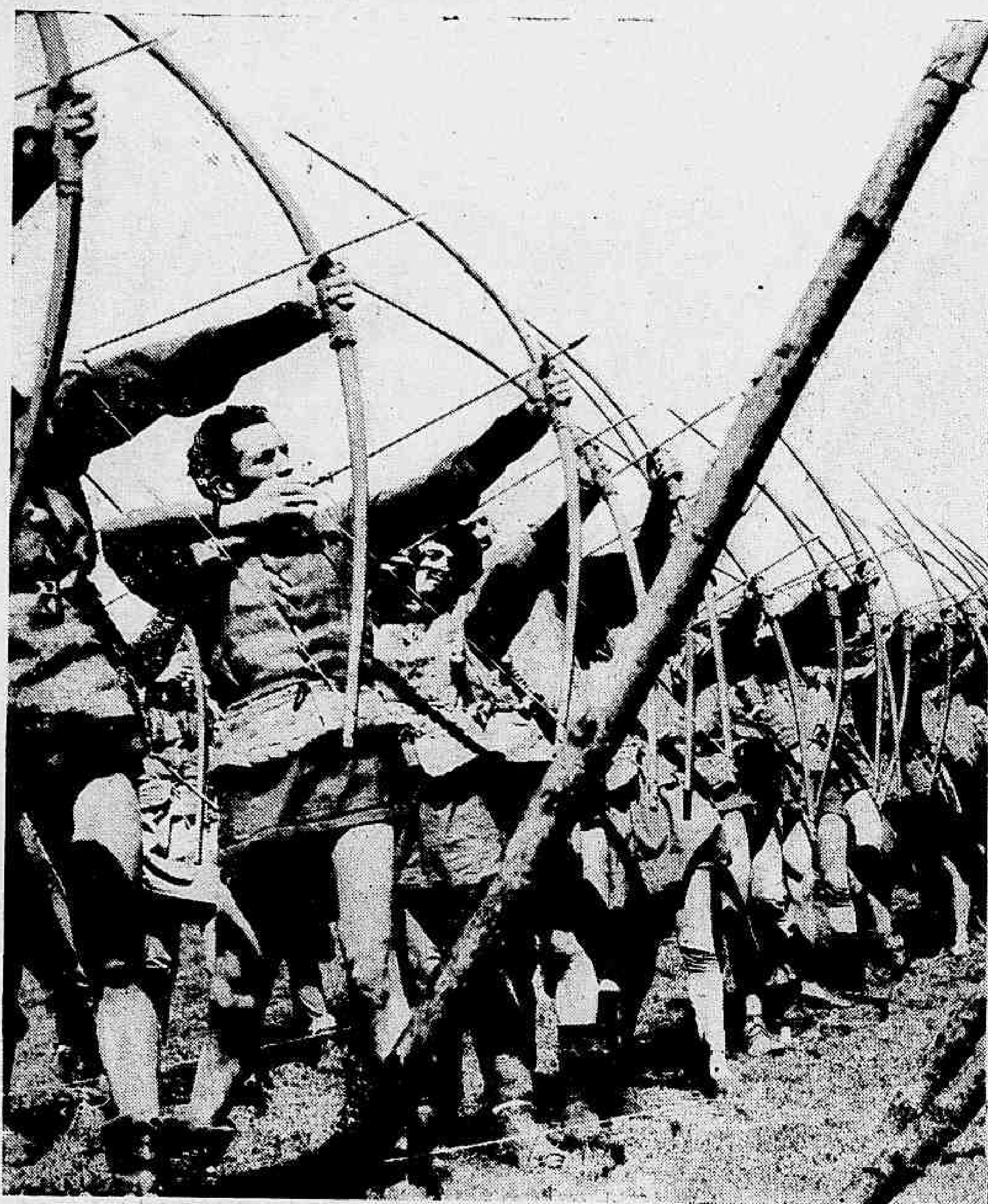
CANTERBURY

O Arcebispo de Canterbury, figura de relêvo na obra de Shakespeare, vivida no filme pelo ator Felix Aylmer



HENRIQUE V

O rei guerreiro, décimo soberano da Inglaterra, que se diz ser o maior papel até hoje interpretado por Sir Laurence Olivier



AZINCOURT
A batalha de Azincourt, em tôda a sua grandiosidade, dentro das possibilidades do cinema moderno, é um ponto alto do filme. O ataque dos arqueiros, de grande efeito.



A RIGOR
O sentido poético de Shakespeare adquiriu relêvo com a imponência espetacular das cenas de batalha. Grandes intérpretes do teatro inglês foram aproveitados nêsse filme

se alojou o pessoal — atores, operários, técnicos, costureiros, cozinheiros, etc.

Os sindicatos da Irlanda forneceram quinhentos extras para servirem de soldados. Foi necessário adquirir cento e oitenta cavalos e outros tantos ginetes, todos experimentados cavaleiros, para a movimentação das cenas militares.

As decorações da época, as tendas pitorescas de campanha e todo aparato guerreiro que dão ambiente aos acampamentos franceses e inglêses, foram desenhados por Paul Sheriff e Carmen Dillon. As oficinas do estúdio não paravam um só instante, pois estavam constantemente consertando as armas e o equipamento dos quais se serviam os participantes do filme. Um pormenor interessante na rodagem da Batalha de Azincourt, foi o fato de ser necessário filmar um mosaico pitoresco da época e não simplesmente um "mare magnum" com visões de combates medievais.

O histórico da obra de Shakespeare, "Henrique V", é dos mais interessantes mas a falta de espaço impediu que fôsse detalhada como merecia. A peça foi estreada em 1599, e desde então nada menos de trezentas vêzes terá sido representada. Grande número dos melhores atores inglêses já viveram êsse difícil papel nos melhores palcos, inclusive Laurence Olivier que o interpretou no Old Vic de Londres.

Atualmente, "Henrique V" é considerada a peça prova de fogo para qualquer ator, sendo então feita a comparação com os desempenhos de "Hamlet" e "Othelo", também do célebre dramaturgo inglês. Aliás, são todos papéis ingratos mas consagradores, uma vez que o intérprete reúna porte, voz e os necessários dotes artísticos para um desempenho a caráter. E Laurence Olivier é considerado o único ator que pode levar de vencida, com brilhantismo, todos êsses atributos.

O filme explorou a parte espetacular do drama com muito mais realce, imponência e pompa do que poderiam esperar os críticos de outrora. Seu sentido poético também adquiriu novo valor, com a fantástica realidade que o cinema sabe imprimir às obras mestras da literatura universal.

(Cont. na pág. 48







MÁSCARAS
"Henrique V" foi filmada durante a guerra, motivo por que as restrições impostas pelas leis do país impediram a reprodução, em território britânico, de tôdas as cenas de batalha. Com a cooperação do govêrno da Irlanda, para lá se transportam Laurence Olivier, seus companheiros e intérpretes e os elementos técnicos. Na gravura três tipos da época

BEIRADEIRO

CONTO DE M. J. SANTOS FILHO

JOÃO Acelino tem corpo magro, chapéu de carnaúba, calça alpercata sulapa, couro cru. Usa trapos como roupa, que até mesmo é de jeito no calor de matar. Mas às vêzes fervendo de sol, treme-treme numa onda de frio. Nem aniagem que cubra, nem mulambos que aqueçam, êle há de encontrar. Paludismo é um minuano oculto — brabo, danado — sopra gélido nas bandas do norte. — Que fazer?

Planta nas margens do rio, posseiro de palmo de chão, que a água quer mesmo comer. Pesca quando a colheita é parca: ou não pode nada colhêr, que parca tôda ela é.

Farinha, rapadura, coisinhas assim, nunca enchem seu corpo palúdico. Vez por outra é que come um peixinho, ou algum luxo que a terra lhe dá. O que colhe e o que pesca é prá vender em Petrolina, nos dias de feira-grande.

João Acelino, cafuso de corpo tisnado, queimado, requeimado, assado na brasa do sol. A barba é rala, o olhar triste, é um romeiro de perdidas ilusões. — Saudades nos olhos de coisas que o coração não espera.

João Acelino é baiano, nascido e vivido nas barrancas do São Francisco.

★

A rêde de linha, com varanda — presente de casamento, luxo do casebre — balança modorra, feia e velha, em gemidos cansados. Canta a música triste dos gonzos no vai-evem ritmado. Música sem cor, monótona, sem nuances.

— Geme... Geme...

Mas João Acelino está nela, cismando, matutando, embalando um mundão de sonhos. Absorto, êle está vendo a fumaça parda do cigarro crioulo desmanchar-se aos poucos em visões efêmeras. Espichado, papo prá riba, um pé lasso pendendo da rêde, vai colhendo uma porção de coisas boas que a terra está prometendo. O cigarro ajuda a colheita, que sonhar êle inda sonha...

A fumaça vai subindo, devagarinho sumindo. João Acelino não pode deixar de sentir que os seus sonhos talvez nunca cheguem, que nunca, jamais, chegarão. A descrença está nêle, mora nêle, por que ela é a vida de cada dia. Cismar, porém, é o único consôlo que o beiradeiro pode ter. Que consôlo é o dêle senão matutar coisas, coisinhas, que devia ter mas que não tem?

— Quá! — João Acelino se sacode na rêde, quer fugir dos pensamentos. Tìmidamente se engana:

— Quá! Desta vez a terra promete mesmo...

Com um avanço no corpo reanima o embalo da rêde. Respira a pleno, deixando entrar pelas narinas o cheiro gostoso, morno, forte, que vem da cozinha. A fervura chia que nem cigarra; o surubi sem comprador teve que ir prá panela. Êle mesmo pescou, dos pequenos, mas a carne deve estar saborosa. Maria Francisca, com o pouco que tem, sabe se arranjar; que na cozinha não há outra que nem ela. O perfume está bom, cheiroso, vem se derreter em babugem na bôca do beiradeiro.

A rêde continua dançando sua dança de poucos passos.

Lá fora, na cozinha, alguma coisa cai, barulhenta. Martinho deu um grito assustado, o chôro da criança chegou até a rêde. Maria Francisca bateu no menino — peste ruim! — esconjurou três vêzes, veio com êle carregado prá junto do marido.

João Acelino se balança ainda. A mulher parou junto à rêde, magra, esquelética, com as coxas finas espetadas debaixo do ventre redondo, petulante, em gestação. Olhou o companheiro com raiva, num repelão sacudiu a criança nos peitos dêle.

— Diabo de home, nem prá oiá minino isso presta!

Saiu batendo os pés disformes no chão duro do casebre.

João Acelino espreguiçou-se, botou o filho no chão, ficou sentado na rêde. O menino quis ainda chorar, êle fêz uma carícia distraída, sem côr, mas que acabou consolando a criança. Depois, levantando-se, gritou pelo Pitoca, o outro filho, o mais velho, com seus doze anos de raquitismo.

O menino veio:

— Qui é pai?

— Vamo espiá prás plantação.

Desceram juntos para margem do rio, foram pensando mil coisas sem dizer palavra.

Chegaram.

Os olhos derramaram-se mansamente, com vagar, acariciando, saboreando os brotinhos verdes que despontavam. A terra prometia, era de crer. Escura, gorda, lustrosa, macia, com jeito de que quer produzir. Farta de seiva brilhava úmida debaixo do sol.

Pai e filho se chegaram para bem perto do rio. João Acelino disse, num murmúrio:

— Desta vez ela foi mais mansa. Lavou que lavou mais deixou prá criar...

O menino olhou o pai, respondeu com a experiência já vivida.

— E', tá de jeito, pai. E' só ela se aquietá uns pouco, não tê pressa, qui a gente tira mesmo.

O beiradeiro concordou num resmungo resignado.

— Tá na dependença dela...

Ficou abanando a cabeça, entre respeitoso e servil, olhando o São Francisco enorme, correndo como um monstro escuro.

★

Pai e filho só pensavam na colheita. Prometia mesmo, já estava mais que promessa. Cebolas, batatas, feijãozinho, até uvas prá vender nas casas ricas de Juazeiro, ou em Petrolina aos homens dos aviões. E abóboras e melancias. Compridas como enormes pepinos, ou tão grandes e tão redondas, quase, tal o ventre de Maria Francisca e a lua que aparece lá no céu.

Estava quase no ponto. O diabo era a água que já estava dando de assustar. Subindo, subindo, sorrateiramente avançando, mordendo barran-

(Cont. na pág. 44)

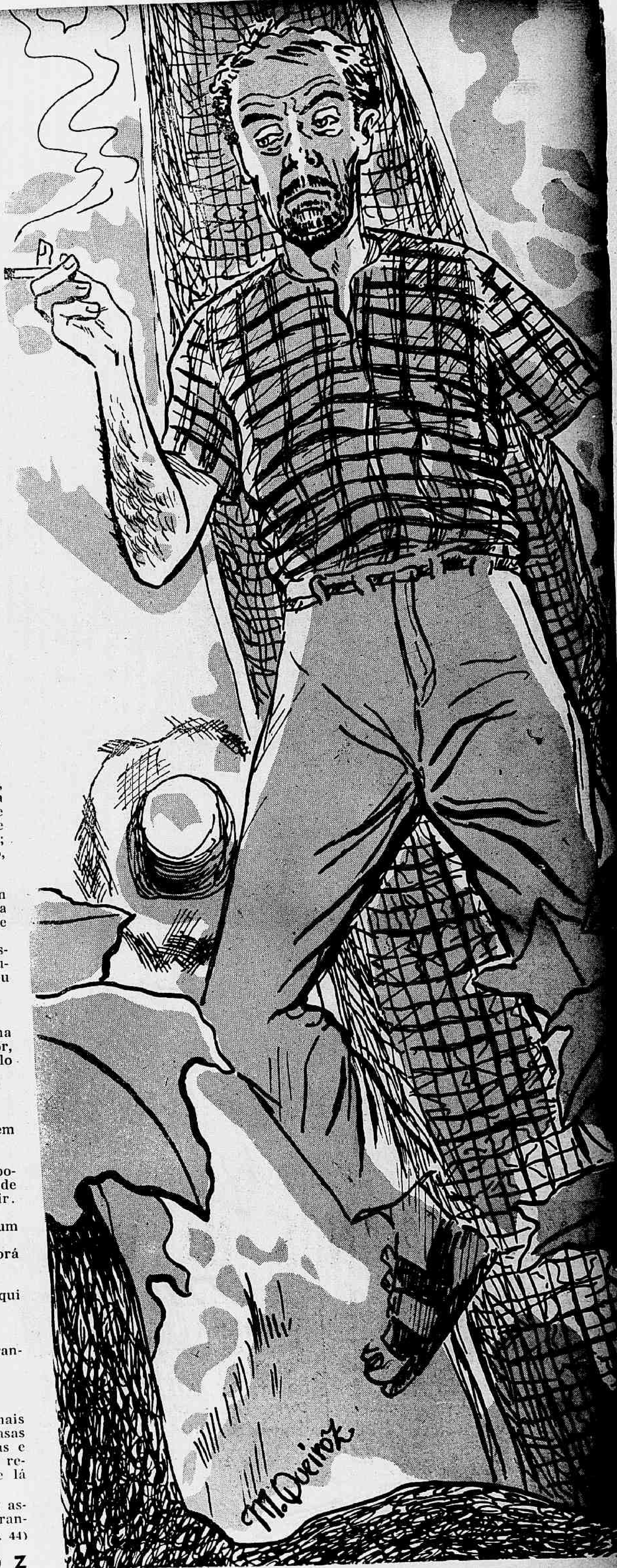


ILUSTRAÇÃO DE M. QUEIROZ



SÃO ÊSTES

Aqui estão reunidos os três baianos aos quais deve Carmen Miranda sua carreira e sua fortuna: Josué de Barros, tendo à direita Assis Valente e à esquerda Dorival Caymmi. "Fiz o que pude por ela", diz o primeiro, enquanto os outros compuseram músicas que lhe deram chance: Camisa Listada, Good bye, boy, Uva de Caminhão, O que é que a baiana tem?

TRÊS BAIANOS NA VIDA DE CARMEN MIRANDA

Uma história que vem a público pela primeira vez ★ Josué de Barros, Assis Valente e Dorival Caymmi: "Chora Violão", "Good bye boy" e "O que é que a baiana tem" ★ Aconteceu em 1929 ★ Um encontro histórico sob o relógio da Galeria Cruzeiro ★ Vinte anos depois ★ Episódios que não devem ficar esquecidos

Texto de **Armando Pacheco** ★ Fotos de **Renato Pinheiro**

POUCA gente sabe disso: existem três baianos na vida de Carmen Miranda. Três compositores populares, filhos da Boa-Terra, aos quais a irrequieta "estrêla" deve parte da sua carreira, seu sucesso, sua fortuna. Por estranha e interessante coincidência, Carmen Miranda que tanto cantou a Bahia, exaltando seu pitoresco em sambas e canções, tem seu destino artístico ligado àquele ninho de inspiração de poesia e música. E pela primeira vez esta história vem a público. A três rapsodos conterrâneos de Ruy e Castro Alves, a atual "star" de Hollywood ficou devendo a consagração talvez mundial que desfruta. São êles Josué de Barros, Assis Valente e Dorival Caymmi. A ordem que aqui deve ser cronológica é esta mesma. Naturalmente, haverá entre os leitores quem desconheça Josué de Barros, talvez mesmo haja quem não mais se lembre de Assis Valente e possivelmente quem ignore que os últimos sucessos de Carmen entre nós foram as gravações de Caymmi.

E' uma questão de geração. A de Frank Sinatra, por exemplo, não tomou conhecimento da existência do autor de "O que é que a baiana tem", e muito menos saberá que um dia o rapaz que criou "Camisa Listrada" foi rei absoluto com coroa e tudo mais. Mas vamos pela ordem. Comecemos com Josué de Barros, o primeiro baiano da vida ou na vida de Carmen Miranda. Foi êle verdadeira e indiscutivelmente quem descobriu e lançou a Carmen que não é de Bizet ou Merimée.

O BAIANO NÚMERO UM...

Josué de Barros foi um grande professor de violão que veio para o Rio em 1904 e que aqui fêz nome

dedilhando o pinho em saráus faustosos e produzindo modinhas famosas. Êle é autor, entre outros sucessos do passado, de "Chora Violão", gravado e cantado por Aracy Cortes; "Yayá e Yoyô", "Triste Jandaia", "Dona Balbina", etc. A família do Josué tem sangue de artista: um irmão, funcionário da Alfândega da Bahia, é poeta; um filho, Vadeco, tem cartaz universal como dirigente de uma orquestra de violão elétrico. Josué hoje está aposentado, vivendo duplamente da renda das glórias antigas. Êle veio da geração boêmia de menestréis como Catulo, Índio das Neves, Nazareth, Donga, Sinhô e outros bambas olvidados. Além de haver descoberto e lançado Carmen Miranda no mundo da arte simples que o povo adora porque entende, Josué também é um dos papais do rádio no Brasil. Na sua época o "broadcasting" estava engatinhando e sua colaboração, atuando em programas, produzindo músicas para Carmen gravar, foi preciosa. Foi em 1929 que êle conheceu Carmen Miranda, faz vinte anos, portanto. E quem a apresentou, isto é, quem levou a "Brazilian Bombshell" à sua presença foi outro baiano, o atual deputado Aníbal Duarte, representante pessedista paraense na Câmara Federal. Aí está outra coincidência. Mais um baiano. Aníbal, que era naqueles idos tempos autêntico leão dos salões e um dos maiores festeiros, estava organizando um festival em benefício da Policlínica de Botafogo e procurara Josué, amigo e conterrâneo, em busca da sua participação, quer dizer, êste entraria com alguns números no programa. Foi nessa oportunidade que o xará do célebre guerreiro cartaginês disse a Josué de Barros que encontrara uma pequena portuguêsa com bastante "it" para cantar as produções do homônimo do personagem bíblico que pegou parada com o sol. Josué estranhou que uma filha d'além-mar com seu sotaque inconfundível pudesse cantar sambas. O deputado Aníbal Duarte informou que se tratava de uma portuguêsa brasileiríssima e etc.



O PROTÉTICO

Agora que a Carmen está longe, Assis Valente vive mais para a sua clínica protética. Vêmo-lo, aqui, em atividade extra-samba, dando aulas no seu curso de prótese dentária

Resultado: marcaram encontro para o dia seguinte e na hora exata lá estava Aníbal com uma jovem no local combinado: debaixo do relógio da Galeria Cruzeiro. Não é preciso dizer que a moça em questão era Carmen Miranda. Era sim. Vestida à Clara Bow, meio tímida, cheia de esperanças, a então jovem Carmen travava assim conhecimento com o primeiro baiano do seu destino de estrêla. Trocados os cumprimentos foram todos para um palacete na Lagoa, onde ensaiaram algumas músicas. Carmen fêz a primeira experiência cantando "Chora Violão". O autor previu logo que a bisonha cantora teria futuro. E tão bem se houve ela nos ensaios e na festa que de lá Josué levou-a diretamente para gravar discos na antiga Brunswick. Daí foi um passo para a Rádio Philips, para a Rádio Sociedade, a Educadora, a Rádio Clube, enfim para as gravações de Josué Barros na Victor, para a glória. Falando ao repórter, cercado por filhos e netos, todo evocações, Josué mirando um retrato de Carmen Miranda suspirou, vivendo intensamente num minuto de agradáveis recordações:

— Ela veio para as minhas mãos como um diamante bruto. Lapidei-o carinhosamente. Tinha voz, tinha talento, tinha isso que só fica bem dizendo em gíria: "bossa". Fiz o que pude por ela. Outros tiveram mais "chance" e mais visão e carregaram-na.

...SURGE O SEGUNDO BAIANO...

Depois de aparecer e brilhar cantando "Yayá e Yoyô", "Triste Jandáia", "Dona Balbina" e outras músicas de Josué Barros, Carmen Miranda foi então definitivamente atirada ao grande público por outro baiano, o segundo da sua vida, Assis Valente. A êste rapaz que em um dia de 1927 saltou no Rio preocupado apenas com a sua carreira de dentista e protético e que se revelou dos nossos melhores compositores populares de todos os tempos, a portuguesinha de Marco Canavezes está prêsa pelos laços da gratidão. Assis Valente vivia então para a sua clínica protética e ia indo conforme Deus queria. Havia muito cliente, pois dentadura é coisa que se gasta bastante nesta terra de "beef" duro de roer. Mas de bôlso quem se dedica a uma profissão nunca está bem. O naquele tempo jovem odontólogo compunha apenas para amigos e nas horas vagas. Certa vez ia êle pela rua da Carioca sonhando com o milhar, com o palpite do dia transformado em pule do bicho no bôlso, quando sentiu-lhe baterem no ombro. "E' a polícia". — "Estou frito!" — pensou com os botões, antes de virar para olhar. E quando o fêz deparou com

FOI EM 1929

Josué de Barros, o "descobridor" de Carmen, fala ao repórter, que também é baiano, ladeado por assis Valente, Caymmi e uma netinha já pianista: "Foi em 1929 que a conheci por apresentação do atual deputado Aníbal Duarte. Organizava-se um festival de benefício e o nosso primeiro encontro foi debaixo do relógio da Galeria Cruzeiro, veja você!"





OUTRA GERAÇÃO

Vadeco, filho de Josué de Barros, às voltas com um violão elétrico, dedilhando sucessos do pai que o acompanha juntamente com Caymmi e Assis. Atrás, uma fotografia de Carmen dedicada ao seu Ziegfeld indígena. Apesar dos dez anos de convivência em outros ambientes e da distância, Carmen não se esquece dos três baianos que muito a ajudaram

Josué de Barros que o levou a Carmen Miranda em exibição no Cinema Broadway, na Cinelândia. Dessa tarde em diante a loteria da sorte alterara os problemas do compositor e da cantora. Entusiasmado com os ademanes e recursos da artista Assis Valente passou a escrever música só para ela. Tornou-se exclusivo de Carmen. Isso provocou sérios transtornos no mundo radiofônico e ia dando em tragédia, a tragédia do alto do Corcovado, mas essa é outra história. Fértil e talentoso Assis Valente danou-se a produzir e a conquistar o mundo. Durante anos seguidos, carnavais e carnavais, êle foi absoluto. Quem não se recorda com saudade de suas sempre felizes e inspiradas composições? Não obstante o ostracismo voluntário ou alheiamento do meio do rádio êle é um autor que não caiu de moda, e ouvir seus discos com a Carmen da segunda fase ainda é um prazer. Prazer que a geração dos trinta acalenta como aos bons vinhos. Porque os sambas e marchas de Assis Valente fazem a gente recuar no tempo sentindo a idade que tínhamos quando os ouvimos em já distantes dias. Surgiram para a glória de Carmen Miranda: "Good bye, boy", "Camisa Listrada", "Uva de caminhão", "Anoiteceu", "Disseram que voltei americanizada", "E o mundo não se acabou", "Minha embaixada chegou", e dezenas, dezenas de outros autênticos sucessos que gostamos de relembrar.

...FINALMENTE O ÚLTIMO BAIANO...

Na vida artística de Carmen Miranda, Dorival Caymmi é o último dos baianos. Se Josué de Barros revelou o talento da "pequena notável" e se Assis Valente a consagrou, Dorival Caymmi, o moleque Caymmi da Bahia, consolidou tudo. Foi cantando a coqueluche da época "O que é que a baiana tem" que Carmen atraiu a atenção de Hollywood. Quando ela esteve fazendo a temporada no Cinema Jandáia, na Bahia, temporada que acabou ruidosa e escandalosamente, entre o povaréu modesto que se comprimia na *torrinha* da geral do improvisado teatro da Baixa do Sapateiro, ali se encontrava Dorival Caymmi com seu nordestino terninho de brim. E longe estava êle de sonhar que anos mais tarde viria contribuir com seu talento, naquele tempo incubado, para projetar a "estrêla" fora da constelação nacional. Aconteceu que em 1938, *pegando um Ita* no pôrto da Boa-Terra, Caimmy saltou no armazém 13, no Rio, disposto a lutar pela vida, desejando ser desenhista. Mas fracassou logo. Quis voltar, porém, a tibieza está entre seus pecados veniais e êle desistiu. Tentou outros recursos, também em vão. No dia em que esteve querendo enfrentar o batente duro na copa e cozinha de um restaurante, nesse dia Teófilo de Barros conseguiu despertar o interêsse da já gloriosa Carmen Miranda para umas músicas que Caymmi, o ex-quase futuro cozinheiro, trouxera no fundo da mala no meio de esboços de desenhos. Dessa maneira, foi apresentada ao baiano. Carmen leu, ouviu, cantou e gostou das produções do rapaz e dias depois estava gravando para o Brasil e o mundo: "O que é que a baiana tem", "A preta do acarajé", "E' dengo que a nêga tem", e outros mais. Houve as temporadas em cassinos e boites e depois para Hollywood, para os dólares, para os braços de David Sebastian foi um saltinho de pulga. Porque, graças ao talento de três baianos e ao seu próprio, Carmen Miranda é uma estrêla que ainda não se eclipsou.



CAYMMI "CHEZ FAMILLE"

E a família do autor de "O que é que a baiana tem?" está crescendo. Aqui o vemos, a ex-cantora Stella Maris, e os três filhinhos. Nas horas, de folga o cantor pinta quadros



A CARMEN QUE HOLLYWOOD CELEBRIZOU PARA O MUNDO INTEIRO — E QUE VIVE SEMPRE NO CORAÇÃO DOS FÃS BRASILEIROS

Novela de LUCILIA FIGUEIREDO

CARNAVAL QUE NÃO FINDOU

CATARINA, a terceira de onze irmãos, nasceu numa casinha de taipa, em Cabo Frio. Seu pai, o "Joca da Praia", vivia em sortidas de pesca. A mãe mourejava na tina de roupa, e entrava pela noite a dentro empunhando o ferro de engomar.

Catarina foi crescendo a esmo, a chapinhar na água da Lagoa, a se embrenhar pelos mangues, como um animalzinho selvagem, à procura de pitangas e cajus, a correr para ver o trem que passava, sacolejando, desprendendo fagulhas, cortando o pantanal de lírios do brejo varando as alvas salinas e a sumir na curva da montanha, lá adiante. Pela manhã e à tarde lá estava ela, junto à porteira do "seu" Romão, olhos deslumbrados, as duas trancinhas, espetando o ar, atadas com barbantes, a acenar adeuses para o trem.

Aos cinco anos cuidava dos irmãos mais moços, cozinhava, bateava na tina e ajudava a mãe a passar a ferro a roupa dos fregueses.

Aos 8 foi dada a uma família que fôra veranear em Cabo Frio, que, assim, ganhou uma empregada para todo o serviço a trôco de roupa e comida. Porque o pescado escasseava, não dava lucro nas mãos dos açambarcadores, a família aumentava, e era preciso aliviar a carga.

E Catarina deixou os tabuleiros de cristalização e tomou aquêle trem que ela não sabia de onde vinha e para onde a levava. Agora, também podia ver, da janela daquela casa que parecia desconjuntar-se tôda, o charco dos perfumosos lírios, o casebre do "seu" Romão, e os irmãos, agrupados na porteira, gritando e pulando como cabritinhos em liberdade, a dar alvoroçados adeuses.

— Adeus! — acenavam as cabecinhas alvas dos lírios que iam passando depressa, depressa, depressa, pela janela.

— Adeus! — gritava o apito fino e estridente do trem. Estou indo embora... bora... boooooora...

Catarina veio, abobada e tonta, meio sufocada pela fumaça, apertando nos braços uma trouxinha de pano ramado, onde trazia suas riquezas: um vestidinho de xadrezado vermelho e branco, duas calcinhas de pano de saco alvejado, um punhado de conchas, uma gravura de São Jorge que tirara de prenda, já fazia algum tempo, numa festa de Igreja, e um vidrinho de homeopatia, cheio de cristais de sal.

Veio, imprensada entre a senhora gorda, dona Eulália, a quem pertencia, e um menino aborrecido e de olhos remelentos que, durante tôda a viagem, deu ponta-pés no banco da frente e fêz-lhe caretas, limpando em seu vestidinho azul de coraçõezinhos brancos as mãos lambuzadas de chocolate.

Veio, e foi morar numa casinha de vila, numa rua poeirenta e mal cheirosa de São Gonçalo. Para seus olhos, inundados pelas paisagens amplas, douradas de sol, marchetadas pelo verde da lagoa tranquila e pela brancura das salinas, a visão daquelas casinhas desbotadas, daqueles quintalejos onde cresciam mamoeiros raquíticos e goiabeiras ferruginosas, de frutos bichados, era, ainda, mais melancólica.

À noite, quando a chuva batia nas fôlhas dos tinhorões e os sapos coaxavam sua alegria nas poças d'água, o apito do trem chegava a seus ouvidos mais pungente e agudo.

Na esteira, estendida no ladrilho frio da cozinha, Catarina estremecia, e cobria a cabeça com a colcha de retalhos coloridos. Apertava os olhos, o coração galopando, doído de angústia. Mas não tardava a adormecer, embalada pelos apitos distantes daquele trem que varava as trevas, de volta a Cabo Frio. Então, ela tornava a ver os irmãos, piruetando aos gritos, junto à porteira velha. A lagoa crescia, tomava conta do seu pensamento. As salinas desatavam-se em cascatas de neve, os lírios cirandavam à sua volta, inclinando as alvas e perfumosas cabecinhas e depois fugiam, fugiam, acenando prolongados adeuses...

★

Em casa de dona Eulália, Catarina pegava o "batente" de rijo. Lavava, encerava, servia à mesa, dava banho no cachorro e catava-lhe as pulgas, limpava a gaiola do louro, levava as crianças à escola e atendia aos que batiam à porta.

Dona Eulália era cartomante — "Madame Eulália — vidente. Lê o passado, o presente, e desvenda o futuro. E' infeliz nos negócios? Não tem sorte no amor? Deseja triunfar dos seus inimigos ou conquistar o homem que ama? Procure Madame Eulália. Consultas a cinco e dez cruzeiros. Com hora marcada, 15 cruzeiros. Rua tal, número tanto."

Isto era o que estava impresso nuns papèizinhos verdes que, todos os sábados, um mulatinho sestroso e de ares duvidosos distribuía pela vizinhança, no ponto dos bondes e na estação das barcas.

E, a dona Eulália, os clientes afluíam como as môscas ao açúcar. Da manhã à noite era um entra-e-sai. Madamas perfumadas e bem tratadas, de jóias e casacos de peles, olhos avermelhados, a torcer nervosamente os lencinhos rendados: mocinhas vestidas singelamente, com flores atrás das orelhas, aos bandos de três e quatro, rindo muito, ou de olhos arregalados e ares tímidos, como pombas assustadas e sôfregas; rapazolas imberbes, pálidos e espinhentos; homens de roupas amarfanhadas, cabelos revoltos e um olhar de cachorro escorraçado, de quem se acha perdido no meio de uma tormenta; senhores bem trajados, de ares finos e distintos. Raro era o dia em que dois ou três automóveis deixavam de estacionar na esquina ou no largo, no fim da rua. Rendia bastante, o consultório de dona Eulália.

Dos oito ao treze anos Catarina racebeu ralhos da patroa e da cozinheira, negra ralaxada e resmungona, tapas das crianças, rosnados do Joli e bicadas do Rafael — que era o nome do papagaio. O único que não implicava com ela era o marido de dona Eulália — sujeitinho magro, calvo e de óculos. "Um traste inútil que só serve para encher a casa com a cinza e o mau cheiro do seu charuto!" — não se cansava de proclamar a espôsa, a quem quisesse ou não ouvir.

No entanto, dona Eulália, que previa o futuro de todo o mundo, não previu o seu. E chegou um belo dia, o "traste inútil" abalou pelo mundo com a bilheteira do Cinema "Para-Todos". Após uma crise histérica, debelada pela Assistência que vizinhos prestimosos e abelhudos se apressaram a chamar, dona Eulália arrumou as malas, fechou a casa e partiu com os filhos, a negra de estimação, o cachorro e o papagaio para casa de um irmão, em Jacarepaguá.

Antes, escreveu para Cabo-Frio, a fim de recambiar Catarina.

E não tardou a resposta, nos garranchos do Joca da Praia: "Que as coisas iam de mal a pior. Que o filho mais velho fôra sorteado. Que a mulher tivera de baixar hospital. Que mais isto, e mais aquilo. Êle estava muito satisfeito de saber notícias de Catarina, e mandava a sua bênção. E que, como boa filha, ela devia arranjar um bom emprêgo para ajudar a família. Que podia ficar em casa de dona Pòzinha, sua comadre, até arranjar trabalho. Dona Pòzinha morava no morro do Tamanduá, e já fôra informada a respeito."

Três dias depois, um negrinho dentuço e de ares sonsos, apareceu da parte de dona Pòzinha, e levou Catarina e sua trouxinha de pano ramado. Na trouxinha, as riquezas de Catarina: duas mudas de roupa de baixo, de pano de saco alvejado, dois vestidinhos de xadrez desbotado, uma caixa de sabonete com miudezas, a imagem de São Jorge e o vidrinho com os cristais de sal. Só não iam as conchas, surrupiadas há muito tempo pelas crianças de dona Eulália.

Catarina subiu o morro. E, na mesma tarde, tornou a descer, para procurar emprêgo.

"Empregada para todo o serviço. Sabe lavar, arrumar, cozinhar o trivial. Dorme no aluguel."

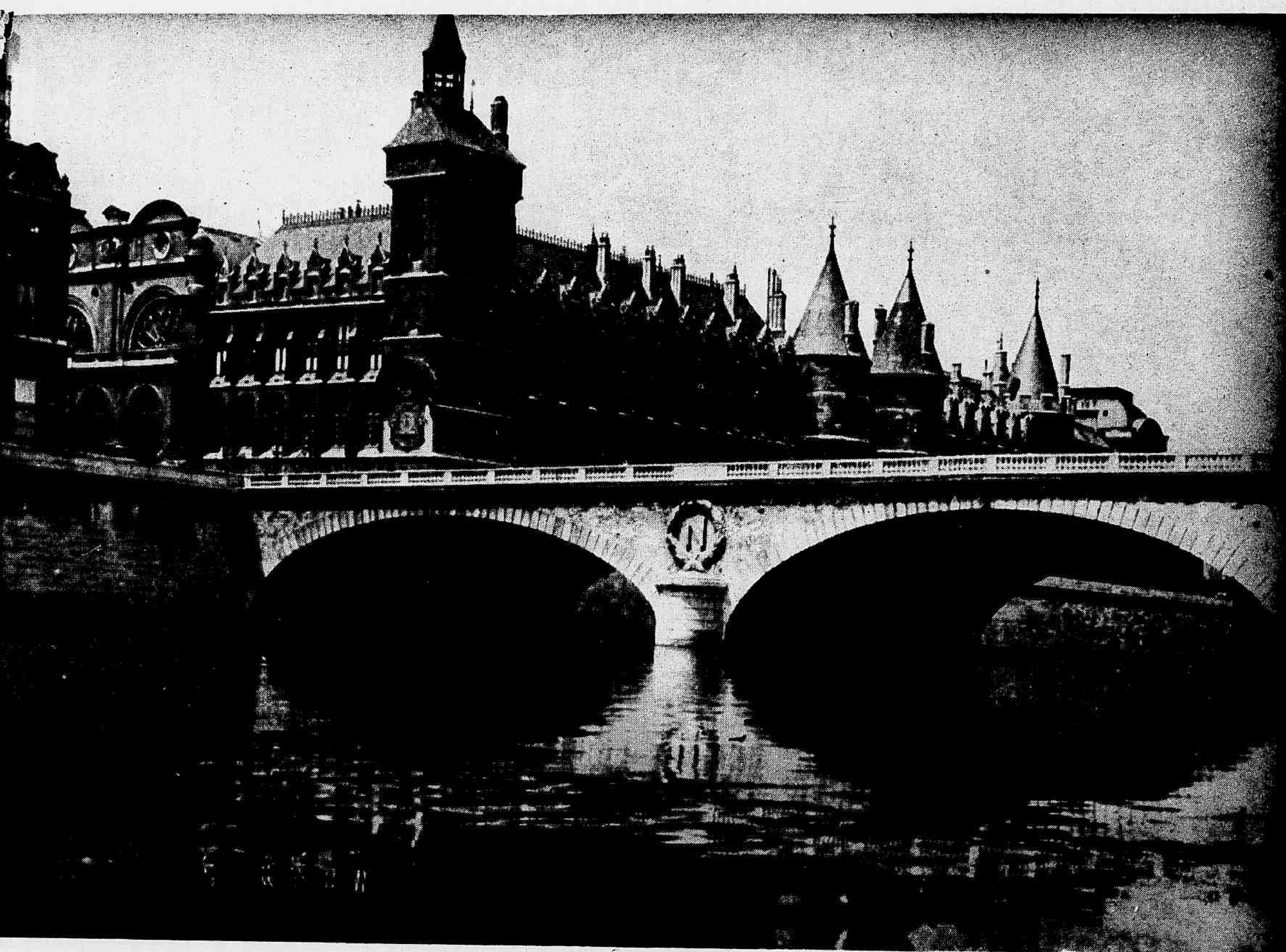
— Oitenta cruzeiros? A senhora não pode chegar até cem?

Em Niterói as empregadas domésticas são menos exigentes do que as do Rio.

Arrumadeira e copeira. Ama-sêca. Três meses em casa dos gringos. Um ano em casa do professor de piano. Quatro meses na pensão que, de "Familiar", só posuía o nome. Um mês no apartamento da madama alemã...

O tempo ia passando. Catarina crescia, deitava corpo. Os seios ameaçavam romper a chita barata do corpete. Os caixeiros diziam-lhe gracejos. Os portuguêses olhavam-na com olhos gulosos. Recebia propostas de certos patrões, e os rapazolas filhos da casa, ao passar por ela, acha-

(Cont. na pág. 48)



PALÁCIO DA JUSTIÇA, à margem do Sena, o rio que dá a Paris aspectos de Veneza sem as gôndolas românticas que os motores ainda não mataram. A cultura do Direito e da Justiça da capital francesa adquiriu grande notoriedade em todo o mundo pela retidão de seus julgamentos e pelo brilho dos feitos. Eleva-se sôbre antigos edifícios romanos

IMAGENS DE PARIS -- II

O DRAMÁTICO ESFÔRÇO PARA EMERGIR DAS RUÍNAS

CHERBURGO, BOYEUX, CAEN E OUTRAS CIDADES À MARGEM DO PERCURSO ATE' A CIDADE - LUZ ★ LISIEUX E MAIS UM MILAGRE DA SANTA DAS ROSAS ★ COMO SE FÔRA UMA VISÃO DE CALEIDOSCÓPIO ★ E AO LONGE APARECE A TÔRRE EIFFEL...

(Copyright NEWS PRESS)

NA gare maritima de Cherburgo um monstro ruge e vibra como se nêle uma alma feroz se houvesse encarnado... Assim começaria sua crônica um repórter de 1900 diante da Diesel "Micheline" 1949 que é um trem como qualquer outro e que nesta curta viagem de ida nos vai transportar a Paris, galgando de um só jato os quatrocentos quilômetros que nos separam da capital.

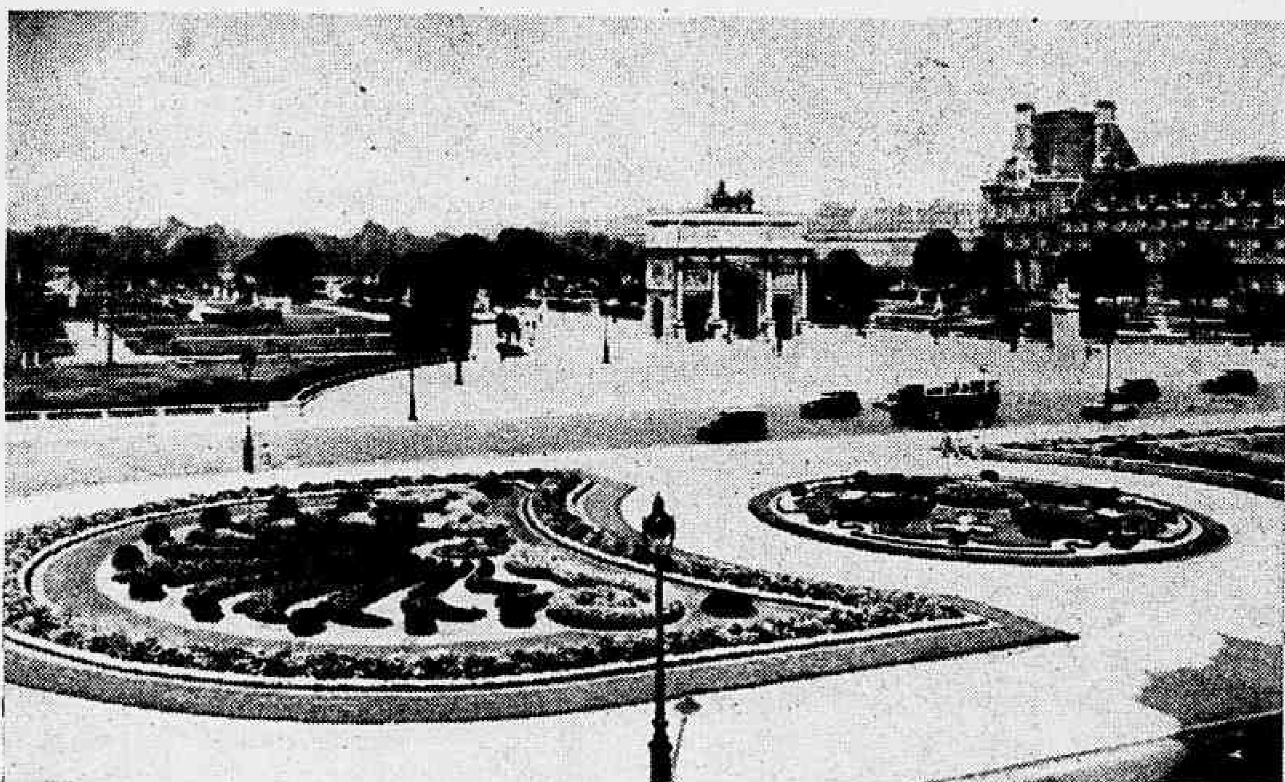
Suavemente parte a carruagem-máquina, para logo atingir a velocidade de cento e quarenta quilômetros por hora.

Cherburgo, a cidade dos cais em ruínas, onde se vêem ainda, destruidas, as antigas fortificações alemãs, fica para trás, esbatida na bruma outonal da manhã normanda.

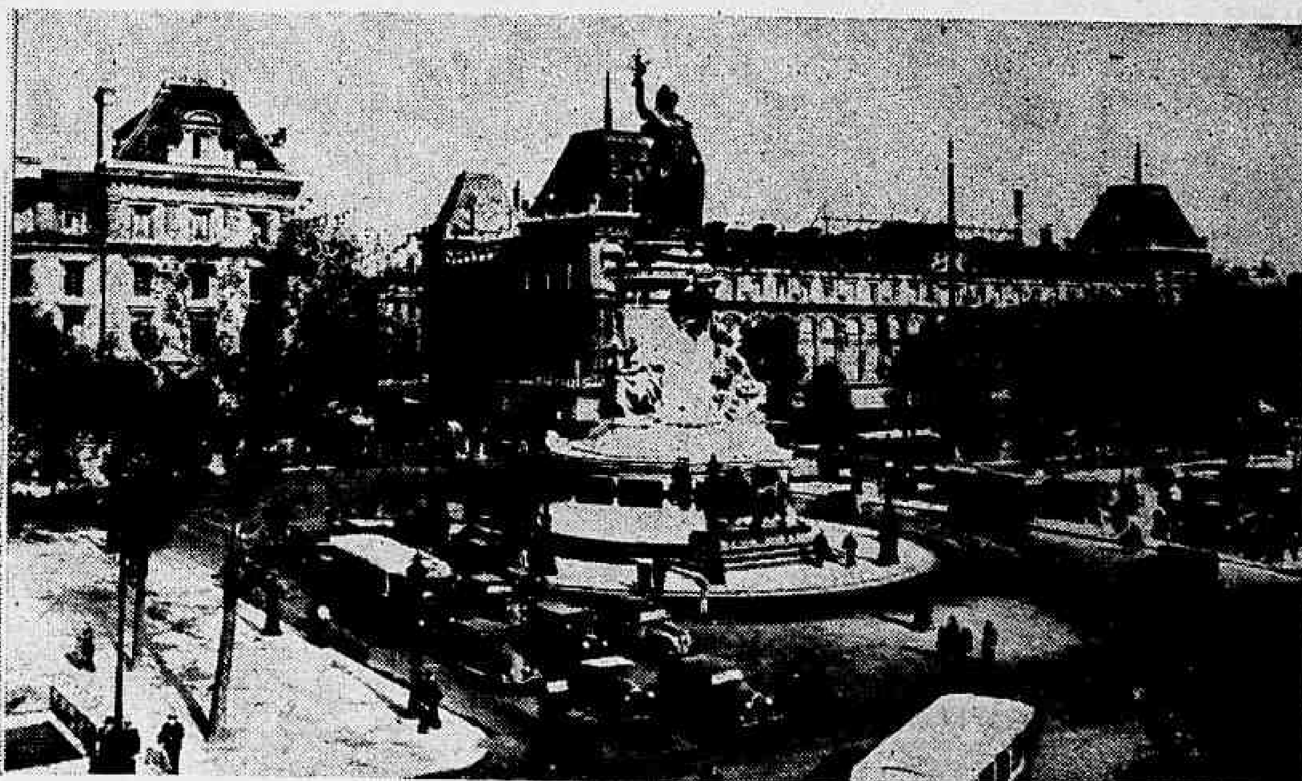
Por tôda a parte do percurso aparecem as cicatrizes da guerra. O esfôrço de reconstrução foi verdadeiramente espantoso, mas ainda há muito que fazer.

Passamos velozmente por Boyeux, o primeiro ponto conquistado pelos aliados naquela invasão memorável do continente europeu, etapa decisiva da guerra de 1939 a 1945.

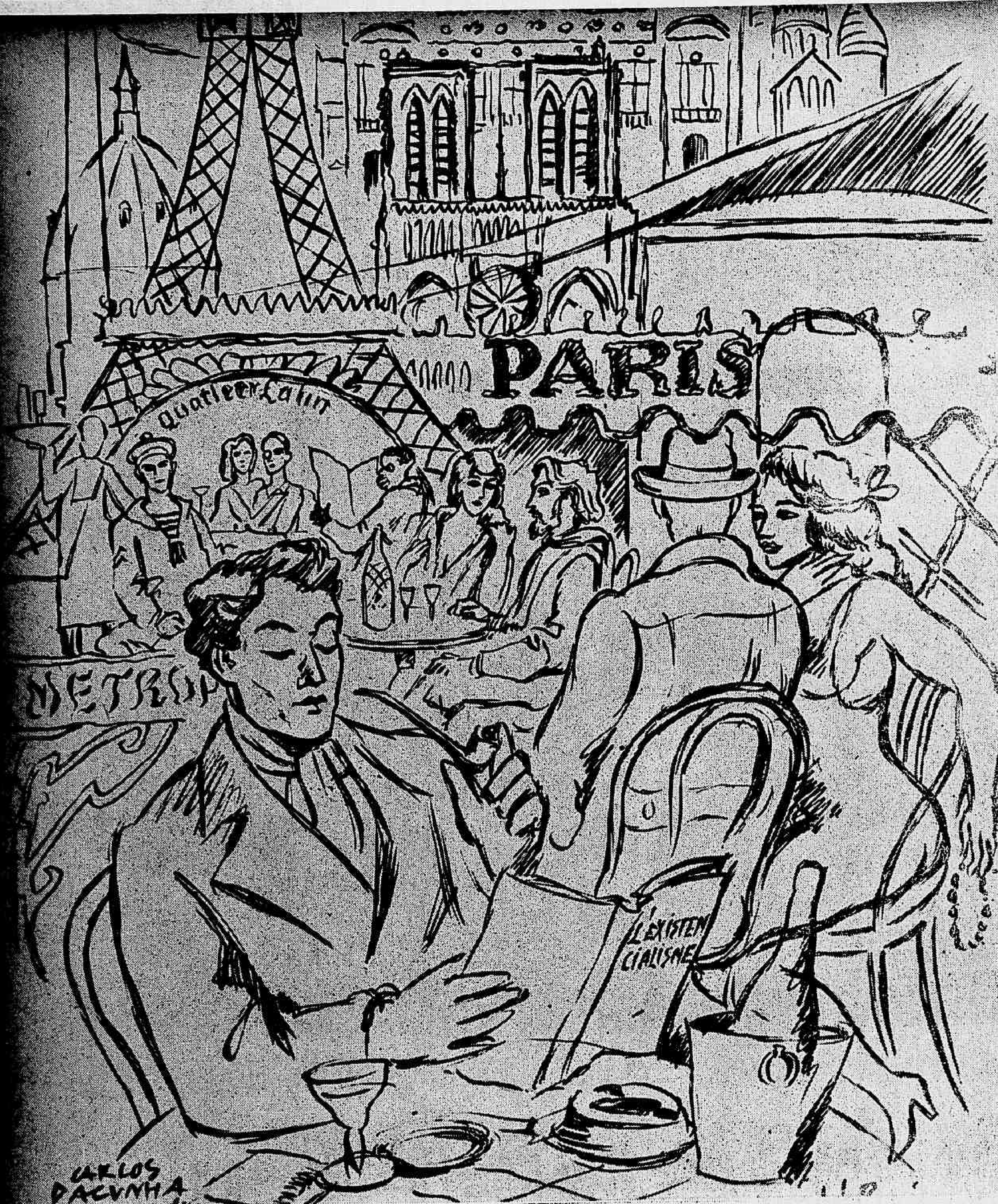
A catedral, uma das maravilhas da arquitetura gótica do século XI, nada sofreu. Embora a sanha da guerra seja implacável, os bombardeios da terra e do ar, pouparam essa obra prima e ei-la



O PALÁCIO DAS TULHERIAS, em Paris, com seus formosos jardins, foi a residência dos soberanos da França. Data sua construção do ano de 1564, por Phillibert Delorme



PRAÇA DA REPÚBLICA na capital francesa. Um dos mais movimentados logradouros, tendo ao centro um grande monumento como símbolo do regime hoje mundial



Uma visão a traços mostrando-nos um trecho do "Quartier Latin", com sua população heterogênea, alegre e divertida

cionou o mundo, regando de milagres esta terra bendita e mártir da França.

A basilica é de grande imponência, com o seu zimbório imitando o do Sacré Coeur, porém, mais puro, mais alvinitente, destacando-se no alto da colina, sôbre as côres esbatidas, um pouco escuras, da terra e das casas da cidade que em baixo ajoelha e reza eternamente.

Da antiga catedral apenas permanecem os muros enegrecidos pelas chamas. Tudo desmoronou, destruiu, transformado em fragmentos, exceto pequena parcela do santuário. Nêle foi encontrada a imagem venerada, criando assim um novo milagre, um dêsses milagres que dominam e esmagam a consciência do descrente.

Enquanto tôda a paisagem vai passando velozmente, o monstro ruge, engolfando-se no negrume dos túneis, veloz, sempre mais veloz como que para ocultar a paisagem dolorosa de nossa perscrutação clinica, de nossa ânsia de ver e observar.

A zona devastada esvai-se nas distâncias, devorada pela fumaça e pela neblina.

Agora a marcha nos parece mais suave e o estrépito da máquina dilui-se aos poucos num "background" musical como nos filmes de Orson Welles.

Nesta sinfonia pastoral passam pela janela do vagão os cartões-postais familiares, as cenas bucólicas dos livros infantis, os quadros de Millet, o homem do arado e o reclame da farinha Nestlé, tudo isto fazendo esquecer mesmo a fábrica Ford, que surgiu e passa de um golpe pelo ecran luminoso, com suas centenas de carros e seus edificios monótonos, sem conseguir perturbar o nosso devaneio lírico.

Mas não perdemos muito tempo em assistir ao desfilar da paisagem diante do nosso extasiamento. Alguém aponta para o horizonte: — avistaram a tôrre Eiffel.

Todo mundo pensa na primeira impressão de uma primeira viagem a Paris. O sonho dos escritores e dos artistas, a França, a segunda pátria...

Mas, não haviamos terminado certas conjecturas sôbre o sonho que se realizava, sonho que todos alimentam e muito poucos realizam, quando percebemos que

a erguer aos céus as ponteagudas tôrres de sua imagem.

A própria cidade, a bem dizer, quase nada sofreu. Mais adiante surge Caen. ou melhor, aparecem as ruinas daquilo a que se chamou Caen. E' um monte de destroços, uma exposição dantesca do que foi a luta naquele setor entre os invasores e as fôrças germânicas a resistir.

Durante quinze dias travaram-se ali batalhas sucessivas e violentas. Por várias vêzes foi tomada e perdida. Por fim, o arrasamento completo da linda cidade, orgulho dos normandos que se reviam na sua capital.

Agora, por cima das ruinas estão construindo uma nova urbes, só se vendo andaimes por tôda parte; mas, para surprêsa de quantos apreciam êsse ressurgimento, a nova Caen não terá aspecto moderno e sim uma nova edição do que fôra, conservando o estilo regional.

Caen vai renascer e reviver em novas eras, restaurada de seu longo sofrimento.

A poucos quilômetros de Caen, destaca-se dos verdes prados da Normandia uma outra cidade que é um encanto para os olhos e um lenitivo para a alma.

De longe surgem os telhados azuis de Lisieux, a famosa cidade de Santa Teresinha do Menino Jesus. Ali está a basílica da "petite Soeur", cuja bondade emo-



Visão dos efeitos destruidores da última grande guerra em muitas partes da França e que se restauram com esforços

O SANTUÁRIO DE LISIEUX, dentro da poesia dos panoramas da Normandia, é um convite à oração e um refôrço à fé



já rodávamos em Saint Lazare, e saímos entre gritos e empurrões.

Estávamos em Paris.

★

Apesar de a capital da França não dispor mais daquele fulgor dos velhos tempos de antes das duas grandes guerras, nossa imaginação não pode descansar.

O borborinho da grande cidade que, com justiça, foi classificada de "Cidade-Luz", mostrou-nos que, apesar de tudo, Paris continua a ser Paris.

Não sabemos por que motivo nos veio à lembrança aquela verdade saída da bôca de um dos maiores escritores portuguêses: "Para ser grande em Portugal, fui morar em Paris".

Alexandre Herculano ou Eça de Queiroz? E' de um dêles esta frase que se tornou famosa entre os centros literários do mundo, especialmente entre os latinos.

Paris daqueles tempos era uma cidade famosíssima. Dom Pedro II, ao pisar-lhe o solo, sentiu uma das maiores emoções de sua vida; mas, homem de cultura e espírito dedicado às letras e às Artes, o segundo Imperador do Brasil não quis apenas ver Paris.

Êle desejou homenagear um dos maiores vultos de Paris de todos os tempos: Victor Hugo.

Logo que chegou à cidade que ainda é o centro da inteligência mundial, Pedro II tomou um carro e pediu ao cocheiro: "Leve-me à casa do maior gênio da França".

Não sabemos se o boleeiro compreendeu a ordem e percebeu logo que se falava de Victor Hugo. O que se sabe é que D. Pedro II foi ter à morada do grande poeta, inspirador dos nossos mais vigorosos versejadores, os poetas dos surtos mentais de Castro Alves, o mais legítimo hugoano da língua portuguêsa.

Ao defrontar-se com Hugo, avançou D. Pedro II para êle, gesto largo, sorriso nos lábios, olhos ardendo em alegria, luzindo entre a farta barba patriarcal e exclamou:

— Que prazer, Victor Hugo!

— Vossa Majestade muito me honra...

— Aqui só há uma majestade: a de Victor Hugo!

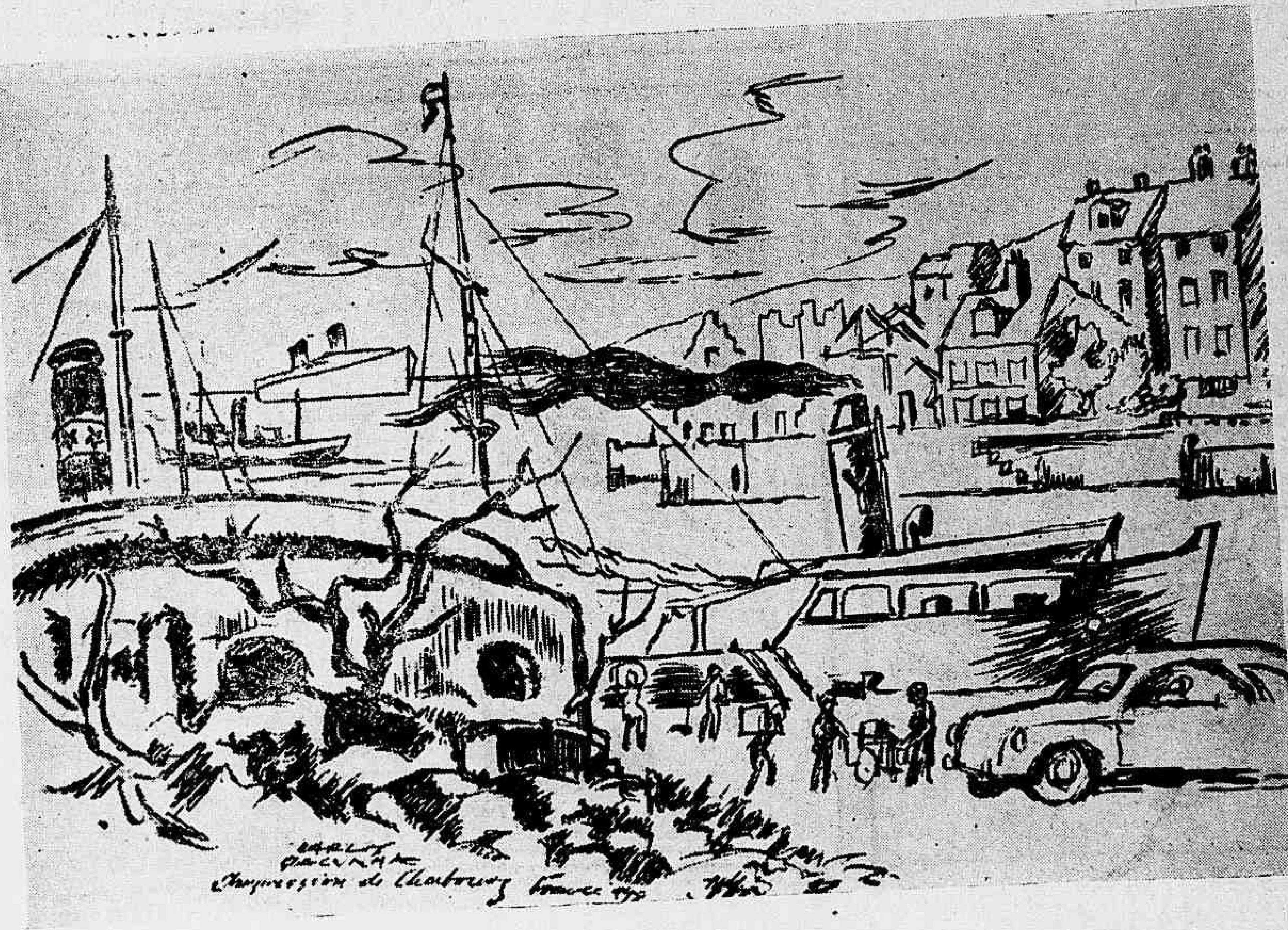
O velho Pedro II era de um coração imenso, de uma nobreza d'alma admirável, própria dos sábios, dos santos e dos gênios.

Êsse episódio entre Victor Hugo e D. Pedro II nos veio à mente ao tomar um carro e mandar tocar para o nosso hotel na grande metrópole dos gênios em todos os setores da cultura humana.

Mas aquela Paris de Victor Hugo e de Pedro II já se acabou e acabou para sempre.

Depois da última grande guerra, embora poupada pelos exércitos de Hitler, pois se entregou sem permitir que fôsse arrasada diante de sua resistência inútil, Paris perdeu o caráter que tinha antes e passou a ser uma cidade torturada pelo excesso de habitantes, pela população crescente vinda de vários pontos do país, todo mundo desejoso de vencer as dificuldades da vida difícil e árdua numa competição que já não decide da sorte do indivíduo, apenas o seu grau de cultura e experiência da vida.

Paris de hoje é uma cidade aflita, com milhares de homens e mulheres a lutar por um mundo que não se sabe ainda como será. Paris se contorce nas ânsias de uma época de transição, mas o mundo inteiro se interessa pelo seu destino, que é o destino da própria humanidade.



CHERBURGO, o grande e movimentado pôrto francês do Atlântico, muito sofreu com a invasão alemã, ficando em ruínas

BOM HUMOR



— Ō Benedito é assim; só está contente quando inventa coisas para melhorar a casa.



— Se quiseres, querida, senta-te e contarei "detalhadamente", tudo o que aconteceu.



— Desejo fazer uma reclamação...







— Pelo jeito, a professora hoje está tiririca...

ARLENE DAHL
(METRO G. MAYER)

UM LIVRO CONTRA AS MULHERES!

Minha amiga:

Sei que o casamento continua sendo um dos mais importantes problemas femininos.
Por isso, hoje recortei para esta página o que poderemos chamar o ponto de vista
do celibatário. E que é êste:
— Não conheço mulher alguma a quem possa amar mais do que a mim mesmo.
Êste é o motivo que Joseph Mayer, solteirão aos sessenta e oito anos, confessa
para o seu celibato. Claro que não é o simples fato dessa resistência ao casamento
que traz o nome de Joseph Mayer a êste registro. O que acontece é que Mr. Mayer
acaba de publicar um livro inteiramente contra as mulheres — inteiramente ou
quase. Estou lendo a notícia numa reportagem de Vivian Brown, aquela jovem
redatora da A.P. que tem tanta beleza como talento. O livro, "The Impolite Mirror"
— vejam que título expressivo e provocante — é feito de aforismos, com perto de
trezentas sentenças como esta:
"— As mulheres não são complicadas, seus problemas são."
Mr. Mayer declara que tem passado tôda a sua vida estudando a mulher, tanto
como homem de negócios, como na qualidade de simples admirador do belo sexo.
Homem de negócios, quer dizer, vice-presidente executivo de um dos maiores "de-
partment store" dos Estados Unidos, por mais de vinte anos, onde lidou com incon-
táveis mulheres, caixeiras e clientes.
E' curioso notar também que, embora não sendo um "wolf" — têrmo que talvez
corresponda ao nosso "pirata" — Mr. Mayer se confessa um homem normal, diante
da mulher, e define o homem normal: "aquêle que gosta naturalmente de uma ou
de algumas mulheres"...
Mais curioso, entretanto, é o fato de seu livro de impenitente celibatário ter sido
editado pela "Island Press", uma casa fundada por uma mulher e composta quase
só de mulheres! Sem contar que estamos sabendo estas coisas através de uma nota
muito simpática, assinada também por uma mulher, Vivian Brown, como já disse-
mos. E vá alguém querer compreender as mulheres...
De qualquer forma, o livro deve interessar muito ao belo sexo — ao menos para
que êle, belo sexo, se defenda das acusações contidas nas trezentas sentenças de
Mr. Mayer.

Tua

Lise.

MODELOS PARA A TARDE







ALGUNS sugestivos e encantadores modelos para a tarde, criações de conhecidos nomes da costura francesa apresentamos aqui nesta página para apreciação das nossas leitoras. Ao alto temos, à esquerda Modêlo de Schiaparelli em "tulle" preto sôbre "tulle" branco. Gola muito grande. Cinto de verniz preto. Toque de palha brilhante. À direita: De Maggy Rouff, corpete de piqué branco, saia muito ampla de "tulle" azul marinho. Em baixo, à direita: Criação de Marcelle Chaumont, em seda pesada, com blusa e saia tôda em "guipure". Grande chapéu de palha com aba drapeada atrás. À esquerda: De Carven, modêlo em seda violeta, com pastilhas brancas. "Basque" em feitio de avental, na frente. Grand chapéu de palha com aba rendada.





VESTIDOS LIGEIROS







PARA a hora das compras, Manguin sugere um "duas-peças" (1) em linho cinza-azulado, com grande bolso na saia; Pierre Balmain sugere um modêlo em seda marron e amarelo (2), chapéu de palha estilo "coolie". Robert Piguet criou um modêlo em algodão azul com pastilhas brancas Bolsa de palha e fitas. De Jeanne Lanvin, um modêlo em "shantung", com saia "godet" em festões em baixo. O mesmo nas mangas. De Christian Dior um "tailleur" de seda rosa sêco. De Worth, "tailleur" em alpaca e "duas-peças" em "surah".

MODELOS DE





ALGUNS sugestivos modelos criados pelos costureiros de Hollywood, são aqui apresentados por encantadoras estrêlas do cinema. À esquerda: Kathryn Graison (M.G.M.), modêlo em "tulle" e tafetá; ao alto, Patricia Neal (Warner), modêlo em veludo e arminho; em



HOLLYWOOD



baixo, Virginia Mayo (Warner) "tulle" sôbre tafetá; novamente em cima, Patricia Neal (Warner) lamé e veludo; à direita, Elizabeth Taylor (M.G.M.) organza e organdi bordado; em baixo, Corinne Calvet (Wallis Productions), renda e "tulle", saia de baixo bastante rodada em tafetá.





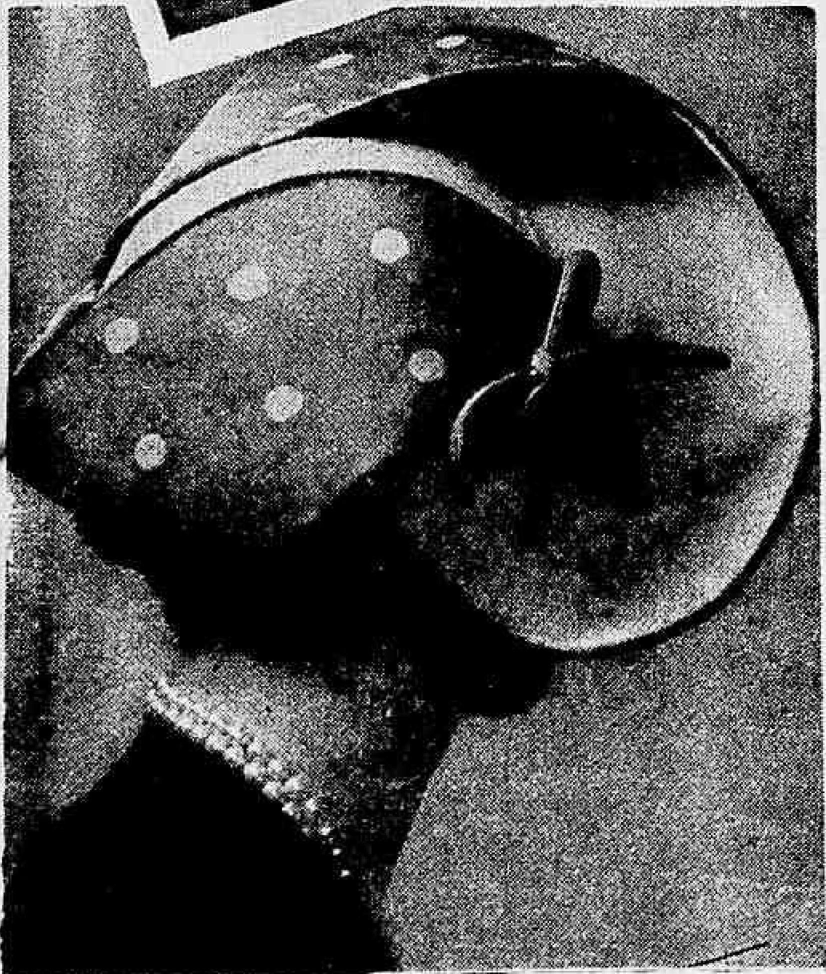






CHAPÉUS DE VERÃO

PARA as tardes bonitas de sól ou para as noites claras de verão, os mais famosos chapeleiros de Paris criaram estas verdadeiras obras de arte, mais indicadas para reuniões elegantes, casamentos, etc. Usam-se, como se vê, flores em profusão. Véus e plumas são também os ornamentos favoritos para êsse tipo de chapéu.







Week-end





PEPINOS RECHEIADOS

Tome 3 pepinos grandes, descasque corte 1 fatia em cima, tire as sementes e encha com picadinho de carne Torne a tapar com as rodelas retiradas, pregue com 3 palitos e leve a cozinhar em um refogado com bastante tomate, numa panela tapada. Logo que estiverem cozidos, deite num prato, retire os palitos e cubra com o próprio môlho depois de coado e ligeiramente engrossado com 1 colher de chá de manteiga e ½ de farinha. Enfeite ao redor com rodelas de ovos cozidos e azeitonas.

★

SOPA DE "PETIT-POIS" FRITOS

Misture bem 100 grs. de farinha, 1 ovo, 1 xícara de leite e sal. Vá deixando cair aos poucos, em banha quente, através de um coador de furos largos. Deixe alourar, escorra, deite na sopeira e despeje o caldo por cima. Em vez do "petit-pois" pode servir com torradinhas.

★

CARNE ENROLADA

Às vezes não se obtém um pêso bom para assar, então tome o pêso fino lave e ponha no centro algumas fatias de presunto cru, ou toucinho inglês Enrole amarre com um barbante. Toste bem em 2 colheres de gordura, junte rodelas de 1 cebola grande, ½ folha de louro, 2 cravos, molhe com água e deixe cozinhar lentamente até ficar bem macia. Desengordure o môlho e junte 2 ovos duros picados. Tome fatias de pão torrado, com manteiga e deite num prato. Parta a carne em rodelas, arrume sôbre o pão e cubra com o môlho.

★

MACARRÃO À ALEMÃ

Tome ½ quilo de macarrão grosso e cozinhe em água a ferver, com sal. Rale 200 grs. de queijo parmezão. Parta 250 grs. de presunto picadinho. Arrume numa fôrma Pyrex untada e polvilhada de pó de pão as camadas do macarrão, do presunto, do queijo. Quando terminar, regue com 100 grs. de manteiga derretida e 1 xícara de leite quente. Bata 6 ovos, as claras em neve e derrame por cima. Leve a assar no forno e sirva na própria fôrma.



★

PICADINHO SIMPLES

Passe na máquina 1 quilo de carne de vaca ou de porco. Faça um refogado com banha e cebola picadinha e aí deite a carne para tostar até ficar bem escura. Junte tomates sem peles, 1 galho de salsa, regue com ½ xícara de água e deixe a cozinhar em fogo lento até secar e ficar quase sem môlho. Também se pode fazer com restos de carne assada. Pode juntar passas e ovos picados.

★

OVAS FRITAS

Tome 2 pares de ovas salgadas, lave e deite de môlho de véspera ou durante umas quatro horas. Enxugue, passe em farinha de trigo e frite em banha quente. Parta em toros iguais e arrume sôbre uma camada de alface picada.



GOIABADA MOLE

Tome 1 quilo de goiabas bem maduras, descasque, tire os caroços, lave as combucas e leve a cozinhar; escorra, passe pela peneira, junte ½ quilo de açúcar e a polpa crua dos caroços peneirados. Leve ao fogo mexendo sempre até aparecer o fundo da panela. Sirva mole.

★

DOCE DE POLPA DE LARANJA

Descasque laranjas da terra ou de outra qualquer qualidade, e tire os gomos sem peles. Para cada xícara de polpa e o caldo escorrido, ponha 1 de açúcar. Leve tudo ao fogo até pegar ligeiramente no fundo do tacho, para tostar um pouco. Desmanche com um pouco de água, sempre mexendo, até tomar o ponto das geléias inglesas.

★

FATIAS DA CHINA

Ponha algumas fatias de pão, de 1 cm. de espessura, sem códea, com manteiga, para embeber em leite com açúcar. Faça uma mistura com 3 xícaras de leite, 3 gemas, açucar à vontade e 3 claras em neve. Unte uma fôrma com manteiga e vá arrumando as camadas do pão, de fatias finas de queijo de Minas e de 100 grs. de passas. Cubra com o leite, com os ovos e leve a assar no forno. Desenforme e sirva frio.

★

COMPOTA DE ABACAXI

Parta um abacaxi bem maduro em rodelas de 1 cm.. Cubra com açúcar e deixe a macerar por algumas horas. Leve a cozinhar em fogo fraco por uns quinze minutos, junte 1 cálice de vinho do Pôrto e sirva.



Antes, era preciso tomar cuidado com os inseticidas comuns.

Agora, NEOCID EM PÓ pode ser aplicado em armários, guarda-comidas... e até diretamente sobre o corpo, porque é como qualquer talco de toucador, limpo e...



Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazem ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como é fácil combater os insetos do lar e os piolhos do homem e dos animais domésticos.



DESCOBRIDORES DO DDT



NEOCID em pó

MÚSICA

BI-CENTENÁRIO DE BACH

UMA POLÊMICA EM PARIS - VERDI E HEINE

De ROBERTO LYRA FILHO

Há duzentos anos, morreu Bach, mas através de sua obra, o gênio do compositor alemão continua presente, no mundo musical, e a influência da sua construção artística se estende, em repercussões contemporâneas.

Conta Varnhagen von Essen que Heine procurava Bach como antídoto para o veneno da insônia... Mas, em contraposição à irreverência do poeta, juízes de inatacável autoridade abonam o prestígio do compositor com elogios sempre renovados.

Não é necessário recordar, aqui, a frase famosa de Beethoven, que fêz trocadilho:

—Bach (riacho)? Não. Oceano!

Basta lembrar, ainda, a opinião de Verdi, tão distante, pelas tendências de escola e pelo temperamento, do mestre alemão.

Verdi não desdenhou as preciosas lições de Bach.

Narra Mascagni que, visitando o criador de "Otelo", encontrou sôbre uma mesa, certo volume de Bach e ouviu do dono da casa esta recomendação:

— Isto, é isto que precisamos estudar!

ROMANTISMO E CLASSICISMO

Quando foi preciso romper os diques formais do classicismo, para satisfazer a alma do compositor, que inundou, com suas emoções, a pauta das partituras, um movimento de fecunda indisciplina agitou o panorama artístico.

A intromissão dos sentimentos pessoais do artista quebrou as regras tradicionais, confiando na intuição e na inspiração. Expandiu-se o espírito criador.

Porém, chegou o esgotamento. Depois de soar no heróico arrebatamento de Beethoven, logo seguido pelas grandes vozes da geração romântica, depois de, num último arranco, envolver e encantar com a mágica sugestão de Wagner, o romantismo foi morrendo nas últimas cintilações de um Richard Strauss.

VOLTA A BACH

A esta altura, procurou-se uma disciplina que viesse infundir novo vigor à arte gasta pelo individualismo decadente, perdido em êxtase e delíquios.

Enquanto Richard Strauss ainda procurava ressuscitar, com esfôrço, o velho e alquebrado herói romântico — Ein Heldenleben — ou perdia o seu tempo, registrando, muito compenetrado, em obra sinfônica pretensiosa, a vida quotidiana de seu lar, sem esquecer os aspectos mais prosaicos — Sinfonia Domêstica — já se falava em um novo classicismo.

Essa orientação, procurando um símbolo e um lema, encontrou Bach e proclamou:

— Voltemos a Bach!

POLÊMICA

Aquêles que, assim, se aproximavam de uma das fontes musicais mais puras atestavam a vitalidade da obra de Bach, cuja atração colhia espíritos tão distantes, no tempo, da época em que florescera seu gênio.

Não tenho dúvida em dar razão a Koechlin, quando mostra que, identificando Bach com suas preocupações contemporâneas, sobretudo o problema da música pura, aquêles músicos não estavam identificados com a essência da obra invocada. Seu culto se detinha em aspectos formais; escapava-lhes o sentido e o alcance da mensagem de Bach. Koechlin demonstrou, vitoriosamente, que não existe a tal pureza absoluta da música de Bach, que ela não é a fria combinação de sons, em complicados padrões musicais:

Mas, de qualquer forma, mesmo dando-se razão a Koechlin em sua polêmica com Boris de Schloezer, que dividiu as opiniões, no centro musical parisiense, onde, àquela época, brilhava o neo-clássico Stravinski — a verdade é que a discussão manifestava o interêsse pela obra de Bach, que não diminuiu quando a evolução dos principais artistas contemporâneos superou aquela querela bizantina.

Diria, melhor do que ninguém, a respeito da afinidade de Bach com a música do nosso tempo, Villa-Lobos, que aplicou o seu talento na construção de Bachianas Brasileiras.

COMEMORAÇÕES

Assim como o centenário de Chopin, que foi comemorado no mundo inteiro, o bi-centenário de Bach transcorrerá, com um programa de concêrtos, conferências e homenagens diversas à memória do mestre alemão.

Teremos, assim, em 1950, o ano Bach, como tivemos o ano Chopin, em 1949.

BEIRADEIRO

(Continuação da página 27)

cas, comendo terra. E a lavourinha mais perto da água, mais perto — já estava começando a sofrer.

Na rêde, velha confidente de tôdas as desditas, João Acelino cismava, de novo cismava. Sonhava lutar com a água, domar a água, vencer a água, naquela terra de sol em fogo. Ficava matutando botar ôlho nela, ser mais ligeiro, colhêr depressa antes que ela chegasse, lambesse tudo num repente. Que ela começava de manso, subindo, subindo, vinha de longe, de Pirapora. Parecia até que não subia mais. E quando se dava fé, numa noite, engolia tudo, tomava conta de tudo, como se aquêle mundão todo fôsse virar casa de peixe.

João Acelino ficou fumando cigarro sôbre cigarro. Naquela noite não dormiu, ficou foi remexendo na rêde. E nem na outra e na outra, que o Pitoca, fazia dois dias — a água é assim — tremia nos frios da sezão.

Agora era êle sòzinho. O Pitoca era franzininho, era menino, mas dava seu adjutório. Sentia a falta do filho, e sentia mais por um mau pressentimento. Na rêde, gemia entredentes sua impotência raivosa:

— Água da peste!

Tanto virava e remexia na lamúria dos gonzos, que Maria Francisca gritava braba, brabeza que era mais contra a tortura da água:

— Qui tá tendo, home? — Tá cum fuzo sorto?

João Acelino também sentiu frio. Quis pensar que era a raiva da água fervendo dentro dêle. Paludismo — era não, era não. Pois paludismo do brabo bateu, paludismo feroz, que faz perna doer no treme-treme das coxas que se entrechocam. Paludismo filho da água, que faz estalar osso de sertanejo mais duro, caboclo jequitibá. João Acelino não era dos mais duros, parecia que o frio vinha com jeito de acabar com êle, de uma vez só, tão cansado estava de ir e de voltar.

O beiradeiro ficou tremendo, sem pavor, sonhando ainda roubar a lavoura à língua enorme da água. O sol inclemente só então parecia amigo; ia pro terreiro, com os trapos sôbre os ombros, aquentar o corpo.

Quem sabe o Senhor não teria pena dêle? Ou Êle ou o "padim Ciço", que João Acelino era seu afilhado.

Ficou esperando, esperando, na fé que o padim havia de ajudar. Quando não pôde mais resistir, pediu à mulher que dissesse. Ergueu os olhos numa súplica ansiosa.

— As plantação?

Maria Francisca olhou para o marido, não escondeu nada; que êles sofriam de tudo, a vida dêles era aquela.

— Ficou pouco, fio; que o mais a água já lambeu.

João Acelino nunca soube se de mágoa ou de sezão. Mas deu de tremer, tremer, que não parava mais, que o acesso não passava. Até que Maria Francisca, cansada, se espichou foi no chão, que o corpo não aguentava mais de pé.

Manhãzinha, quando a mulher acordou, levantava o pêso enorme da desgraça. Procurou o companheiro na rêde vazia, chamou, gritou, tudo foi silêncio. Escanchou o filho nas costas, correu louca para as barrancas.

O rio molhando tudo era um imenso lago brilhante. E o corpo de João Acelino, tombado, de bruços, sem vida, estava ali sem expressão. Como as fôlhas, como a areia, como os troncos que o rio carrega para o mar longínquo.

A mulher chegou-se ao companheiro, quieta, muda, com a resignação das tragédias hereditárias. Sem uma lágrima, a face morta, murmurou numa prece:

— Donde vem tanta água? Donde vem?...

O sol saiu das nuvens queimando que nem brasa.

UDN por fora e por dentro

(Cont. da pág. 47)

O Brigadeiro não contribui para o partido, como Dutra o faz para o PSD. Para as campanhas eleitorais está previsto que cada candidato procure arranjar o máximo que puder para a sua propaganda; o partido apenas garante um mínimo publicitário, mas se a êle ficassem reduzidos os candidatos, teria sido um desastre nas eleições passadas... Na propaganda do Brigadeiro a UDN ficou devendo uma verdadeira fortuna a certos jornais (mais de Cr$ 800.000,00 só a uma emprêsa) mas lhe foi perdoado ou facilitado o pagamento do saldo).

★

A UDN é um partido popular, mas não tem a organização que seria de esperar de um grande partido, de forte núcleo eleitoral em todo o território nacional. Uma tentativa neste sentido está sendo feita pela UDN do Distrito Federal, dividida em 34 paróquias, pelas quais se ligam os 14.000 aderentes que dão vida ao partido. E há os Departamentos Estudantil, Trabalhista e Cultural, mas só o estudantil dá consiantes mostras de sua existência. O partido vive mais de sua ação farlamentar. O povo, no entanto, devido à popularidade de alguns dos seus representantes, geralmente acompanha com interêsse os pronunciamentos dos seus líderes, pois da conduta da UDN em face do govêrno, e principalmente agora em que está aberta a luta em tôrno da sucessão presidencial, depende em grande parte a marcha da política nacional.

★

Escrevemos estas linhas, por sinal, ouvindo não muito longe o grito de guerra dos estudantes udenistas, ao mesmo tempo que estrujem foguetões:

— Brigadeiro! Brigadeiro! Brigadeiro! — e pensamos: será a UDN sempre fiel aos princípios de guardiã das liberdades públicas com que nasceu? Há muita gente boa e honesta no partido, mas, pelo que se tem visto na atual legislatura, faltam-lhe entusiasmo e vibração na defesa dos grandes princípios democráticos. Muitos udenistas de prestígio se acomodaram à situação, e com isso quem perdeu foi o povo, que muitas vêzes sentiu a tibieza da reação a certos atos e medidas das autoridades, principalmente nos casos de violências e arbitrariedades policiais. Sempre houve udenistas que protestaram, mas têm sido poucos. E isso é mau sinal para o partido que surgiu na oposição, vibrando, cintilante qual estrêla no céu. Que fará a UDN para o

A CIDADE DO FERRO

(Cont. da pág. 47)

bricas de tecidos, ambas de iniciativa particular, de filhos do lugar.

Itabira que, nos seus tempos áureos, teve cêrca de 25 mil habitantes, viu sua população diminuída para 12.000 no começo dêste século. Atualmente, são 23.000 os seus habitantes, com tendência a aumentar, devido ao novo surto de progresso que agora ali se verifica, e também à iniciativa do atual Ministro da Agricultura, que ali estabeleceu um centro agro-pecuário, por ocasião do centenário da cidade em 1948 (centenário da elevação de vila a cidade), e dos governos federal e estadual, que estão construindo duas novas estradas para a zona de Itabira: uma estrada de rodagem de primeira ordem, parte da estrada Belo Horizonte-Vitória, e a outra, estrada de ferro, bitola larga, quase reta da capital do Estado para Itabira, seguindo para Peçanha e Teófilo Otoni.

Cidade tipicamente de nosso interior, verdadeiramente mineira, simples, num clima salubérrimo, numa altitude de 850 metros, Itabira procura esconder sua riqueza.

Ela tem ouro, platina, prata e paládio; êste, muito raro e precioso, se encontra misturado com o ouro.



A CIDADE DO FERRO

De ELISA CASTELO BRANCO DE MORAES

A vila, primitivamente denominada Itabira do Mato Dentro, foi fundada por dois irmãos, um dêles chamado Francisco de Faria Ibernaz, durante o ano de 1720. Eram paulistas e procuravam ouro em Minas Gerais. Achavam-se estabelecidos em Itambé, a dez léguas no norte, e, sem bússola, dirigiram-se a êsse lugar, e viram muito ouro de côr argentifera. Construiram uma casa e uma capela e esta foi a origem da vila. Outros colonos lá chegaram também e igualmente acharam ouro. Os irmãos Ilbernaz, no entanto, tendo explorado o mineral mais fácil, voltaram a São Paulo. Seus companheiros continuaram a lavrá-lo e descogriram três minas maiores: — a de Conceição, no vale; a de Itabira, na cidade; e a de Santa Ana, na parte ocidental da mesma.

Itabira, na etimologia tupi, quer dizer "pedra que brilha". Todavia, desconhe-se a causa exata que originou a palavra, se do ouro ali existente, se do minério de ferro, que, esparso pelo solo, faisca ao sol...

Até 1740, o ouro era em tal quantidade que os próprios faiscadores — escravos na sua totalidade — enriqueciam e compravam sua liberdade. Porém, com a corrida do ouro, vieram também os bandidos e ladrões, verificando-se, então, grande onda de crimes àrduamente combatida pelo comandante da região.

Foi então que o governador da Provincia consentiu que, ao lado da exploração do ouro, se fizesse a do ferro, sendo Domingos Barbosa o pioneiro no beneficiamento dêsse minério. Aproveitando o impulso de progresso, Manoel Fernandes Nunes ali estabeleceu uma fábrica de fuzis. Com êle, vários moradores abastados do local puseram-se nessa indústria.

Por todo um século, Itabira cresceu e se desenvolveu. Em 1848, foi a vila elevada à categoria de *cidade* e seu progresso estava no apogeu. No dizer de Saint Hilaire, que a visitou por volta de 1830, "Cependant ces mines actuellement si riches, s'epuiseront probablement comme celles de Vila Rica, de Catas Altas, etc."

De fato, lá por 1899, o ouro diminuiu e a cidade começou a decair sensivelmente. Foi então que, em 1908, quando do Congresso de Geologia, realizado em Estocolmo, o Brasil, tendo enviado trabalho sôbre suas reservas ferriferas, capitais estrangeiros se interessaram pelo ferro de Itabira. A companhia inglêsa "The Itabira Iron Ore Company Ltd." adquiriu as reservas do Cauê e Conceição, enquanto que os americanos passaram à posse das jazidas de Esmeril, Periquito, Pombal e Paredão, com a "Brazilian Iron and Steel Corporation". De então para cá, a cidade tem vivido quase que exclusivamente da extração de seu rico minério de ferro.

E' interessante notar que, durante a época do apogeu, isto é, entre 1840 e 1860, havia até espetáculos de ópera em Itabira e a vida social, por essa época, era intensa.

Aos poucos, as fábricas de fuzis foram substituidas por outras de enxadas, fôices, ferraduras, freios, etc., porquanto havia melhor mercado para essas ferramentas, pois que as fazendas de gado e de agricultura locais são muito numerosas.

Sôbre Itabira, disse o poeta itabirano Carlos Drumond de Andrade:

"Cada um tem seu pedaço no pico do Cauê
Na cidade tôda de ferro
as ferraduras batem como sinos.
Os meninos seguem para a escola.
Os homens olham para o chão.
Os inglêses compram a mina.
Só, na porta da venda, Tutu Caramujo
[cisma na derrota incomparável."

Itabira está situada, mais ou menos, no centro do Estado de Minas Gerais, mais para o oeste, ainda na zona da mata, donde tirou seu primitivo nome.

Ao sopé da escarpa do Cauê, fica uma parte da cidade, num planalto, na direção nordeste. Para o oriente, estabeleceu-se a parte baixa da cidade, na direção do pico da Conceição. Como tôda cidade antiga estabelecida em zona montanhosa, Itabira tem a totalidade de suas ruas em subidas e descidas, sinuosas, encontrando-se, apenas, em seus bairros novos, Pará e Campestre, ruas retas e planas.

A pavimentação das ruas é interessantissima, por ser tôda feita de minério riquissimo em teor de ferro, que reluz ao sol, e as ferraduras dos animais tiram fagulhas e "batem como sinos".

E' o tipo da cidade antiga e conservadora, embora a chegada da estrada de ferro e da era da aviação tenham modificado um tanto os hábitos de seus moradores.

Itabira comunica-se com o exterior pela Estrada de Ferro Vitória a Minas, para Vitória, e também com Belo Horizonte, pela E. F. Central do Brasil, no entroncamento dessa estrada com aquela em Nova Era, e ainda por avião, existindo um campo regular no Campestre. Boas estradas de rodagem cruzam a cidade.

Duas são as companhias que atualmente exploram a indústria do ferro. O embarque do minério é feito no pôrto de Vitória, tendo atingido o total de 300 mil toneladas a exportação, que tende a aumentar.

O pico do Cauê, com a extração do minério, já diminuiu mais de 20 metros na sua altura, tendo atualmente 1.040 m.

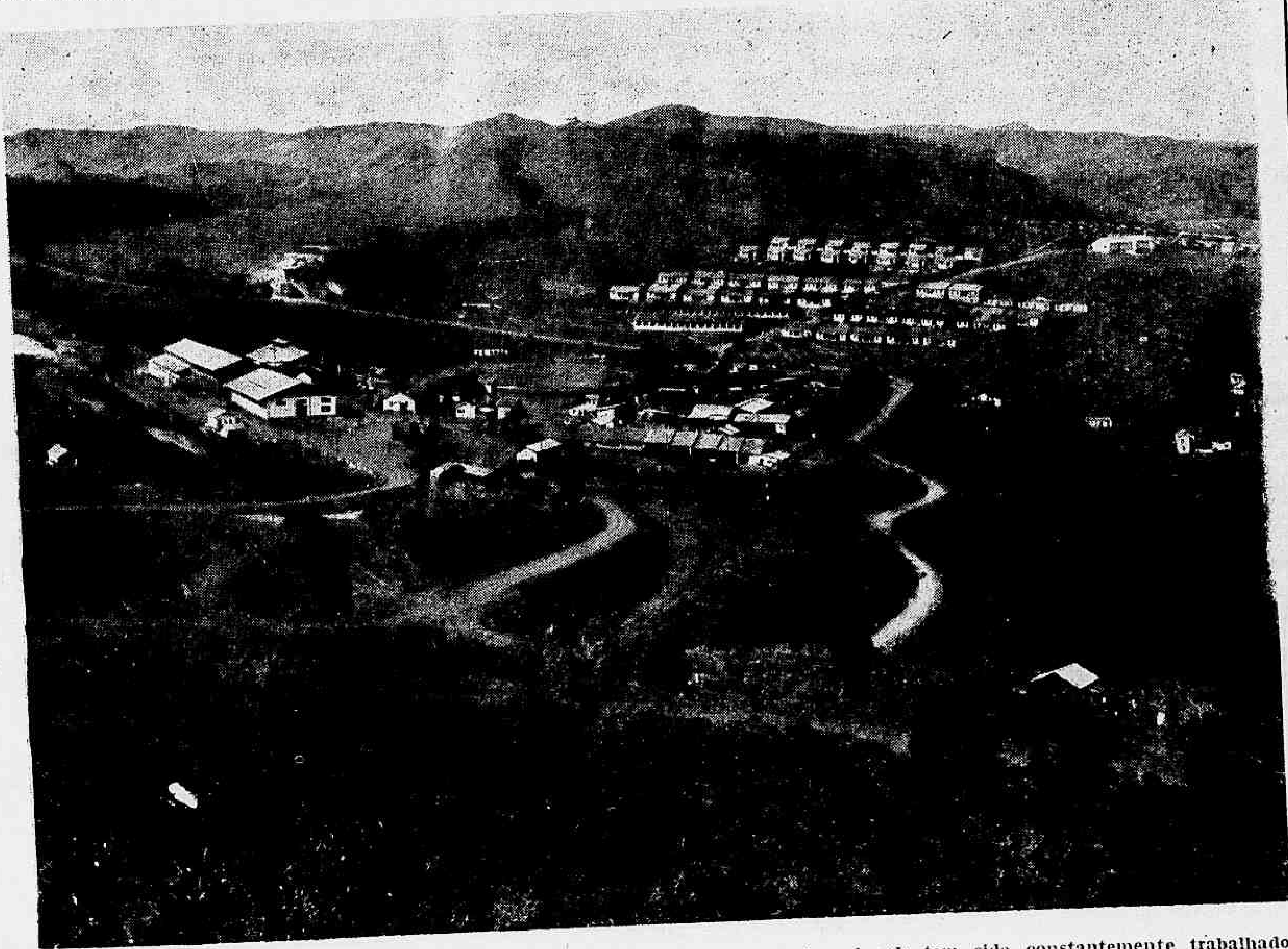
Por ser tão extraordinàriamente rico em ferro com hematita de 68%, o solo de Itabira é menos fértil, porém as fazendas de seus arredores são mistas, produzindo bastante milho, arroz, feijão, gado, zebu na maioria. São propriedades muito grandes, geralmente com belas sedes assobradadas.

Dentro da cidade, há uma fonte dé água potável, chamada "água santa", que dizem ser milagrosa, e tem, além dessa particularidade, a de ter sua temperatura um pouco mais elevada que a comum. Distante meio quilômetro da cidade, na estrada para Santa Bárbara, foi descoberta recentemente uma possante jazida de manganês, e dêsses terrenos brota uma água pura, cristalina, contendo manganês, que é reputada medicinal, para as afecções do pâncreas.

Antigamente, eram abundantes as matas em volta da cidade: hoje fabrica-se carvão de madeira para consumo das usinas siderúrgicas nos municipios vizinhos, e começa-se a fazer o reflorestamento.

Além da indústria do ferro, há duas fá-

Cont. na pág. 44)



Itabira vista das instalações da Cia. Vale do Rio Doce — uma cidade cujo sub-solo tem sido constantemente trabalhado: desde seu início, na época da extração do ouro até os dias que correm, com a extração do minério de ferro. Segundo a opinião dos geólogos, ainda por muitos séculos êsse minério será dêle retirado sem que se esgote, daí o seu apreciável surto de progresso

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30 00
Q. Fluers — Super	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitsko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35 00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super	25.00	35.00	40,00
Pretx — Super	35,00	45.00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplease LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85 00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

A SAÚDE DO BEBÊ

LEITES EM PÓ E LEITE DE VACA

DR. SABÓIA RIBEIRO

UMA vantagem primordial levam os leites em pó sôbre o leite de vaca estabulada: êsses leites oferecem melhores seguranças de referência a um preparo do leite mais higiênico, no momento de fazer as mamadeiras, pois proveniente de gado ordenhado com rigores de asseio, por meios mecânicos, gado raciado, criado em pastagens cuidadas e fartas, e não fraudado com o acréscimo de substâncias estranhas e até nocivas ou recolhido das tetas por mãos e indivíduos nem sempre bem fiscalizados.

Um leite bem colhido requer, além do mais, que a ordenha seja praticada fora do estábulo, em anexo dêste; tratamento prévio do animal, máxime dos úberes, seguindo-se, só então, a extração do leite por aspiração.

Como nada disso é feito entre nós, nosso leite animal, geralmente encontrado à venda, é um leite francamente poluido, contando-se por centímetro cúbico cifras freqüentemente acima de 10 a 20.000 germes. Pior que, com poluições mais grosseiras, a contaminação atinge por vêzes até 500.000 germes por centímetro cúbico, sendo o leite, ainda assim, considerado bom, mesmo pelos regulamentos sanitários.

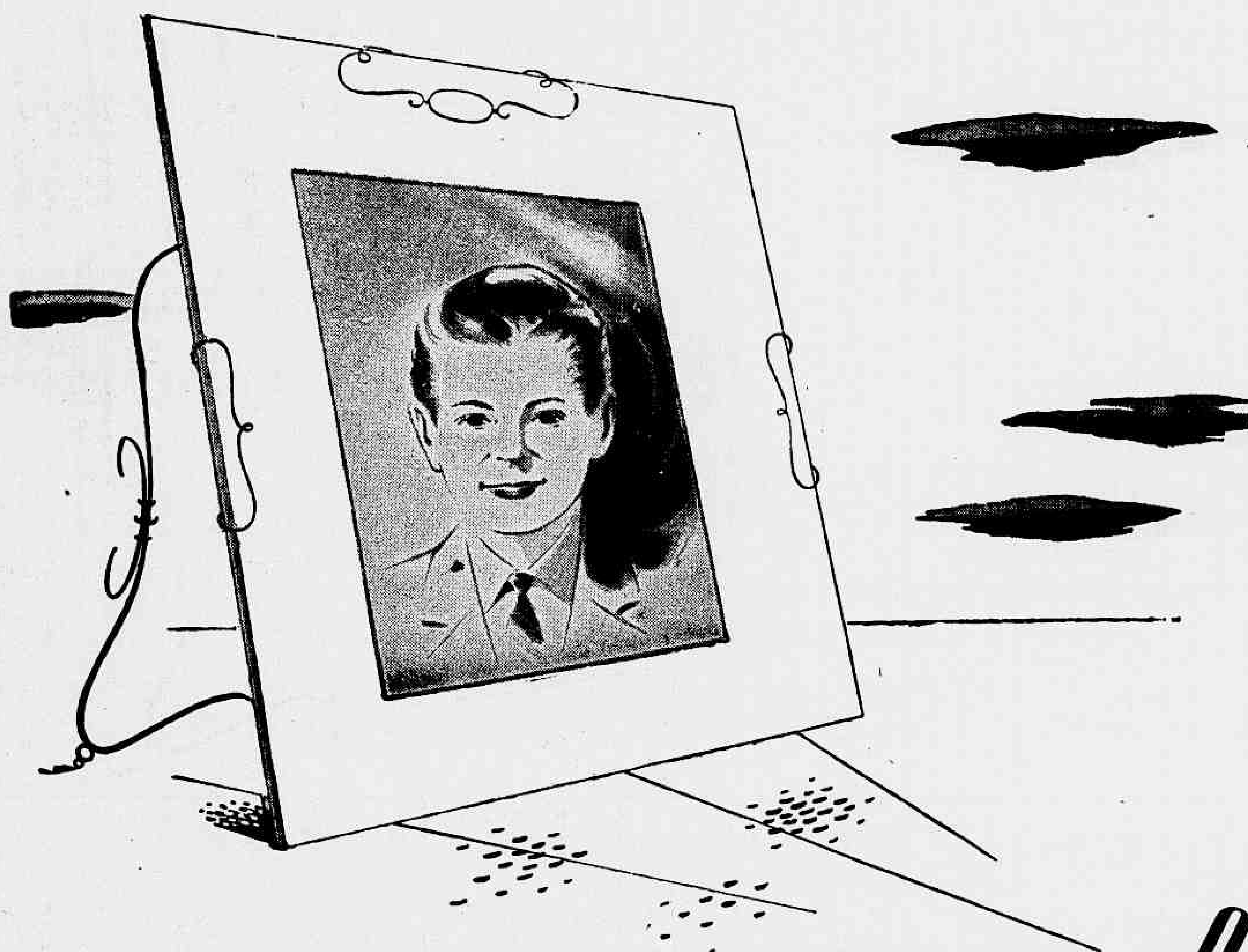
Por tudo isso é de absoluto rigor a fervura do leite com vistas à exterminação dos germes. Perde com isso, porém, o leite, sendo completamente destruida sua vitamina C.

As manifestações da anemia da criança não tardam assim em apresentar-se, como um primeiro sinal da carência. E' a anemia pré-escorbútica.

Devido à presença, no leite de vaca menos higiênico, do bacilo da tuberculose, podem-se observar, inclusive, certas formas cirúrgicas, como as tuberculoses ósteo-articulares. Manifestações febris identificadas como a febre de Malta, ou *brucelose*, parecem, em muitos casos, terem uma proveniência apenas do leite contaminado (bacilo de Bang). Afastados tais perigos pelos *leites em pó*, não há desconhecer assim as vantagens enormes dêste sôbre o de vaca comum. Mas existe o aspecto econômico, que não deve ser desprezado, sendo, como é, um tipo de leite de preço acima da bôlsa dos menos favorecidos.

A fervura do leite destroi os germes, de modo que urge sanar a destruição da vitamina C, operada com a fervura, como dissemos, acrescentando suco de frutas a partir do terceiro mês, como uva, limão, laranja, tomate, adoçados ou não.

Na adoção dos *leites em pó*, a seu turno, cumpre observar um cuidado da mais alta conta; e é o que se refere à concentração de maneira que as mamadeiras nem fiquem demasiado densas nem demasiado ralas, satisfazendo, assim, as verdadeiras necessidades do lactente.



Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

CORREIO DA REVISTA

M.E.A. — Rio — "Fitando o Araguaia" não é conto. Presta-se mais para reportagem; mas, como aproveitá-la sem fotografias?

A.S.C. — Pôrto Alegre — Seu conto "O outro", não pôde ser aproveitado. Evite, em tais narrativas, antecipar que vai acontecer. Tira ao leitor, todo o prazer da história.

J.M. de S. — Belo Horizonte — Não foi possível aprovar o seu conto "Injustiça". De outra vez não antecipe os acontecimentos culminantes, desvandando-os prematuramente como fêz com os cinco mil cruzeiros do caixa Sílvio. O conto perdeu tôda a graça.

F.N. de S. — Rio — Não foi aproveitado o seu conto "Honestidade — Rio 1949".

J. de O.N. — Rio — Seu conto "Dois Natais" não foi aprovado. Veja se nos manda história menos trágica.

Norma Câmara — Recif e— Aprovado o seu conto "O primeiro dente".

Egon Heinsch — Três de Maio — Rio Grande do Sul — Não está em nosso poder para ser julgado, o seu conto "Algo mais virá". Queira consultar os "Correios" anteriores.

Nicodemos Meireles — Miraí — Seu conto "A Moeda e a Cédula" não saiu ainda porque a primeira ilustração que o desenhista nos trouxe não estava boa. Pedimos outra, e, logo que nos fôr entregue, o conto será publicado. Quanto ao nome que assina, tomamos nota e sairá de acôrdo com os seus desejos.

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE!...

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural. Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

Remetemos pelo Reembolso

A UDN por fora e por dentro

(Cont. da pág. 9)

ação parlamentar. Os projetos de seus representantes não obedecem ao programa do partido, mas às idéias e apelos do momento nacional e estadual. Vivendo numa época em que tem que se decidir entre o capitalismo e o socialismo, a UDN na sua quase totalidade abjura o socialismo, preferindo o livre empreendimento sujeito a algumas restrições. Sem ter um programa traçado e sem poder executar qualquer coisa fundamental, porque sua fôrça parlamentar não lhe permite tanto, o partido, dentro da face administrativa brasileira, não obstante os seus dois ministros no govêrno, vive como que em suspenso. O que afirmamos, aliás, pode ser comprovado por uma resposta dada pela secretaria do partido, quando perguntamos quais tinham sido os projetos mais importantes apresentados pelas bancadas da UDN, projetos aprovados, recusados ou por votar. A resposta, sem especificar nada, disse tudo: "A UDN se fêz representar em tôdas as Comissões da Câmara e do Senado. A todos os projetos, por consequência, dá a sua contribuição, quando os examina, emenda-os, aprova-os ou desaprova-os. Muitas das reivindicações contidas no programa do partido foram concretizadas por meio de leis já em vigor, da autoria ou com a colaboração de congressistas da UDN" — e assim ficamos sem saber, afinal de contas, quais os projetos que, no caso, interessavam...

★

A UDN fêz nada menos de 75 deputados federais, 17 senadores, 6 governadores, 241 deputados estaduais, 390 prefeitos e 4.086 vereadores em todo o pais, sendo, depois do PSD, o partido que maior número de representantes tem nos quadros executivos e legislativos do Brasil. E', pois, uma potência. Dentre os representantes eleitos pelas legendas udenistas consta a vereadora carioca Ligia Lessa Batos, professôra municipal. Os governadores eleitos pelo partido foram os srs. Otávio Mangabeira, na Bahia, José Rocha Furtado, no Piauí, Faustino de Albuquerque, no Ceará, Osvaldo Trigueiro, na Paraiba, Jerônimo Coimbra Bueno, em Goiás, e Milton Campos, em Minas.

★

De um modo geral, a família udenista vive em paz. O partido é mais coeso que o PSD. Os casos mais falados do partido são os da Paraiba, Bahia e S. Paulo. A UDN paraibana apresenta duas principais correntes: a do Senador José Américo e a do deputado Argemiro Figueiredo, ex-governador e ex-interventor no Estado; o mesmo se dá com o PSD de lá.

Na Bahia, embora os udenistas procurem esconder isso de todo jeito, há uma divergência latente entre a ala que apóia Otávio Mangabeira e a do ex-interventor Juraci Magalhães. Entre as duas houve um acôrdo na eleição para governador do Estado,, apoiando Mangabeira, em troca, ao que parece, do apoio dêste a Juraci no próximo pleito. Se foi verdade, trata-se de uma solução de irmãos. Em São Paulo, uma parte deixou a UDN, passando-se para o Governador Ademar de Barros, aliás, um dos fundadores do partido... O deputado Paulo Nogueira Filho é o chefe dos dissidentes. No Rio a UDN tem um caso, constituído pelo ex-vereador Carlos Lacerda, que com alguns outros udenistas de proa do Distrito Federal fundou a chamada "Ala Renovadora" do partido. Poucos são os dirigentes e representantes udenistas que vêem com bons olhos a "Ala" do Sr. Carlos Lacerda. Mas esta, eleitoralmente, é forte, e daí... "nem te ligo"!

★

O calvário dos udenistas fica em Alagoas, a afogueada terra do sururu. Os deputados estaduais udenistas de Maceió constantemente estão às turras com o governador Silvestre, que os chamou até de cachorros e ladrões... De vez em quando é empastelado um jornal oposicionista, dando origem a constantes crises.

Como funciona a UDN?

Como já dissemos, não apresenta o partido uma unidade de ação que caracteriza os grandes partidos estrangeiros, como o Trabalhista ou o Conservador britânicos, o Republicano ou o Democrático norte-americanos, etc. Os diretórios estaduais do partido gozam de inteira liberdade de ação, fazendo-se os ajustes mais de acôrdo com as conveniências locais que nacionais. Na maioria dos Estados, o "Acôrdo Interpartidário" obteve êxito, possibilitando tanto ao PSD como à UDN governarem mais ou menos tranquilamente (a UDN fêz 6 governadores e PSD, 11). Em alguns Estados, porém, como Pernambuco e Pará, para não falar em Alagoas, pràticamente não existe o tão falado "acôrdo".

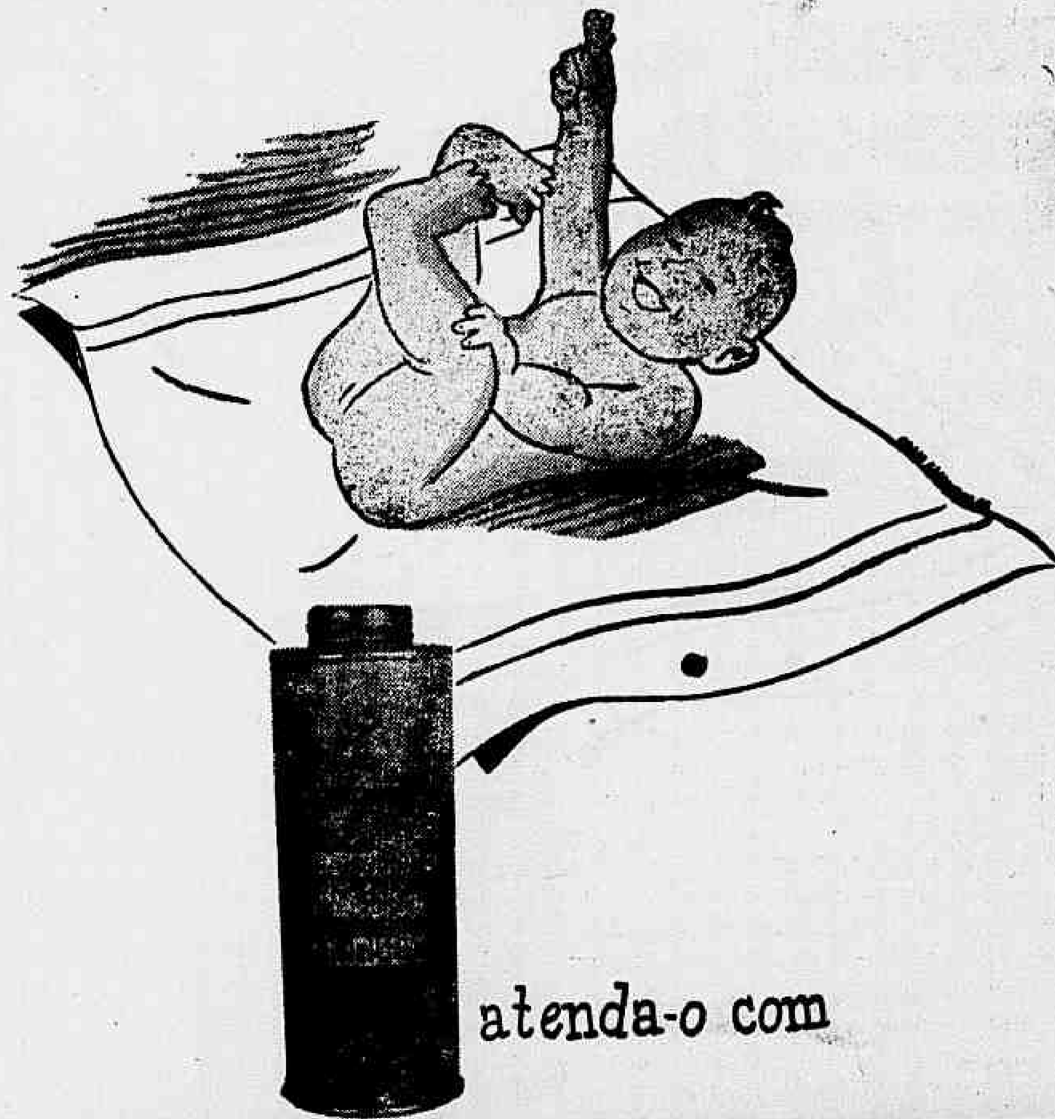
As superiores diretrizes politicas do partido são traçadas aqui no Rio. Tôdas as quartas-feiras a sua Comissão Diretora se reúne na sede do partido, à rua México n. 3, 4º andar, com a presença não só dos líderes das suas bancadas na Câmara e Senado, como ainda de outros elementos de prestigio do partido na órbita estadual. Os órgãos superiores do partido são, porém, as convenções — estaduais e a nacional. Como a UDN não tem um programa administrativo traçado, a apresentação ou votação de projetos de lei é inteiramente livre aos seus representantes, exceto os de natureza política. Para êstes e os demais que possam ter um acentuado fundo eleitoral, tais como a cassação do mandato dos deputados comunistas e o aumento dos subsídios parlamentares, a direção do partido convoca os líderes ou todos os membros de suas bancadas, sendo o assunto discutido e, no final, dada, então, a palavra de ordem. Nem sempre, porém, essa vem sendo inteiramente obedecida. Até hoje o partido não apresenta um único caso de completa unidade na votação de acôrdo com a resolução tomada, como, por exemplo, nos dois citados casos, onde muitos dos seus deputados e senadores votaram a favor da cassação dos mandatos e pelo aumento dos subsídios. No Senado, a proporção dos insubordinados às decisões partidárias tem sido muito menor.

Quais as fontes de renda do partido?

Vamos atender aos "abelhudos"... Tal como no PSD, na UDN cada deputado e senador contribui com Cr$ 500,00 mensal para os cofres do Diretório Nacional do partido, e bem assim os seus dirigentes. Como possui 17 senadores e 75 deputados, é fácil o cálculo. A sua própria secretaria, porém, no-lo forneceu, arredondando a conta com as contribuições dos dirigentes e um pequeno número de contribuintes voluntários — Cr$ 50.000,00. Metade, pois, do montante todo mês arrecadado pela caixa do Diretório Nacional pessedista. Mas, essa verba dá para atender aos encargos da secretaria do partido, mormente se considerando que uma boa parcela da despesa que seria feita com telegramas é economizada, porquanto os deputados e senadores têm gratuidade no Telégrafo. Os gastos são feitos no pagamento de meia-dúzia de funcionários e da sede do partido, que está sendo paga a prestações, financiada por um dos nossos institutos. Custou a atual sede da UDN a importância de Cr$ ...... 1.510.000,00. Cada deputado e senador entrou com Cr$ 2.000,00 para o pagamento inicial, à vista.

Os Diretórios estaduais e municipais do partido vivem da mesma forma, cada qual tirando dos seus representantes o indispensável para os encargos de suas secretarias. O do Distrito Federal tem a arrecadação mensal de cêrca de Cr$ 20.000,00, proveniente de Cr$ 500,00 de cada vereador (só pagam no periodo em que a C. M. permanece aberta, isto é, não pagam nos meses de férias...), de uma contribuição que oscila entre Cr$ 300,00 e Cr$ 50,00 de seus 70 e tantos conselheiros e da contribuição mínima de cada militante do partido, que nesta capital (e só aqui a UDN tem realmente um quadro de sócios militantes) são em número de 14.000, cada um pagando o mínimo de Cr$ 10,00 de mensalidade.

(Cont. na pág. 44)




GRANADO
UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

ACIDO URICO
REUMATISMO
ARTRITISMO
GOTA
LYTOPHAN

Passou a dôr?
-um SORRISO-

graças a
CAFIASPIRINA
O REMÉDIO DE CONFIANÇA


Pasta Dentifrícia
S.S.WHITE
O DENTIFRÍCIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

ONDE NÃO SE FAZ AGRICULTURA

(Cont. da pág. 22)

Devemos, isto é o que manda a razão, avançar. Nem permanecer apenas agrícola nem caminhar para o exclusivamente industrial —o que seria absurdo ainda maior — evidente como se torna que as nossas populações do interior é no campo que se formaram e dêle, com inteligência, auxílio, máquinas e financiamento devem viver para que os núcleos industriais possam produzir e, com elevação do nível de vida do "hinterland", vender a sua produção. Quando as populações do campo tiverem um maior poder aquisitivo, outras serão as possibilidades das indústrias. Isso é tão simples em economia que não precisa ser demonstrado. Simples e fácil. Os governos sabem disso. Os problemas brasileiros estão postos em equação há dezenas de anos. No que tange à Agricultura pouco se terá a acrescentar ao que já pontificava Simões Lopes. Falta apenas quem resolva, quem trabalhe, quem, ao invés de dar novas formas a velhas idéias — o que nós mesmos estamos fazendo — realize o que está programado. E o Brasil, então, não será apenas agrícola nem apenas industrial, mas uma nação a caminho da própria independência econômica, tanto quanto isto pode existir no mundo dos nossos dias.

OLIVIER-SHAKESPEARE

(Cont. da pág. 26)

"Henrique V" foi feito antes de "Hamlet", mas motivos de ordem técnica tem facilitado ao segundo uma excursão mais rápida pelos países de outros continentes. Isso foi favorecido igualmente porque "Henrique V" filmou-se em technicolor, e como é sabido, êsse sistema demanda maior tempo para revelação das respectivas cópias. Centenas dessas cópias têm de ser preparadas a fim de permitir a exibição simultânea da película em vários mercados.

Entretanto, o agrado geral de Shakespeare transportado para o cinema, é ainda uma incógnita. Sem dúvida, uma platéia de elite, que não representa garantia comercial absoluta, manifesta predileção extraordinária pela obra poética do bardo, transportada para o "ecran". Todavia, o grande público, o que aflui em maior quantidade às bilheterias, ainda se retém com algumas reservas. Não é possível dizer que um filme baseado em peça de Shakespeare redunde num desastre de ordem comercial; contudo, os produtores reconhecem ganhar muito mais libras ou dólares filmando, em menor tempo, uma história comum. E' preciso educar o povo — dizem os críticos. Não deve o cinema ficar marcando passo como simples fator industrial, e uma parcela dos lucros que seus animadores auferem com o filme comercial, deve ser encaminhado para realizações de alta classe iguais a essa.

Foi justamente levando em conta essas razões que se filmou "Henrique V". Laurence Olivier é um ídolo, festivamente consagrado pelas multidões que falam o idioma britânico, mas também nos outros países muita gente se deslumbra com o seu trabalho. Entretanto, ainda há fans que recordam saudosamente sua "performance" em "Morro dos ventos uivantes", público que preferia continuar a ver Laurence Olivier em papéis dramáticos, vigorosos dessa natureza, mas sem cunho histórico.

Carnaval que não findou

(Cont. da pág. 32)

vam jeito de, ousadamente, dar-lhe beliscões nos braços roliços. Mas Catarina continuava o mesmo animalzinho selvagem do tempo em que chafurdava os pés na lagoa de Cabo-Frio e se embrenhava pelos mangues, atrás das pitangas e dos cajus.

Nos domingos, após o ajantarado em casa dos patrões, Catarina subia o morro do Tamanduá. E ajudava dona Pòzinha nos arranjos domésticos. E ainda engomava as camisas do "seu" Eustáquio, marido de dona Pòzinha, e que trabalhava no Lloyd.

"Catarina! Vai buscar uma lata d'água!". "Catarina! Vai buscar uma carteira de cigarros!". "Catarina! Vai buscar uma garrafa de cerveja Cavalo Prêto!".

E ela ia. Dócil e obediente como sempre. Sem opinião, sem querer. O ordenado inteiro do mês dava-o à dona Pòzinha, que o enviava ao Joca da Praia, depois de tirar quarenta cruzeiros; quinze para o sustento de Catarina em sua casa, o resto para uma alpercata ou um vestido que Catarina precisasse.

Cabo-Frio só dava sinal de si para reclamar: "E' preciso que Catarina mande mais dinheiro no mês que vem, porque tenho uma conta encalhada no armazém". "Catarina que mande cinqüenta cruzeiros a mais para ajudar o enxoval de Marietinha..."

Às vêzes, nos domingos, o pessoal de dona Pòzinha ia ao Parque das Diversões. Catarina ficava. Do alto do morro via as luzes da roda gigante girando, girando, num convite festivo. O vento levava a seus ouvidos o borborinho do povo, o ruído do Globo da Morte, as risadas, os gritos alegres. Bem gostaria, ela, de ir, também! Mas era preciso amanhecer na fila da carne, e ainda tinha de cerzir o paletó do "seu" Eustáquio.

Do outro lado da baía, o Rio semelhava uma caixa de mágicas. O Rio! Uma cidade tão bonita e tão perigosa que, como dizia dona Pòzinha, era o mesmo que ver Iemanjá surgindo das águas da Lagoa.

Catarina cismava, olhando as luzes coloridas para além daquela imensidão de águas escuras, e quase se esquecia do paletó cinzento do "seu" Eustáquio.

★

Eu conheci Catarina quando ela era empregada de dona Estela, minha vizinha. Dona Estela era professôra, e tinha métodos próprios de pedagogia educacional. Além disso, por aquela época os aparelhos receptores de rádio lançavam aos quatro ventos, pela voz persuassiva de locutores bem intencionados, a Campanha Ministerial: "Amigo ouvinte! Alfabetize um adulto! Das trevas da ignorância traga para a luz do saber um compatriota, concorrendo para aumentar o índice de capacidade dos brasileiros!"

E dona Estela resolveu alfabetizar Catarina. Tôdas as noites, depois que ela arrumava a cozinha, a patroa dava-lhe meia-hora de aula. Os garranchos de Catarina iam tomando forma legível nas páginas do caderno. Seus olhos iam distingüindo "Eva" do "Ivo", e sabendo que "A rosa amarela é de Ritinha". E dona Estela ia dormir com a consciência tranqüila de quem cumpriu o seu dever de boa brasileira.

Enquanto isso, Catarina fazia amizade com a Nilsa, nossa empregada, mulatinha sestrosa e sabida como quê. Algumas noites, depois da aula, vinha ao quarto da colega, a pretêxto de aprender pontos novos de tricô. E, da minha mesa de trabalho ouvia as conversas cochichadas e as risadinhas abafadas das duas.

No Carnaval atrasado Dona Estela fêz-lhe uma fantasia de cigana. No domingo à tarde, fui assistir à saída de Catarina. A fantasia assentava-lhe às maravilhas na pele côr de sapoti maduro. Dona Estela, em frente ao espêlho, ajeitou-lhe as dobras da saia de cetim vermelho, ajustou-se a faixa listrada, afofou-lhe as mangas da blusa de opala branca, prendeu-lhe nos cabelos os cordões de medalhinhas...

— Pronto, Catarina! Ficou um amor! Vá se divertir! Mas não se esqueça de estar aqui amanhã, sem falta, que é para ir para a fila do leite!

E, da varanda, ficamos a vê-la descer a rua, muito animada, em companhia da Nilsa que, fantasiada de pirata, agitava no ar o pandeiro de fitas coloridas.

Foi a última vez que eu vi Catarina.

Na segunda-feira, ela não apareceu no emprêgo. Mas, como também a Nilsa não viera, dona Estela não se preocupou. E gritou, por cima do muro, com um fatalismo indu:

— E' isto! O Carnaval vira a cabeça dessas moças! Vai ver que só aparecerão na quarta-feira de cinzas! E ainda estaremos com muita sorte...

Mas não apereceram. Na quinta-feira, às onze da manhã, a Nilsa surgiu lá em casa, com uma cara de ressaca e ares resabiados. E, a uma pergunta a respeito de Catarina, respondeu:

— Não sei... Desde segunda-feira à noite que não a vejo...

Na sexta-feira de tarde dona Estela mandou um recado para dona Pòzinha, pelo filho da lavadeira: "Catarina que mande dizer porque não voltou para o emprêgo. Se está doente, ou o que foi que aconteceu."

Mas a resposta que voltou foi desconcertante: "Dona Pòzinha não sabia de Catarina desde têrça-feira à tarde, quando ela descera do morro, dizendo que ia dormir no emprêgo..."

Nilsa foi submetida a severo interrogatório. Jurou que não sabia de nada. Estivera com Catarina e outras coleguinhas segunda-feira à noite, no Rink, durante os bailes populares. O apêrto era demais, a multidão acabou por dispersá-las. Quando Nilsa avistou Catarina pela última vez, ela se achava junto a uma barraca de cachorro-quente, com um sanduíche numa das mãos, uma garrafa de refrigerante na outra, entre um marinheiro americano e um pierrot prêto e branco.

Isto aconteceu no Carnaval atrasado. Um ano já se passou. Estamos em novembro. Outro Carnaval se aproxima. E, até hoje, Catarina não apareceu. Nem no morro, nem em casa de dona Estela. Esta, chegou a telefonar para o Pronto Socorro e para o Necrotério. Em nenhum dos lugares não surgira pessoa alguma que pudesse ser identificada como Catarina. O marido de dona Estela pensou em ir ao Distrito. Mas desistiu. Ia ter um incômodo dos diabos, gastar dinheiro, ter nome nos jornais... Não valia a pena. E outra mulatinha ocupou o lugar de Catarina.

Quanto à dona Pòzinha, sacudiu os ombros. Catarina não era sua filha, não estava sob sua guarda, era maior... O que fêz foi escrever para Cabo Frio, dando ciência do estranho desaparecimento. E, se de lá se preocuparam, foi, apenas, pelo fato de se haver esgotado o filão de dinheiro fácil.

E, até hoje, ninguém sabe de Catarina. De vez em quando, a Nilsa ou alguma outra colega faz comentários. De vez em quando, alguem traz uma novidade.

Zulmira, que foi assistir um programa de calouros, jurou que viu Catarina vestida de sêda verde-periquito, bôlsa vermelha, a tira-colo, e cabelo espichado, cantar o samba de breque

"Foi num cabaré, na Lapa,
numa noite de orgia..."

com torcimentos de quadris e reviravoltas de olhos, sob palmas e assovios da multidão delirante e frenética, e ser coroada rainha da noite.

"Seu" Luiz, da Tinturaria "Pavão Real", que foi um domingo a Copacabana, afirmou ter visto Catarina de "slacks" azuis e blusa côr de mostarda, passeando de charrete na Avenida, e fumando de piteira, ao lado de um senhor de cabelos brancos e ares respeitáveis.

Ainda "seu" Totonho, dono da barbearia "Ideal", e que aplica penicilina a domicílio, indo visitar um amigo atropelado por uma bicicleta, no Hospital de São Francisco de Assis, pensa que viu Catarina no fundo de uma cama, ossos à flor da pele, extinguindo-se num acesso de tosse convulsa.

Seja como fôr — cantora de rádio, estabelecida ou num leito de hospital, o fato é que Catarina desapareceu.

Dona Pòzinha está convencida de que ela fugiu para esconder algum "mau passo" que dera. Mas, para mim, Catarina bateu asas porque estava cansada de ser mandada por todo mundo. Cansada de não ter opinião própria. De não poder dispor de um centavo que fôsse.

Dona Estela, alfabetizando-a, acenou-lhe com novos rumos. Mostrou-lhe que ela era uma coisa viva que tinha o direito de pensar e de agir por si — e não a máquina de trabalho que os outros manejavam como bem entendiam.

E os olhos deslumbrados de Catarina, cravados no espêlho enquanto dona Estela ajeitava-lhe a fantasia de cigana, enormes e parados, desvendaram-se pela primeira vez.

Não terá sido isso que aconteceu? Não terá Catarina tomado uma barca da Cantareira com o marinheiro americano ou o pierrot prêto e branco, e se atirado nos braços da cidade esplendente de luzes como uma caixa de mágica? A cidade que é tão linda e tão perigosa que é ver Iemanjá surgindo das águas da Lagoa nas noites de luar?

Foi isso, sim, o que aconteceu. E, ou muito me engano, ou aquelas conversinhas cochichadas e os risinhos reprimidos que eu ouvia da minha mesa de trabalho, a fantasia de cigana e a alfabetização têm alguma culpa do que aconteceu.

Catarina terá sido feliz?

Quem o saberá?

Ah! Bem gostaria eu de descobrir Catarina para saber suas impressões a respeito da vida!

Mas Catarina desapareceu...

Catarina! Onde estará Catarina?

DE TUDO UM POUCO



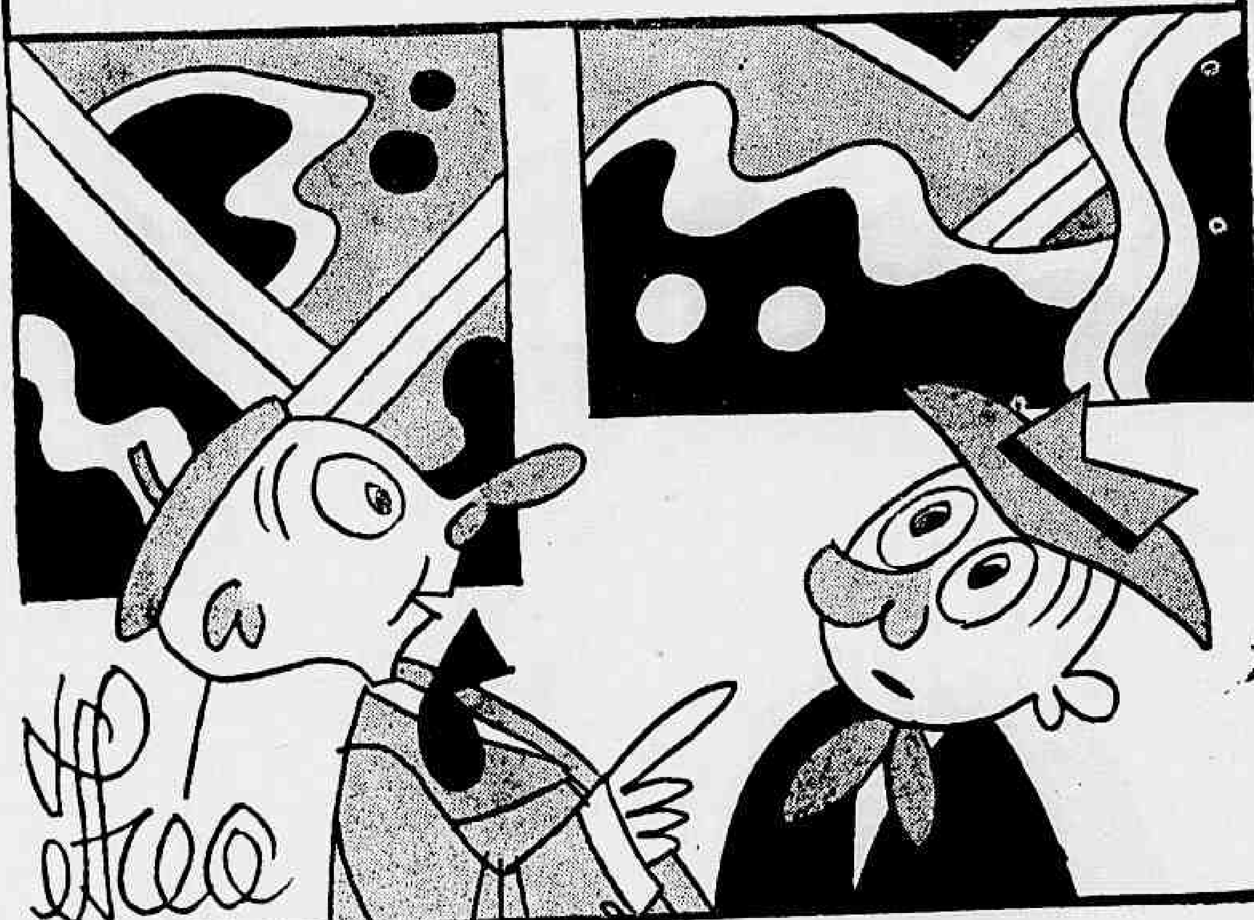
— Essa velha não usava **maillot** Bikini?

— Usava, sim, mas depois das últimas ordens, diz ela que não quer complicações com a polícia.

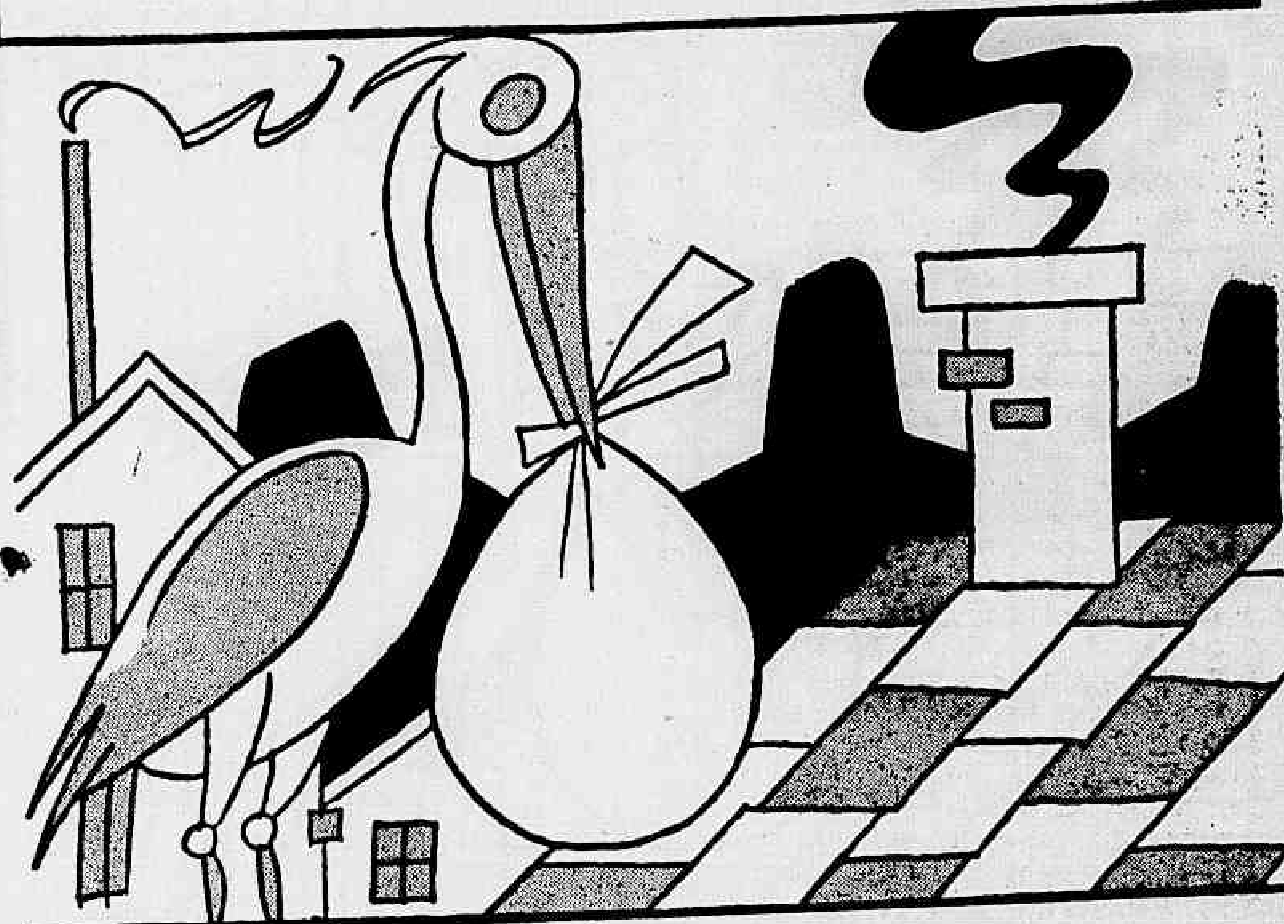


— Olha só a pretensão do vovô!

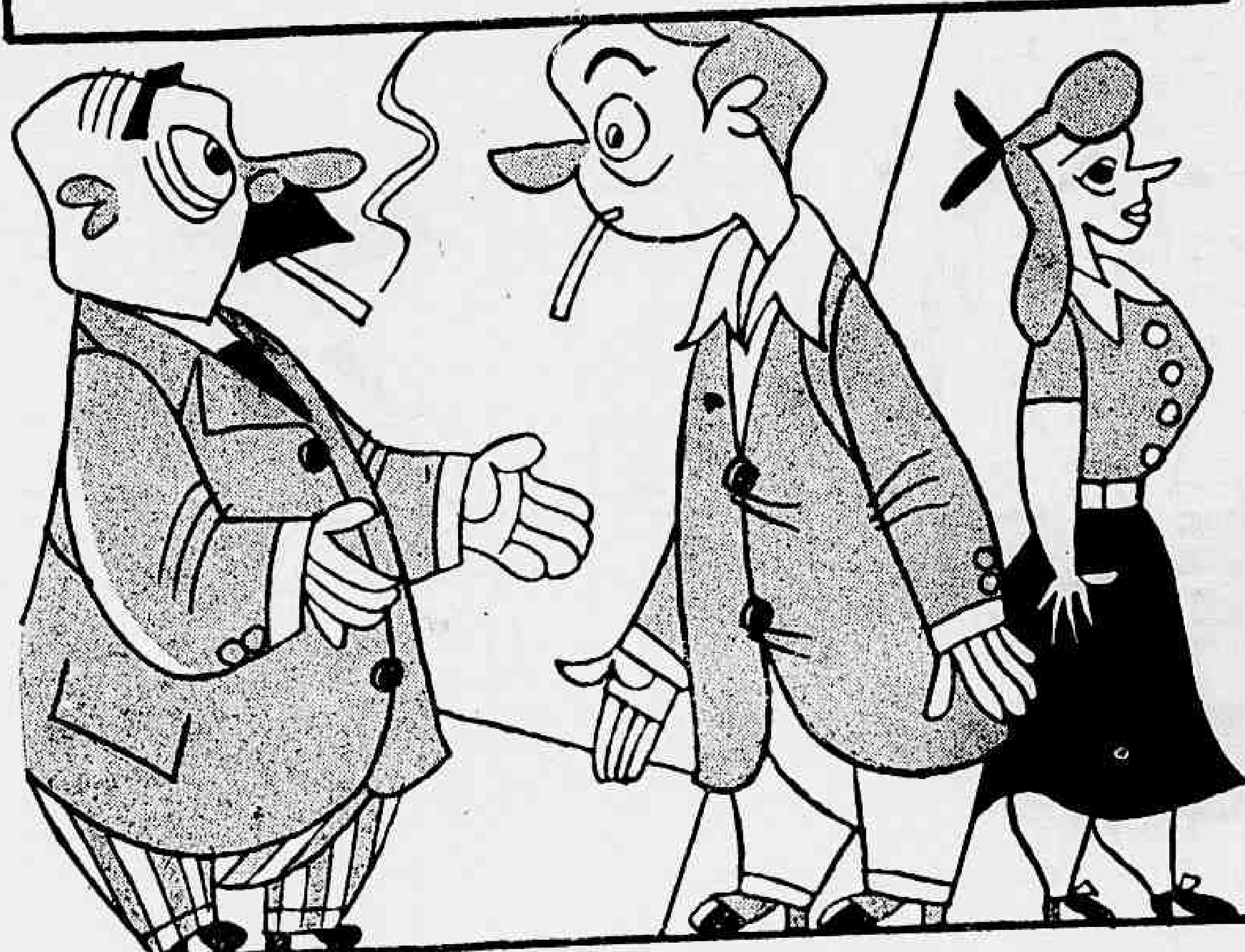
— E' verdade! Gostaria de ver o que aconteceria se êle **quisesse...**



— A vantagem dessa escola de pintura é que êsses quadros, expostos em 1948, como paisagens, são agora expostos como natureza morta...



A cegonha — Hoje em dia há tanta exigência que ainda me obrigam a reclamar a certidão de casamento antes de entregar a encomenda.



— Você me pede a mão da pequena em casamento, mas esquece que, além de anéis, ela costuma usar também um garfo!



— Êsse é o candidato ideal! **Cego** aos interêsses particulares, **surdo** às injunções políticas, não poderá com as suas muletas acompanhar os belicosos em sua corrida armamentista.



SERA' VIRGINIA MAYO a mulher mais perfeita do mundo? Para quem apreciar a figura clássica do cinema norte-americano, a resposta só poderá ser afirmativ



MAS ARLENE DAHL tem outra apresentação e concorre, em lindo estilo, para a conquista do título. Talvez um pouco mais ingênua, entende-se, convencionalmente...

A MULHER MAIS PERFEITA DO MUNDO

MARY SHAWER

DE um escritor latino a quem perguntamos o que pensava da mulher norte-americana, ouvimos o seguinte: "Não tem conta o número de vêzes que já me fizeram essa pergunta. A verdade é que não se pode falar da mulher americana de maneira abstrata sem generalizar demasiado. Porque não existe um tipo de mulher, mas sim uma variedade de tipos definidos. O espírito de especialização criou nos Estados Unidos uma variedade de mulheres com características físicas e psicológicas determinadas pelo ofício ou atividade primordial que desempenham na vida. No teatro, por exemplo, a corista se diferencia da "show-girl" esta nada tem que ver com as dançarinas e muito menos com as artistas. A modêlo constitui outro tipo especial e ainda numa classe a parte deve ser colocada a "strip-teaser", a que se desnuda em público. Tôdas essas mulheres falam uma língua diferente — a língua do ofício — vivem de maneira distinta, circulam em sociedades a parte e têm até características físicas próprias. E' muito freqüente ouvir opiniões como esta: — "Esta pequena parece modêlo, essa outra corista ou aquela tem a "pinta" de "show-girl".

A tantas diferenças devemos ainda acrescentar o contraste existente entre a mulher do sul e a mulher do norte e as características singulares que colocam numa classe a parte as de certas regiões. "New England type", título genérico que se aplica às mulheres dos Estados da Nova Inglaterra, define um tipo especial. E convém não esquecer também a classificação segundo a côr e a raça: a loura, a ruiva, a morena, a judia, a italiana, a nórdica, etc. Além disso, as peculiaridades e inclinações individuais têm contribuido para subclassificar a norte-americana: existe hoje o tipo de mulher-maçã, a que vive ao ar livre; a gênero orquidea, que circula em clubs noturnos; a mulher atlética, a intelectual, a tipo doméstico, a infantil, a de complexo maternal, a de complexo de mulher fatal; a que odeia todos os homens, etc. Para fazer justiça completa, se deveria escrever um dicionário ilustrado de mulheres norte-americanas.

Em nenhum país do mundo a mulher vive para agradar a mulher, como na América do Norte. Imitam umas às outras e só assim se torna possível uma certa semelhança dentro de cada tipo. Com a sua independência econômica, ela conseguiu também ser independente do homem e o seu futuro depende em geral de si mesma.

Antes de prosseguir, vamos reconhecer uma qualidade que têm as mulheres norte-



SOFISTICADA, olhar lânguido, atitude provocante, Jane Greer em toilette de duas peças, é uma candidata perigosa



LOURA PARA os que preferem as louras, Gloria Graham tem um olhar que entontece. Será mesmo a preferida?



E ESTA? Se o leitor gosta das morenas, seu voto será favorável a ela. E a covinha na face diz muita coisa

americanas e que não encontramos em nenhuma outra do mundo: ela é capaz de se modificar da noite para o dia. Transforma-se por completo, milagrosamente. Esta é uma verdadeira história fácil de ser comprovada. O primeiro filme de Mae West, introduziu um novo tipo de sereia: a mulher redonda e madura. Até então haviam imperado as destruidoras neuróticas com o corpo de pavio de fósforo. Além do busto redondo e de cadeiras amplas, Mae West usava um sistema de luta simples, sem complexidades intelectuais. O filme obteve um êxito retumbante e já nos dias seguintes apareceram bustos redondos e cadeiras amplas, por tôda a parte, modificando, totalmente, a aparência da garôta norte-americana. Parecia que tôdas aquelas exuberâncias haviam estado hàbilmente escondidas até o advento de Mae West. As mais jovens amadureceram ràpidamente e a linguagem também se coloriu de ditos pitorescos e frases de duplo sentido. E' verdade que a mudança durou pouco, mas marcou época.

O caso de Mae West não é único.

Eis uma definição da mulher ideal: mente reta em corpo redondo. Dizem que a norte-americana é fìsicamente a mais perfeita do mundo. Isto reconhecem, imediatamente, tôdas as mulheres norte-americanas... Ela goza também da reputação de ser a que melhor se veste. Isso também é o juizo que as norte-americanas fazem de si mesmas. Outros opinam que a norte-americana é mais bela à medida que se despe. Realmente, algumas parecem até deformadas com os vestidos que usam.

E não esqueçamos de mencionar a "gold-digger" que é como o seu nome indica, a cavadora de ouro. Alimenta-se de dólares e quem a vê em ação não a esquecerá nunca. Tem maneirismos próprios, inconfundíveis. Representa a equivalência humana do século do "dollar". Peggy Hopkins Joyce, a "Barba-Azul" americana, sintetizou a psicologia da "gold-digger" numa frase muito oportuna: "A aquisição de uma pulseira perde todo o seu gôsto quando a própria pessoa tem que comprá-la"...

Segundo estatisticas recentes, as mulheres norte-americanas controlam setenta e cinco por cento de tôda a fortuna existente nos Estados Unidos. O que equivale a dizer que são mais ricas do que os homens. Calcula-se que nos Estados Unidos se gastem quarenta e três milhões de dólares por dia. As mulheres contribuem para esta soma com o desembôlso de mil dólares por segundo.

A independência econômica trouxe também consigo alguns males. O processo psicológico da sedução implica no dominio do mais forte. E' impossivel seduzir um ser igual. Na América do Norte, são as mulheres que seduzem os homens. Intelectualmente, o têrmo médio da mulher norte-americana, amadureceu antes do tempo. Ocorreu com ela o mesmo fenômeno que ocorre com tôdas as frutas nos Estados Unidos: é colhida verde para se precipitar no amadurecimento artificial e rápido. O culto da juventude ativou também em grande parte êste processo: adiantar-se à vida, saber tudo antes dos vinte. Em proporção, no entanto, existe na América muito pouca gente realmente madura. Há jovens e velhos, e uma combinação intermediária de ambos. Por outro lado, existem muitos jovens que só envelhecem em anos. Terminando, citou o escritor um episódio que classifica bem a audácia, em matéria de sedução, existente na mulher americana: carta que Isadora Duncan escreveu a Bernard Shaw, sugerindo que procreassem um filho que, na sua opinião deveria vir a ser um gênio, pois seria uma combinação do "meu corpo com o seu cérebro", dizia ela. E, o mesmo pedido foi feito também em carta, a Nijinsky, o grande bailarino...

Mas nenhum dêles aceitou — e ambos fizeram bem.



ESPORTIVA, de corpo esbelto e com o "maillot" que está fazendo falta em Copacabana, Barbara Battes desafia as outras. Que tal, amigos? Plástica ela tem. E um sorriso legitimamente balzaquiano...



VERIFICADA A HORA da passagem de uma estrêla, e sua declinação, o observador, por esta, faz a calagem da luneta, assentando o aparelho para o consequente registro

HORA CERTA

O HOMEM, O TEMPO E SUA MEDIÇÃO ★ HORA LEGAL E HORA DE VERÃO ★ UMA VISITA AO OBSERVATÓRIO NACIONAL ★ CURIOSIDADES

Reportagem de SABINO CANALINI

— "Que horas são?" ou "Está na hora", ou ainda "Daqui a uma hora", são expressões de todo momento na vida quotidiana. Muito mais agora, com a "novidade" da hora "de verão". Lê-se nos jornais, ouve-se constantemente no rádio, sempre que o locutor dá a "hora certa" pelo cronômetro de proteção protegida, a que infalivelmente junta a expressão "hora brasileira de verão". E ainda há os que estão constantemente "contra" e que com ares de superioridade vivem dizendo por aí que êles continuam pelo método antigo, pela hora velha, êles vão pelo sol. Pois sim, dizemos nós, tentem pedir a êsses sujeitos que lhes digam a hora medindo-a pelo sol, ou perguntem-lhes se já viram alguma vez "relógios de sol" e se sabem como funcionam, e mais se conhecem qual a relação entre o sol e a hora. Quanto espírito retrógrado, quanta incompreensão e quanta falta de colaboração existe ainda entre os homens. Mas isso não vem ao caso. Voltemos à hora.

Foi pela noção da passagem do tempo que o homem começou a ter a noção da sua existência. Não é, portanto, exagêro dizer que a história da hora teve início na mais recuada antigüidade, ou melhor, na infância do gênero humano. Saber quais os meios primitivos de que o homem se servia para marcar o tempo e como evoluiram através dos milênios até os modernos relógios de grande precisão, como os que constituem por exemplo orgulho do povo suiço, não deixa de ser uma coisa interessante. Através das idades, cientistas e também artífices dotados de habilidades especiais, têm-se esforçado no sentido de oferecer aos seus semelhantes meios cada vez mais rigorosos de medir a mais intangível das coisas: o tempo. A medição exata do tempo é essencial em qualquer atividade da civilização de hoje. A própria história não pode dispensá-la. Qualquer acontecimento do mundo atual seria quase incompreensível, se ao narrá-lo não indicássemos o tempo de sua realização. A observação da altura do sol e de sua contínua marcha foi a origem daquela primeira noção.

As sombras projetadas no solo, extensas pela manhã, curtas ao meio-dia e novamente extensas à tarde, foram o relógio do homem pré-histórico. Vendo-as alongarem-se, reduzirem-se e tornarem a alongar-se, êsse nosso remotíssimo ascendente, sentia que o tempo passava, embora ainda não filosofasse a respeito. Os antigos gregos, segundo se acredita, foram os primeiros a dividir o período claro do dia em doze partes, doze horas, a primeira contribuição da antigüidade para o relógio moderno. Após vários estágios, a que contribuiram todos os povos civilizados antigos, como os indus, os gregos, os caldeus, os incas, os chineses, os egípcios, deixou-se de dar importância ao variável comprimento das sombras e, levando em conta apenas o seu curso lateral, encontrou-se, finalmente, um meio de marcar horas de igual duração através de tôdas as estações do ano. Inventaram os relógios de sol, com quadrante e um ponteiro, cuja sombra era projetada lateralmente numa escala. Em seguida veio a clepsidra, depois a ampulheta, e mais os relógios de óleo e enfim os primeiros de "bater horas", o pêndulo, o sincronismo, Galileu e as rodas dentadas, os pêsos, as cordas, os mostradores, os ponteiros e todo o resto que faz dos atuais "marcadores de tempo", verdadeiras obras-primas da metalurgia de precisão.

Pois é, mas depois dêste palavreado todo, ainda ficamos sem saber como se marcam as horas legais e as não legais. Foi por isso que rumamos para o Observatório Nacional, lá em São Januário.

Recebidos pelo sr. Adalberto Faria dos Santos, que é encarregado do serviço da hora e pelo seu auxiliar sr. Arthur Almeida, tivemos nossa curiosidade satisfeita e faremos o possível para satisfazer também a do leitor.

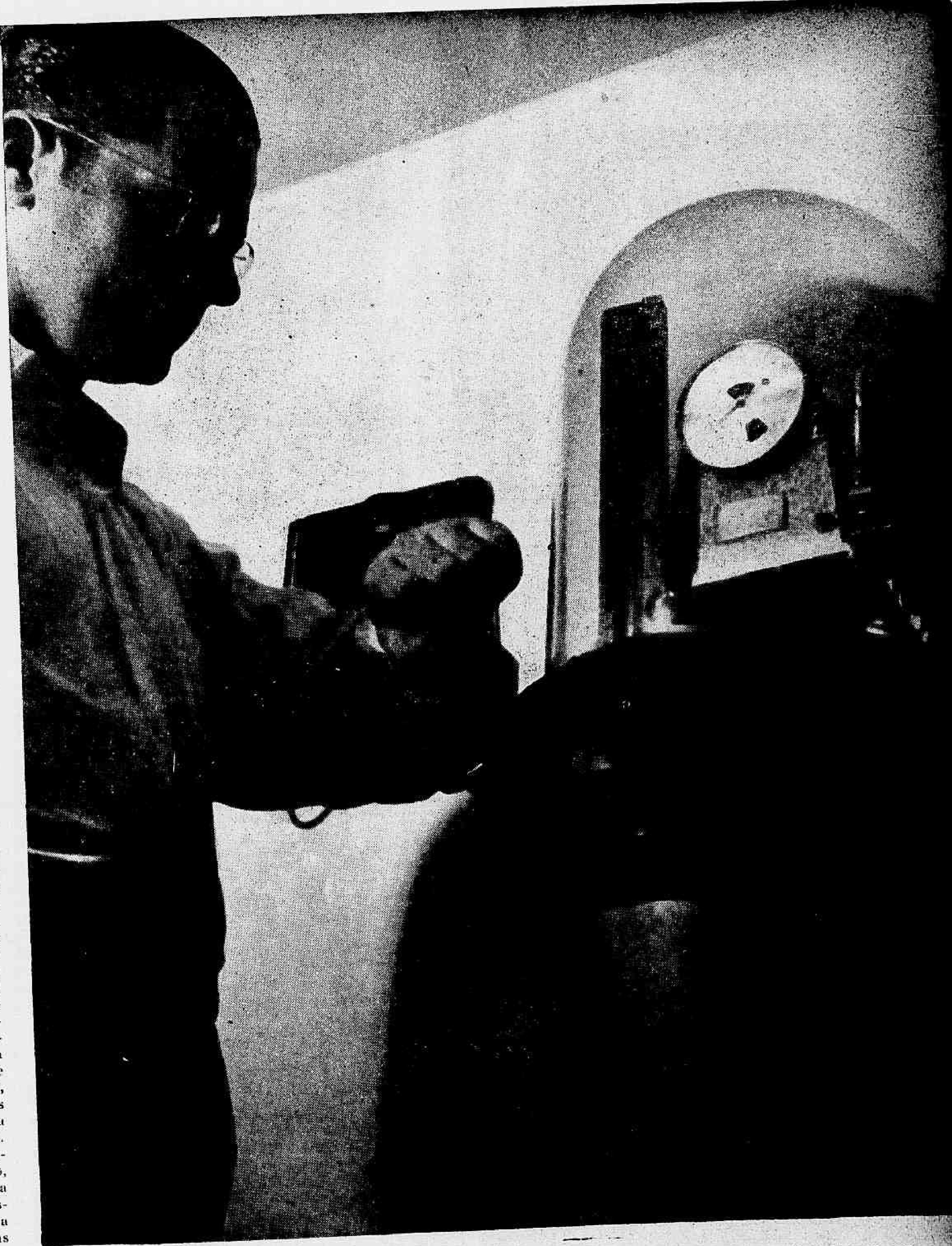
Se começarmos a falar de apogeu e perigeu, declinação, eqüação do tempo, paralaxe horizontal, posições aparentes, refração, conversão, constantes, ciclos cronológicos, ângulo horário, ascensão reta, e se começarmos a enunciar fórmulas, como a que diz: $H - h = L - F$, e que é uma das mais simples, os leitores provàvelmente a esta altura já devem estar se preparando para nos mandar plantar batatas, e com tôda razão. Mas acalmem-se, não é necessário chegr a tanto. Simplificaremos de tal maneira a coisa, que será até fácil, a nós, expô-la.

Até algum tempo atrás, devido ao fato de os vários observatórios existentes no mundo seguirem dados e tábuas astronômicas próprias e, portanto diferentes, havia bastante confusão na determinação da hora legal. Com a

evolução do saber humano, e conseqüentemente também da astronomia, seja pelos novos aparelhos construídos, como pelas novas técnicas e teorias aplicadas e aprovadas, tornou-se necessária a unificação, a centralização das observações realizadas e dos dados emitidos. Assim foi instituído o Bureau Internacional da Hora, sendo que em todo o mundo existe apenas uma dúzia de estações que transmitem a hora legal. No Brasil há duas: a do próprio Observatório Nacional e a do Arpoador. A do Observatório é a oficial e tem o prefixo PPE, a do Arpoador é mais para os navios e tem o prefixo PPR. Incumbência dessas estações é a de transmitir os sinais, registrá-los, e emitir os boletins. O Observatório-padrão é o de Greenwich, na Inglaterra, pelo qual se regulam todos os outros e que publica o Catálogo Fundamental com o horário da passagem de centenas de estrêlas pelos vários meridianos. Apesar de ser adotada a hora solar, sua determinação é feita pela observação das estrêlas.

Pelos cálculos feitos por astrônomos competentíssimos nos mais bem aparelhados observatórios da terra, é possível dizer-se com antecedência qual a hora em que uma determinada estrêla passará pelo meridiano de um lugar. Pois, aos astrônomos dêsse lugar não compete nada mais do que esperar a passagem da estrêla, registrar o momento e regular por êsse os cronômetros do observatório que estarão devidamente sincronizados. Por convenção a hora legal de um certo lugar é a hora civil do meridiano central do fuso a que êsse lugar pertence. Isso porque a terra está dividida em 24 fusos horários de 15 graus cada, tendo o primeiro para meridiano central o de Greenwich. A hora legal do Rio de Janeiro é atrasada de 7 minutos e 6,5 segundos sôbre o tempo civil local, porque o meridiano central do nosso fuso horário passa um pouco a oeste do Rio, e é atrasada de três horas sôbre o tempo civil de Greenwich.

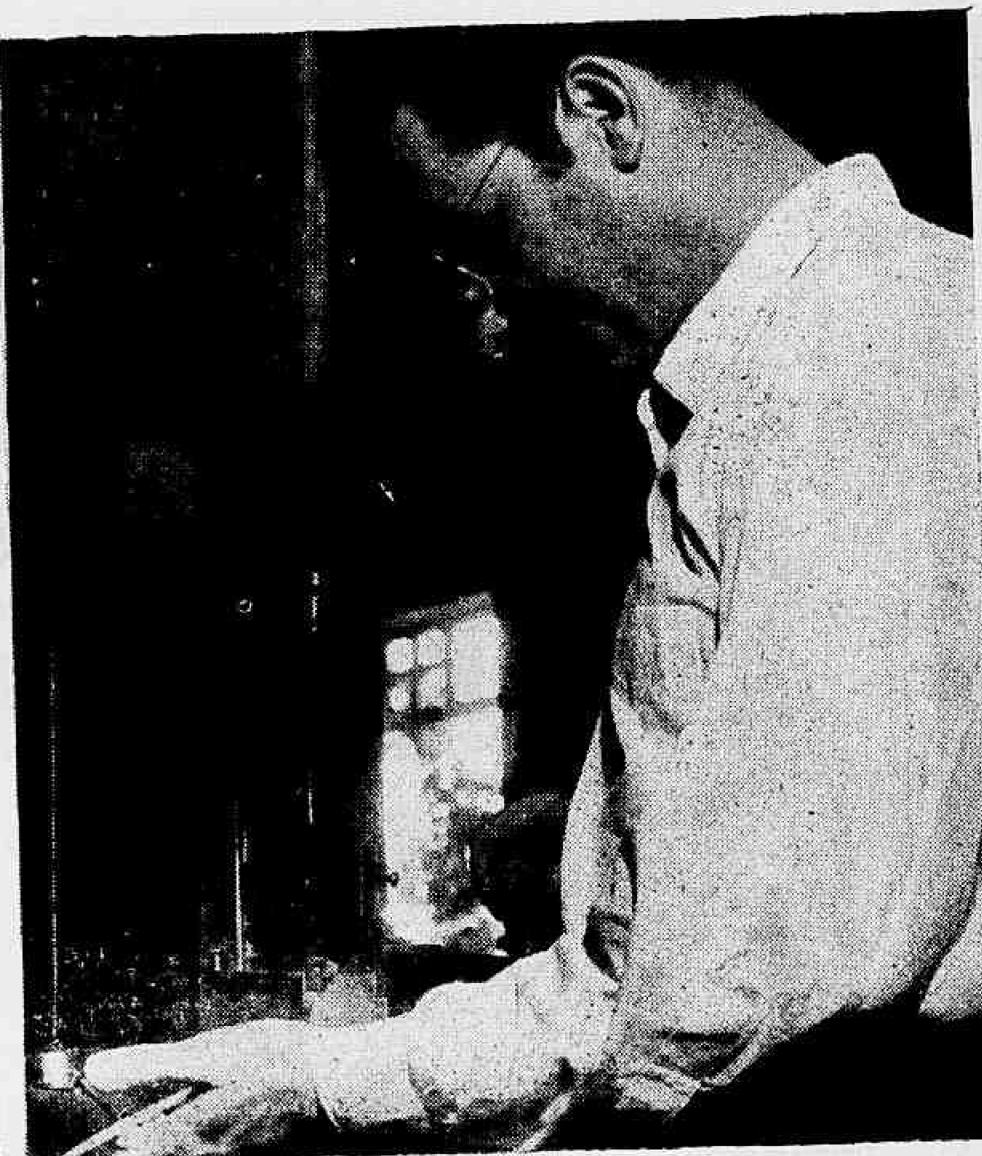
No Observatório Nacional o serviço legal é composto de quatro operações distintas: Determinação da hora sideral pela luneta de meridiano; conversão da hora sideral em hora civil; conservação da hora sideral por uma bateria de sete pêndulos; emissão pelo rádio dos sinais. A determinação da hora sideral é feita num pavilhão separado, cujo teto se abre para deixar um campo visual livre para a luneta, no sentido norte-sul, orientado com o meridiano de 43º 13'22",5 que é o do Rio de Janeiro. Esta operação naturalmente só pode ser feita à noite e com o céu descoberto. Uma vez escolhida no catálogo fundamental a estrêla que será observada, coloca-se a luneta na inclinação exata. No campo da luneta vêem-se quatro filamentos de retículo, dois verticais, paralelos e próximos, marcando o caminho que deverá percorrer a estrêla, e dois horizontais, dos quais um fixo atravessando o centro do campo, para indicar o lugar exato em que deverá estar a estrêla ao cruzar o meridiano do lugar e o outro móvel, para acompanhar o movimento da estrêla, comandado pelo observador, sincronizado ao pêndulo da hora legal e ligado a um cronógrafo de fita, onde ficam gravados os segundos emitidos pelo pêndulo e o movimento da estrêla que o observador está registrando. Uma vez obtido êsse registro, faz-se a conversão da hora sideral em hora civil, o que depende de uma série de cálculos, mais ou menos complicados e pelos quais passaremos por cima. Agora o problema é conservar a hora até a próxima observação. Para isso existe uma bateria de sete pêndulos no subterrâneo do Observatório, cobertos por campânulas de vidro, com o ar rarefeito por processo mecânico, a temperatura quase constante, e sincronizados com outros tantos mostradores no andar térreo. Duas vêzes por dia é feita a verificação da hora e comparada com as emitidas pelas estações estrangeiras, especialmente pela hora transmitida pelo Observatório Naval de Washington, talvez o mais perfeito no gênero. A verificação serve para determinar o



ÊSTE É O PÊNDULO principal. Fechado numa redoma de vidro, dentro da qual o ar foi rarefeito, trabalha em movimentos isócronos e constantes, com uma diferença de apenas 18 centésimos de segundo. Para nós, já satisfaz..



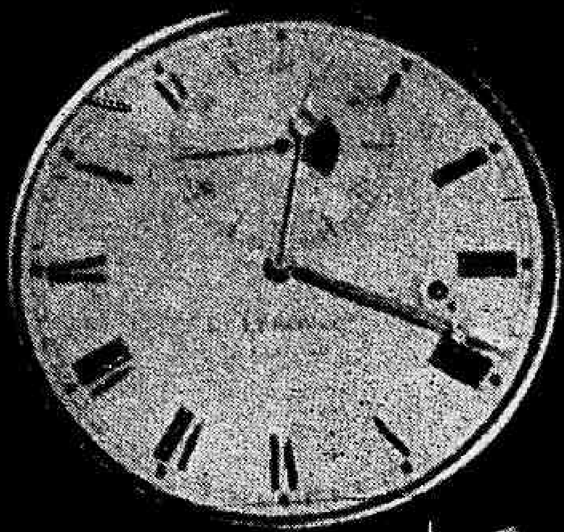
ÊSTE E' O PÊNDULO da Hora Legal. Faltam alguns minutos para o meio-dia e os segundos estão sendo irradiados pela emissora PPE. Na foto, o Sr. Artur Almeida, mostrando o sistema de sinais ao repórter

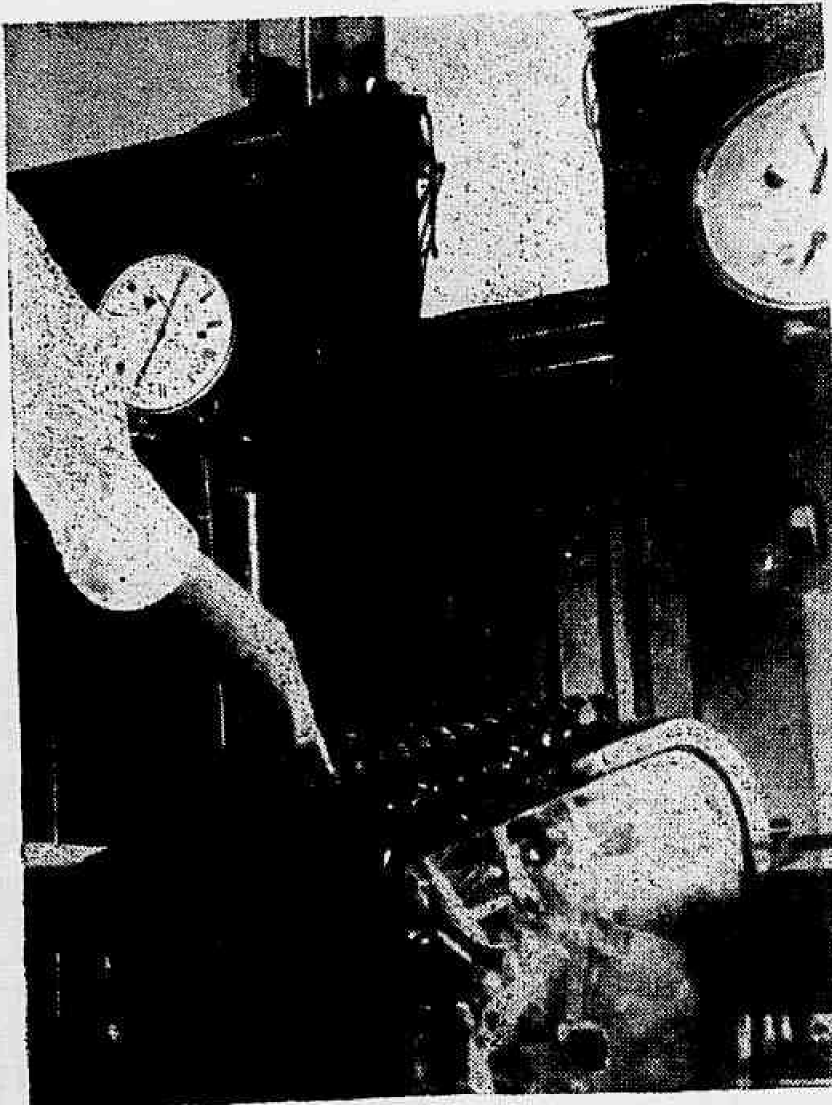


ENQUANTO O PÊNDULO marca o tempo o cronógrafo que lhe está sincronizado vai registrando na fita os sinais emitidos. Pelo exame posterior da fita verificar-se-á qual a diferença entre a hora transmitida e a hora legal



VÊ-SE AQUI mais um dos sete pêndulos do sub-solo do Observatório. Para que se possa calcular com uma certa exatidão a média das várias horas é preciso um mínimo de três pêndulos. O nosso Observatório tem sete..





AO FUNDO MAIS três mostradores dos pêndulos do sub-solo. No primeiro plano o Sr. Artur Almeida opera uma calculadora para determinar o estado e a marcha dos vários pêndulos e anotar, assim, a hora exata

A LUNETA DE meridiano ou instrumento de passagem é um aparelho pequeno e nada complicado. Mexe-se em vertical no sentido norte-sul e espia através da abertura do teto a passagem das estrêlas

estado do pêndulo e a marcha, que é a variação do pêndulo em 24 horas. Calculados todos ésses dados, são anotados em apósitos caderninhos, onde, por meio de deduções, é fácil determinar a hora legal exata. O mais curioso é que a diferença apresentada pelos pêndulos não é acertada, apenas anotada. Só quando há acúmulo de diferenças é que se corrige o movimento pendular até sincronizá-lo o mais possível com a hora legal. As diferenças apresentadas pelos pêndulos no Observatório Nacional são de apenas alguns centésimos de segundo. Lá não se fala em horas e minutos, tanto que os mostradores dos pêndulos não apresentam os ponteiros para essas divisões do tempo que devem estar rigorosamente certas. Há apenas o ponteiro dos segundos. E pensar que as diferenças apresentadas pelas observações norte-americanas chegam à quase precisão de um milésimo, como pudemos constatar nos boletins emitidos por êles. E' que lá o registro não depende do operador, pois é feito automàticamente por meio de fotografia, e basta a observação de uma única estrêla, quando aqui são necessárias umas dez, no mínimo, para se tirar a média. Há um pêndulo, ligado a um cronógrafo e ao rádio-transmissor, para a emissão, duas vêzes por dia, da hora legal, às 11 e às 22. Cinco minutos antes da hora, o rádio começa a transmitir sinais, espécie de pios que coincidem com os períodos do pêndulo. Usa-se o esquema americano moderno para se poder compreender qual o minuto que está sendo irradiado, mesmo que não se consiga escutar a transmissão desde o início. No princípio faz muita confusão, mas com um pouco de prática revela-se uma coisa fácil e acessível a todos. Há ainda o sistema de sinais científicos ou ritmados, transmitidos por um pêndulo especial, e que se dirige para os engenheiros de serviço no interior.

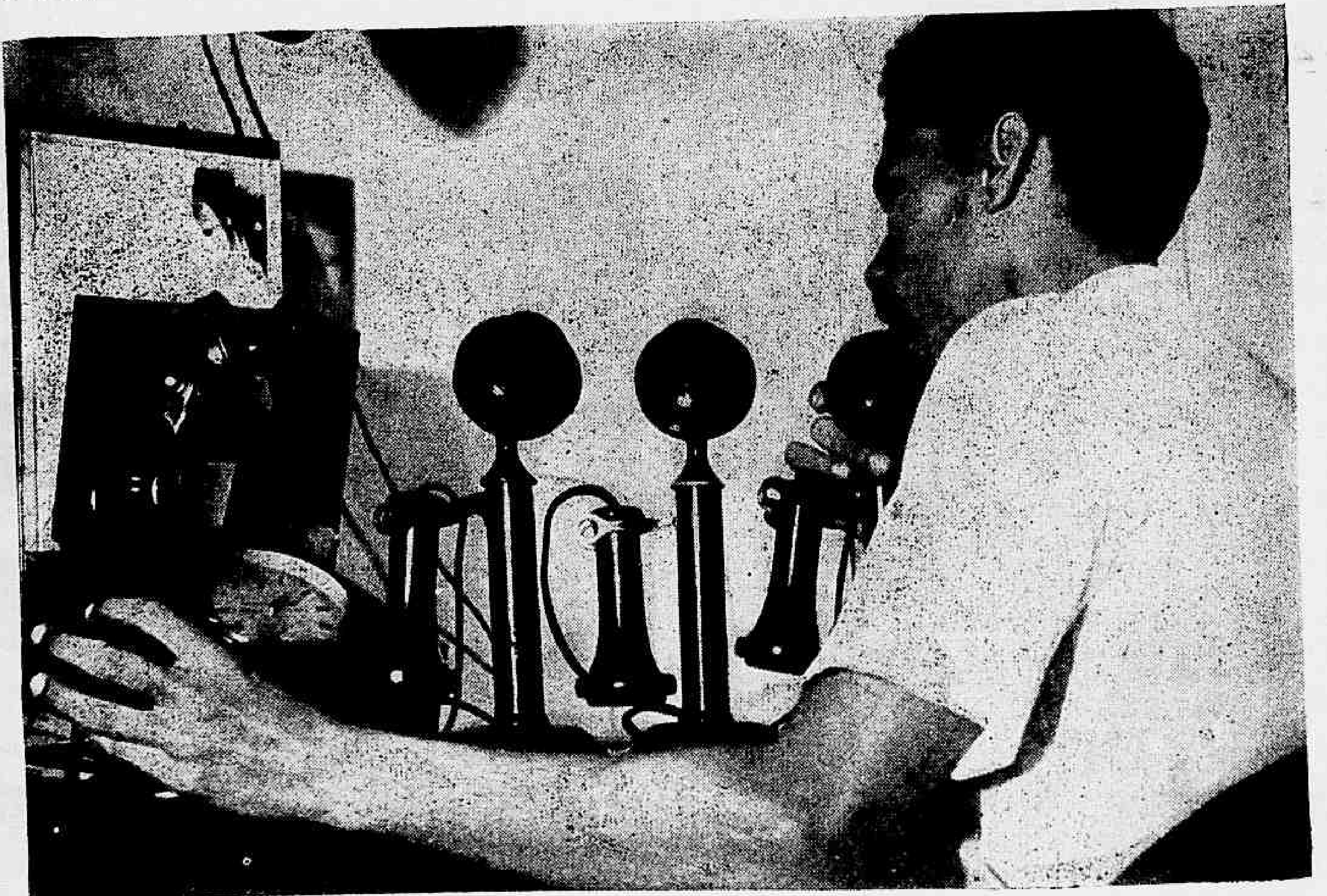
Perto da mesa de telegrafia há três relógios marcando "hora de verão" ajustados mais por comodidade, os pêndulos, porém, continuam com a hora legal, tanto que quando assistimos a transmissão da hora, ao meio-dia, maravilhamo-nos de verificar que o mostrador registrava 11 horas. E' que os pêndulos nunca são acertados, como dissemos acima, muito mais tratando-se de uma hora de diferença e de disposição transitória que voltará à normalidade em 30 de abril. A êsse respeito é interessante dizer que a hora de economia de luz durante o verão foi instituída em 1931, no Brasil, abandonada pouco depois, readotada agora; em Portugal usa-se desde 1915; na Bélgica desde 1916; na Inglaterra e Irlanda foi regulada em 1925; nos Estados Unidos é usada só em alguns estados e cidades; na Argentina vai de 15 de outubro até o último dia de fevereiro; na Espanha depende de decisão governamental cada ano; na França é regulada pela lei de 24 de maio de 1923; a Itália não adota a hora de verão e, a Rússia, que em 1918 a tinha adotado, por decreto de junho de 1930, estabeleceu que todos os relógios são mantidos adiantados de uma hora definitivamente, tanto no verão como no inverno.

Como vêem, apesar de se ter internacionalizado os sistemas de registro, apesar de tôdas as convenções e da necessidade cada vez maior de entendimento entre as nações, a confusão continua, inclusive na adoção da hora-média. Que dizer do resto...

E quando, no meio dos muitos mostradores, pêndulos e relógios do Observatório Nacional, perguntamos ao encarregado do serviço:

— Mas afinal, qual é a hora certa agora?

Êle puxou do próprio relógio e... verificou que estava atrasado de alguns minutos sôbre a hora legal...



O MOSTRADOR do pêndulo principal fica no andar térreo, para comodidade dos funcionários. Vagarosa, mas constantemente, o tempo vai sendo filtrado e registrado. Os segundos fugidiamente passam e não voltam mais

HÁ QUATRO TELEFONES à disposição do público para informar qual a hora legal. Nada de confiar na "hora certa" dos locutores das emissoras comerciais. E' só discar para o Observatório e terá com presteza, a hora legal

TUDO ISTO ACONTECEU

Terá mesmo acontecido?



Todo mundo acha que o funcionário público é um cidadão (ou cidadã) muito amigo do "dolce far niente", isto é, do não fazer muito e dos bons horários folgados, das licenças continuadas, das férias permanentes. Mas, em verdade, nem sempre é assim e há exemplos de grandes sacrifícios, vendo-se funcionários públicos que trabalham redobradamente e que nunca faltaram um só dia ao serviço, que jamais tomaram um dia de licença em tôda uma longa vida de dedicação às instituições.

No Rio há um dêsses casos raros.

O comissário Solon Ribeiro, filho do general Solon Ribeiro, figura histórica nos acontecimentos da queda da monarquia no Brasil, serviu na Polícia do Distrito Federal durante cêrca de meio século sem uma falta, sem um dia de licença, sem uma censura, até aposentar-se.

Não é, pois, de admirar-se que um caso mais ou menos semelhante tenha ocorrido na Espanha.

Segundo telegrama que nos vem de Madrid, o prefeito da capital espanhola ofereceu uma festa em honra do sr. Cecilio Rodrigues, chefe dos Parques Públicos daquela cidade.

O motivo é edificante. Cecilio Rodrigues começou a servir naquele lugar público com apenas nove anos de idade, trabalhou nada menos de setenta e cinco no mesmo ofício, estando hoje com a avançada idade de oitenta e quatro janeiros.

Durante todo êsse tempo não faltou um só dia ao serviço, merecendo, pois, as homenagens da Municipalidade de Madrid. O caso é admirável, não pela constância do Rodrigues, mas porque nem mesmo ao tempo em que era criança fêz êle uma gazetinha... E nem sabe o que perdeu!

RESIGNAÇÃO

Uma das mais belas faces do espírito humano é o amor materno. Quando o filho nasce, embora seja um monstro, o amor materno o vê com os olhos de mãe. Há casos em que nasce uma criança com enormes defeitos orgânicos, taras funcionais, aleijões horríveis para os estranhos e até mesmo para pessoas mais achegadas à família. Os olhos de mãe, entretanto, vêem o rebento como se tudo aquilo fôsse justamente o contrário. Embalam o filho teratológico com a mesma delicadeza, o mesmo amor com que o fariam se viesse êle ao mundo como um modêlo de perfeição. Felizes daqueles que podem corrigir os defeitos físicos e podem integrar os filhos defeituosos na comunidade humana. O caso mais recente que nos chega ao conhecimento é o daquela menina de Pittsburgo.

Chama-se Ninita Evelyn Stypula, de quatro anos de idade, a quem "Deus não deu pés", mas que pôde andar desde o dia 30 de novembro dêste ano, graças aos novos pés que lhe deu a Sociedade pró-Crianças Inválidas daquela cidade. Evelyn nasceu sem pés, e, vendo um dia outras crianças a brincar, perguntou à sua mãe, Sylvia Stypula: "Mamãezinha, onde estão meus pés?". Com o coração a sangrar, ela respondeu: "Minha filha, Deus não te deu pés". Mas Evelyn cresceu e compreendeu melhor sua invalidez. Sua mãe recorreu à Sociedade. Internada num hospital, Ninita foi operada. Amputaram-lhe as pernas à altura das coxas e aplicaram pernas artificiais que irão sendo mudadas até que não mais cresçam as pernas de Ninita, que agora se sente feliz por poder brincar com as outras crianças, sem meter os pés pelas mãos.



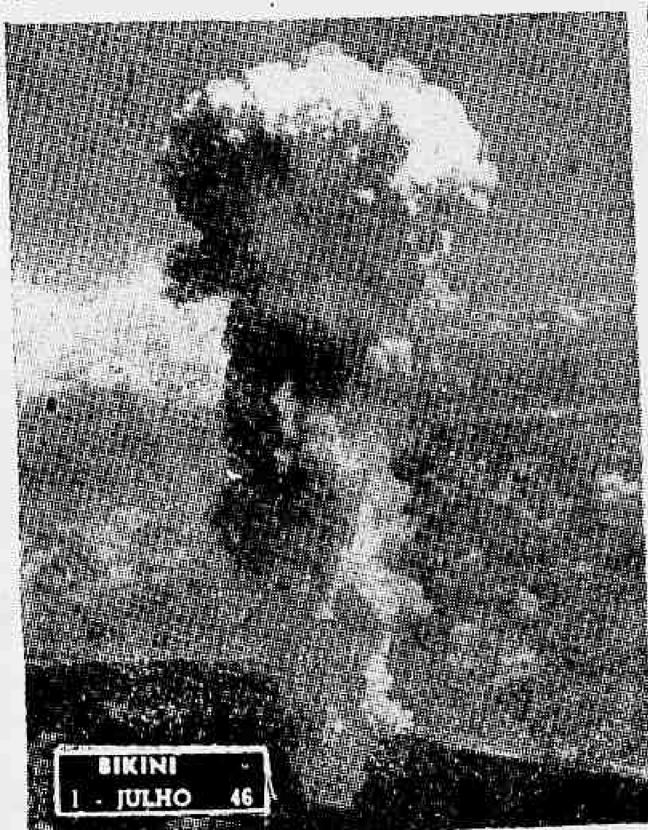
ALAMOGORDO 6 - JULHO - 45



HIROSHIMA 6 - AGÔSTO - 45



NAGASAKI 9 - AGÔSTO - 45



BIKINI 1 - JULHO 46



BIKINI 25 - JULHO - 46



ENIWETOK ABRIL - 48

O FIM DO MUNDO

Segundo telegramas vindos de Nova York, estão os sábios que conseguem o milagre da desintegração do átomo cogitando de fabricar uma bomba com potencial destruidor de mais de mil vêzes o da conhecida bomba atômica norte-americana.

Dizem que êsse engenho de destruição será obtido agora com o auxílio do hidrogênio. Ora, se uma pequenina bomba atômica é capaz de destruir uma cidade de trezentos mil habitantes, matando e inutilizando tudo e todos em um segundo, que não será essa nova bomba de hidrogênio com fôrça mil vêzes superior à que arrasou Hiroshima ou Nagasaki? Nem é bom pensar nisso...

Mas, em verdade, o cérebro humano não descansa e vive a rebuscar fórmulas algébricas complicadas pelas quais chega a penetrar em segredos inviolados até agora nos arcanos da Natureza física do planeta.

De certos minerais como o urânio, extraíram os físicos a fórmula que desvendou segredos inacreditáveis e que vinham ocupando o pensamento do homem desde mil anos antes de Cristo.

A guerra de 1939 a 45 foi a alavanca precipitadora dessa descoberta sensacional. Dos cofres dos Estados Unidos saíram mais de dois biliões de dólares para fabricar-se a primeira bomba atômica, empregando nada menos de dois mil operários, técnicos e sábios de laboratórios em lugares diferentes, cada qual realizando determinada tarefa. Por fim assombrou-se o mundo com estas notícias: a explosão atômica de Alamogordo, em 16 de julho de 1945; o arrasamento de Hiroshima a 6 de agôsto daquele mesmo ano; a 9 de agôsto, destruída a cidade de Nagasaki; a experiência de Bikini, a 1.º de julho de 1946, outra vez, no mesmo atol, a experiência de 25 de julho de 1946, e, afinal, em Enivetok, abril de 1948. Que virá agora com o hidrogênio?

UM TRONO PELO AMOR

Há poucos anos passados foi o mundo surpreendido com esta notícia sensacional, especialmente entre a aristocracia de impérios e repúblicas: Eduardo VIII, rei da Inglaterra, vai trocar o trono pelo amor.

Sim, pelo amor de uma senhora que não vinha de qualquer linhagem real. Casamento morganático, com o que perderia o rei todo o direito de governar o vastíssimo e poderoso Império Britânico.

E assim foi. O filho de Jorge V, o famoso Duque de Windsor que o Rio conhecera quando, em companhia de seu irmão mais novo, estivera a tomar banhos na Guanabara, casou-se com a sra. Simpson e renunciara a tôdas as glórias da coroa real.

O caso assumiu proporções de sensacionalismo mundial e não houve imprensa que não o comentasse.

O ex-rei da Inglaterra passou a ser um cidadão vulgar, embora duque. Mas, como seria de esperar, na própria Inglaterra é êle encarado com a maior simplicidade.

A família real não entra no conhecimento da existência de sua espôsa. Sempre que o Duque de Windsor vai à pátria de nascimento, deixa a mulher na França, atravessa sòzinho o canal e visita os seus maiores e menores sem o acompanhamento da espôsa.

Para poder viver mais folgadamente, já até lhe arranjaram uma função de governador de uma possessão britânica, mas êle não ficou ali e deu o fora.

Faz poucos dias voltou à Inglaterra. Chegou a Londres como passageiro comum de um trem noturno. Ao saltar na gare não havia ninguém a esperá-lo. Sua ida à capital é para visitar o irmão e a Rainha-Mãe, Mary. Hospedou-se em casa de amigos no bairro Mayfair.

A quanto obriga o amor!



Misérias da civilização

As exigências da vida atual com todo o seu cortejo de dificuldades têm forçado muita gente a praticar atos de inqualificável degradação moral.

Pais que vendem filhos; esposos que mercadejam as mulheres, mães que abandonam recém-nascidos quando não os matam e depositam em latas de lixo.

Mas, ao que parece, o caso mais revoltante acaba de passar-se em Marano, na Itália. Vamos reproduzí-lo para que o leitor veja a que degradação moral chegou êste incrível século XX:

"Marano, Itália (13-12 — AFP) — Um empregado do comércio concordou em alugar a espôsa durante vários dias, a um rico industrial, pela quantia de cem mil liras.

O contrato de locação foi passado em boa e devida forma e assinado pelos três interessados após faustosa refeição paga pelo industrial. Depois disso o comerciário regressou sòzinho à sua residência enquanto o industrial ficava em companhia da espôsa alugada.

Mas, no dia seguinte, arrependido do seu gesto, o comerciário se apresentou ao industrial e reclamou a devolução da espôsa.

O magnata tirou do bolso o contrato assinado pelos três e lhe mostrou. Era esta a resposta. Enquanto não decorresse o prazo estipulado, que fôsse o comerciário dormir sòzinho. Mas o rapaz estava com uma enorme saudade da cara-metade e insistiu com veemência. Gritou, esbravejou. A espôsa tomou o partido do industrial e exigiu que seu espôso respeitasse o contrato. Houve rôlo. O industrial, mais forte, esmurrou o rapaz a valer e lhe quebrou vários dentes. Vencido pela fôrça física, pela fôrça do contrato e pela opinião da espôsa, foi para um hospital..."

TUDO ISTO ACONTECEU

QUE ANJINHOS!

Não há neste mundo quem não assevere que o tubarão é um peixe terrìvelmente voraz, sedento de sangue, valente, sempre pronto a atacar o homem quando êste lhe invade os domínios do mar.

Sempre que conversamos com pessoas que se dedicam à pesca, ou com algum náufrago, bem como com certos nadadores de mais afoita coragem de ir ao largo, ouvimos de todos esta frase: "Só tenho medo dos tubarões".

Tubarão é, pois, sinônimo de perigo.

Mas, ao que parece, há uma pessoa neste planeta que contesta veementemente tal versão.

O grande e poderoso peixe não é capaz de matar uma formiga, isto é, não ofende a ninguém.

Quem diz isso? O dr. Hans Hass, conhecido explorador marítimo, filho da Áustria.

O dr. Hass, porém, não fala apenas por ouvir dizer, ou por uma questão de querer ser do contra em matéria universalmente conhecida: a voracidade criminosa dos tubarões.

O explorador do fundo do oceano garante o que diz e prova, indo, pessoalmente, aos domínios dos tubarões justamente em mares perigosamente infestados dêsses enormes peixes.

Acaba êle de realizar uma excursão ao Mar Vermelho, com o intuito de comprovar sua teoria sôbre a inofensibilidade dos tubarões.

O dr. Hass sempre sustentou que os tubarões não atacam, absolutamente, o homem, nem são perigosos quando se nada em sua direção.

E, para provar, mais uma vez desceu no meio dêsses peixes. Subiu à superfície e nos conta tudo isso. Uns anjinhos...

UM BRILHANTE CIGARRO



Não é sòmente nos Estados Unidos que acontecem certas coisas maravilhosas. Também na Espanha vêm a lume episódios capazes de inspirar novelistas e inventores de contos policiais.

Um habitante da cidade de Castelon de la Plana, grande fumante, foi a uma tabacaria e comprou seu macinho de cigarros.

Um após outro foi êle pitando até que chegou ao último. Retirou-o da carteira e ia levá-lo à bôca quando sentiu entre os dedos polegar e indicador um corpo resistente dentro do mesmo.

Ora, como todos sabemos, cigarro nunca teve caroço, e aquêle denunciava um corpo estranho. Que seria?

O fumante, sr. Joaquim Fonte, cheio de curiosidade, apalpou com certa estranheza o ponto em que estava aquela coisa áspera como se fôsse uma pedrinha e abriu o cigarro.

Perderia o direito de fumá-lo, mas chegaria à conclusão do que seria aquilo.

Era uma pedrinha translúcida. Seria mesmo um brilhante?

O sr. Fonte, não cabendo em si de estupefação, procurou um joalheiro e mandou que examinasse o achado.

O homem armou-se da lente, virou e revirou a pedrinha e disse ao fumante que aquilo era um brilhante. Se quisesse vender, daria por êle setecentas pesetas.

O nosso herói desconfiou da oferta e foi a outro técnico. Já êsse foi mais liberal, informando que a pedra valia perfeitamente umas doze mil pesetas. Se quisesse, êle a compraria por êsse preço. Mas Joaquim Fonte não se convenceu e, ao que parece, ainda anda atrás de avaliadores. Pensamos que está correndo sério perigo, pois se a fábrica souber é capaz de reclamar como dela...

Cigarro com cheque, já conhecíamos. Com brilhante é que não...

PRESENTE DE ANO BOM



O general McArthur, chefe da ocupação militar no Japão, acaba de presentear o povo daquele país com um dos mais curiosos e agradáveis presentes de que se pode ter memória.

Todo mundo passará a ser mais moço no antigo Império do Sol Nascente...

Como se poderá obter tamanha operação?

Vejam como se passou a novidade:

"Yokohama, 24 (U.P.) — As jovens japonêsas hão de estar mais felizes do que de costume, neste Natal, porque o general Mc Arthur está fazendo com que cada uma delas seja um ano mais moça ao iniciar-se 1950. Sob a tutela das autoridades de ocupação, a Dieta japonêsa aprovou recentemente uma lei modificando o imperial sistema de contagem da idade das pessoas no Japão. Em consequência, o tempo será contado para trás, em doze meses, ao iniciar-se em 1950. Até aqui uma criança nascida no Japão a 31 de dezembro, teria, automàticamente, dois anos no dia de Ano Bom, em virtude do sistema segundo o qual cada pessoa conta um ano mais do que tem realmente, e passa a ter mais um ano a cada novo dia de Ano Bom. Isso foi abolido sob a ocupação norte-americana, como ilógico."

Eis um presente de Festas que agradaria muito a qualquer povo, mesmo se a generosidade alcançasse os macróbios. No Brasil é costume também diminuir-se a idade das pessoas, mas de maneira ardilosa, com um único fim: arranjar bons empregos quando o excesso de idade proíbe...



Que ódio!

Há pessoas com temperamento tão sensível e caráter de tal maneira forte que nem a ação do tempo seria capaz de apagar certos sentimentos.

Tanto em questão de amor como em casos de ódio, essas pessoas não transigem, e serão capazes de aguardar um século para executar seus propósitos recalcados no fundo do espírito.

Passou-se um dêsses casos, ùltimamente, na França.

Na cidade de Toulon, aí pelo ano da graça de 1923, estava um cidadão de nome George Raymond a bailar alegremente num salão de danças, quando teve certa altercação com outro patrício. Não se sabe se a teima foi provocada por questões de amor, ou pela explosão determinada pelos vinhos generosos que ambos haviam tomado. A verdade é que o outro vibrou tremenda bofetada em Raymond.

Nunca mais se avistaram. Parecia que o agressor estava temendo uma vingança de sua vítima e procurava evitar encontros.

George Raymond, porém, tudo fazia para ver se descobria o paradeiro do esmurrador. O episódio, em seguida, parece que ia caindo em **exercício findo**, apagando-se da lembrança de ambos, ou melhor, da lembrança da vítima.

Mas tal não se dava, exatamente.

George Raymond, sempre que se olhava ao espêlho, recordava-se da bofetada que fizera inchar o rosto, de maneira deplorável. E sentia nalma uma onda de explosão a clamar por vingança.

E um dia... ou melhor, no dia 26 de dezembro último, Raymond deu de cara com o outro. Reconheceu-o e cobrou a bofetada de 26 anos passados com violento murro no nariz do antigo agressor, deixando-o ensanguentado. E valeu a multa de 800 cruzeiros com que o juiz o condenou...

Orgulho de ser prêto

A natureza humana tem caprichos espantosos.

Não é segrêdo para ninguém que as pessoas de côr negra, embora possuidoras de tôdas as boas qualidades morais e intelectuais, preferiam ser brancas.

Prova isso o trabalho que têm, especialmente as mulheres, para conseguir cabelos lisos lábios róseos, faces coradas, atributos próprios das mulheres da raça branca.

Há pessoas de côr que não escondem o seu desgôsto íntimo por serem como são, com aquêle pigmento que as reduz a certas condições de inferioridade racial em face dos brancos.

Desta forma, é evidente, se pudessem voltar à estaca zero e escolher a côr da epiderme, prefeririam ser de côr branca, cabelos finos e sedosos, lábios vermelhos, faces rosadas.

Entretanto acaba de verificar-se um caso virgem em todo o mundo e que vem provar que a natureza humana possui facetas inacreditáveis.

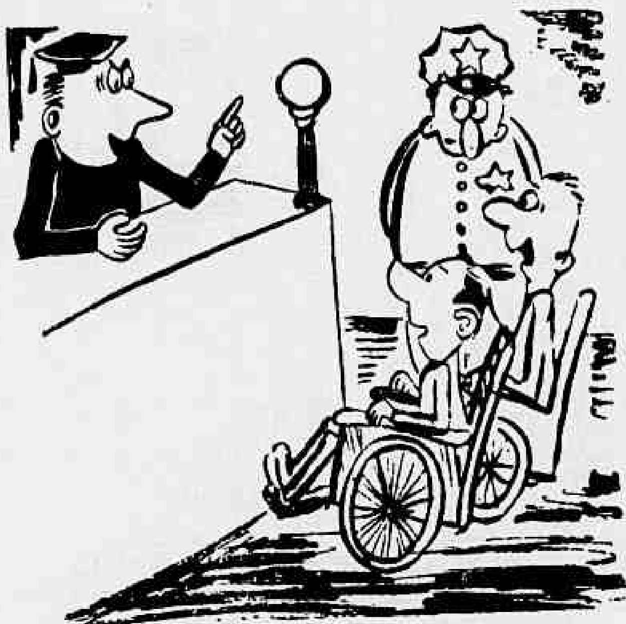
O caso é divulgado por um telegrama da U.P. (United Press) e nos vem de Los Angeles, California, Estados Unidos da América do Norte.

Diz o telegrama que um negro, Charles Howard, que, acidentalmente, resolvera o problema da segregação racial, deseja voltar a ser prêto. Êsse cidadão norte-americano, graças a uma afecção da pele, tornou-se branco.

Até então êle não podia misturar-se com os brancos, sofria as mais vexatórias restrições, era humilhado... Depois que sua pele ficou branca, tudo mudou. Mas Howard tinha orgulho de sua raça e quer voltar a ser prêto.

Mas será mesmo verdade?





Saudação original

Há casos extraordinários de sentenças judiciais que passaram à história. O mais famoso, naturalmente, é aquêle de Salomão, diante da luta de duas mulheres sôbre a posse de uma mesma criança, cada qual asseverando ser a verdadeira mãe do garotinho.

Em Nova York, porém, acaba de verificar-se um interessante caso de julgamento.

Um juiz reuniu o seu tribunal num hospital daquela cidade a fim de proferir sentença contra dois ladrões aleijados.

Os dois detidos foram levados em cadeiras de roda para a sala de espera do hospital-presídio.

Ambos haviam sido atingidos pelas balas da polícia e ficaram paralíticos da cintura para baixo. Chamam-se êles George Del Toro e Pedro Hernandez.

Del Toro tem vinte e um anos e é ladrão confesso. Ao assaltar um restaurante em 1947, foi ferido por bala da polícia.

Pedro Hernandez é mais velho. Tem trinta anos de idade e foi também ferido pelas armas policiais a 5 de dezembro de 1949, ao fugir depois de um assalto contra um motorista.

O juiz, depois de examinar os autos e ouvir os delinquentes, deu-lhes estas sentenças: "Sr. George Del Toro, minha sentença contra o senhor é o tempo que já serviu aqui".

Voltando-se então para o outro malandro disse o juiz: "Sua sentença, sr. Hernandez, ficará suspensa. Por mais severa que fôsse minha decisão, nada poderia aumentar a decisão que o senhor próprio se impôs".

Estavam livres. Podiam ir embora em suas cadeiras de rodas. E, quando transpunham a porta do hospital, o juiz acrescentou: "Desejo a ambos um bom Natal e Feliz Ano Novo".

Tipo do juiz camarada, pois não!

59 NOIVOS

Parece que, atualmente, tudo pode ser resolvido através de correspondência. Mesmo os casos estritamente sentimentais, como os de amor.

Antigamente só príncipes e princesas casavam por procuração e através de retratos. Mas isso era porque a vida dinástica e os interêsses das côrtes a tal obrigavam os amantes. Contudo, de quando em quando surgia um caso de casamento morganático. Outras vêzes se verificavam verdadeiras tragédias entre as famílias reais quando um dos noivos não se conformava com a figura do outro.

Nos momentos que passam êsse sistema de casar por intermédio de anúncios na imprensa está tomando vulto.

Vejam o que acaba de ocorrer em Gettysburg, South Dakota, nos Estados Unidos. O caso é o seguinte, conforme telegrama da Agência Reuter: Ilse Derinlowska, de 28 anos de idade, natural de Hamburgo, Alemanha, vivendo sòzinha, resolveu casar-se; mas, como não é muito fácil encontrar um noivo com tanta facilidade, ela teve esta idéia: escrever ao prefeito da cidade, sr. Walter Sunderland, esclarecendo que estava vivendo uma vida muito monótona, solitária, apesar de ser dotada de beleza física, dona de um busto como o de Jane Russell e pernas iguais às de Betty Grable. O prefeito mostrou a carta a alguns jornalistas. Os efeitos não se fizeram esperar.

De North Dakota, Wyoming, Iowa, Nebraska, Minnesota, começaram a chover cartas de pretendentes à mão da hamburguesa. Nada menos de 59 pretendentes. Mas quem já está aborrecido com o caso é o prefeito, convertido em agenciador de casamentos...



ISTO NÃO ACONTECEU AINDA

Mas precisa acontecer, amigos. Principalmente em Copacabana, não sendo possível fazer o mesmo nas outras praias cariocas — para benefício do banhista, de quem procura fugir à canícula dêstes dias tórridos de janeiro à busca de um refrigerante natural nas águas salgadas. Mostra o "cliché" flagrante de uma praia na Florida, Estados Unidos. E' assim em Miami, onde se procura dar aos frequentadores tôdas as comodidades. Lá estão guarda-sóis em quantidade, cadeiras de lona que a municipalidade faz instalar na areia, lugares apropriados para trocar de roupa — e outras coisas boas que não existem em Copacabana mas precisam ser nela introduzidas. Há locais apropriados para a prática de inofensivos desportos, dispostos de modo a não afetar quem vai à praia com o mero propósito de banhar-se. E um pouco de sombra sempre se encontra, por obra e graça dos poderes públicos — para atrair os turistas. Nas praias cariocas, o problema número um consiste em encontrar onde despir a roupa que se levou de casa (quem não morar nas vizinhanças) para cobrir-se com o "maillot". E Copacabana não existe apenas para os moradores do bairro, claro. Nossas praias são tórridas, escaldantes, nem sempre convidativas, devemos reconhecer a verdade. E seria tão fácil fazer isso que os norte-americanos realizam! Um pouco de iniciativa, de boa vontade, mais nada. Quando veremos executado êsse edificante exemplo?



A BATALHA DO TRIGO NO BRASIL

Quando tanto se focaliza o velho problema do abastecimento de trigo em nosso país e quando em vários Estados da União vem sendo intensificada a sua cultura, poderemos oferecer aos leitores da REVISTA, no próximo número, uma palpitante reportagem obtida em terras do Rio Grande do Sul, à margem dêsse interessante motivo. Pouca gente sabe que o Estado gaúcho está habilitado a produzir o trigo suficiente para abastecer todo o território nacional. E por que não o faz? — indagamos nós todos. Simplesmente porque... Mas a resposta não é fácil. Talvez porque se trate muito mais de política do que de administração, sem darem os nossos homens de govêrno, a problemas dêsse vulto, a importância que êles merecem. Nossa reportagem sôbre a Batalha do Trigo vai pôr os leitores a par do que na região dos Pampas se faz nesse propósito. E quem sabe se dessa divulgação não surgirá quem se disponha a levar o assunto a sério, cuidando um pouco do estímulo aos bravos patrícios que ao longe, alheios às quisílias da politicagem, preferem cultivar a generosa gleba, dela extraindo o fruto mais necessário para os brasileiros de todos os quadrantes? — Na gravura, um flagrante dessa reportagem feita por Luis Carlos Leça.

NESTE NÚMERO

N.º 2 — 21 — Janeiro — 1950

REPORTAGENS

A UDN por fora e por dentro (Carlos Duarte) 4/9
Onde não se faz agricultura (M. Mercedes Santos) 19/22
Três baianos na vida de Carmen Miranda (Armando Pacheco) 28/31
Imagens de Paris (News Press) 33/35
Hora Certa (Sabino Canalini) 52/54

ATUALIDADES

A morte de João Luso 14
Cidade do ferro (Elisa C. Branco de Morais) 47

LITERATURA

Pastoril de 1900 (Mario Sette) 3
Semana Literária (Ed. Lys) ... 12/13
Beiradeiro (M. J. Santos Filho) 27
Carnaval que não findou (Lucília Figueiredo) 32

HUMORISMO »

Provérbios (Nicodemus) 23
Bom Humor 36
De tudo um pouco (Theo) ... 49

FEMININAS

Um livro contra as mulheres (Lysa) 37
Modelos para a tarde 38
Vestidos ligeiros 39
Modelos de Hollywood 40/41
Chapéus de verão 42
Week-End na Cozinha 43
A mulher mais perfeita do mundo 50/51

CINEMA

Olivier-Shakespeare 24/26

TEATRO

"Beija-me e verás" 15/18

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana 10
Puxe pelo cérebro 11
Música (Roberto Lyra Filho) .. 44
A saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 46
Tudo isto aconteceu 55/57

★

FOTOS : Arnaldo Vieira.
Renato Pinheiro
News Press
Avulsas

★

ILUSTRAÇÃO : M. Queirós

★

Na Capa:

LIZABETH SCOTT
(Foto Paramount)

RESPOSTAS...

1 — Espanha
2 — Minas Gerais
3 — Peletier
4 — Adriano do Vale
5 — 101
6 — 428
7 — Prudente de Morais
8 — Ortografia Simplificada Brasileira (Jeneral Klinger)
9 — D. Pedro II
10 — Rodrigo Otávio
11 — Símbolo do Comércio (Mercúrio)
12 — Henóquia
13 — O do deus Apolo
14 — Jaguaribe
15 — Santa Cecília
16 — O do Líbano
17 — 7-3-1888
18 — Sete manhãs
19 — Do Barão de Ipanema, dono das terras
20 — No govêrno Epitácio Pessoa.



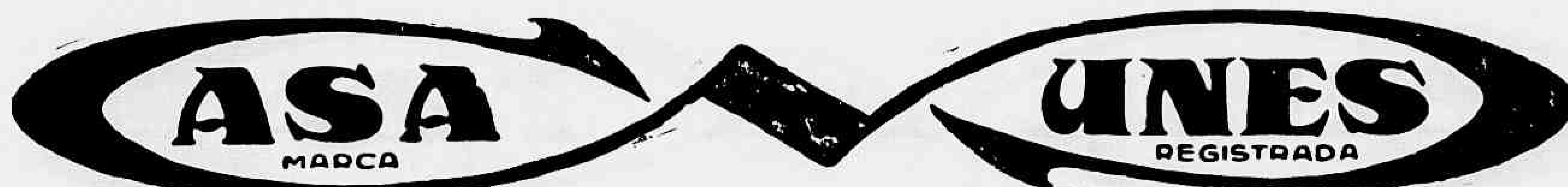


TAPETES DE TODO O MUNDO...

Carrinhos de chá — Poltronas — Escrivaninhas — bergeres e

GRUPOS ESTOFADOS... para presentes úteis, na

TRADICIONAL VENDA ANUAL da



65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

Nos gramados do Gávea Golf Club, os adeptos deste aristocrático sport encontram um ambiente elegante e acolhedor.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Na manhã de sol — uma partida ganha!... e a recompensa merecida — um delicioso cigarro Hollywood! Fumar Hollywood dá mais realce às horas de lazer... faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial, resultado de seus fumos escolhidos, Hollywood já é uma tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

88 031 - H